



## Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores

### Diário da Sessão

**IX Legislatura**

**Número: 113**

**IV Sessão Legislativa**

**Horta, Quarta-Feira, 21 de Outubro de 2011**

**Presidente:** *Deputado Francisco Coelho*

**Secretários:** *Deputados José Ávila e Cláudio Lopes*

*Os trabalhos tiveram início às 10 horas e 07 minutos.*

### SUMÁRIO

Após a chamada dos Srs. Deputados, passou-se à **Agenda da Reunião**.

**1 – Continuação do Projecto de Resolução n.º 28/2011 – “Alteração da regulamentação dos preços do pão, farinha e cereais importados na Região Autónoma dos Açores”**, apresentado pelo Grupo Parlamentar do BE.

Participaram no debate os Srs. Deputados Rogério Veiros (*PS*), Paulo Estêvão (*PPM*), Mário Moniz (*BE*) e Pedro Medina (*CDS/PP*).

Submetido à votação, o diploma foi rejeitado por maioria.

Após a votação, usaram da palavra para declarações de voto os Srs. Deputados Zuraida Soares (*BE*), Rogério Veiros (*PS*), Pedro Medina (*CDS/PP*) e Aníbal Pires (*PCP*).

**2 - Projecto de Resolução n.º 32/2011 – “Valorização do rendimento da pesca e promoção da sustentabilidade dos recursos marinhos”**, apresentado pelo Grupo Parlamentar do PS.

Após a apresentação pelo Sr. Deputado José Lima, participaram no debate os Srs. Deputados António Pedro Costa (*PSD*), Lizuarte Machado (*PS*), Mário Moniz (*BE*), Paulo Estêvão (*PPM*), Aníbal Pires (*PCP*), Pedro Medina (*CDS/PP*), Artur Lima (*CDS/PP*), Francisco César (*PS*), Luís Silveira (*CDS/PP*), José Rego (*PS*) e ainda o Sr. Subsecretário Regional da Pescas (*Marcelo Pamplona*).

No seguimento da intervenção do Sr. Deputado Aníbal Pires (*PCP*), usou da palavra para um protesto o Sr. Deputado Berto Messias (*PS*), tendo o Sr. Deputado Aníbal Pires (*PCP*) usado da palavra para um contra-protesto.

Submetido à votação, o diploma foi aprovado por maioria.

**3 - Projecto de Resolução n.º 33/2011 – “Melhoria da eficácia da recolha, tratamento e divulgação de informação estatística relacionada com toda a cadeia de valor da agricultura e pecuária”**, apresentado pelo Grupo Parlamentar do PS.

Após a apresentação pelo Sr. Deputado Duarte Moreira, participaram no debate os Srs. Deputados Aníbal Pires (*PCP*), António Ventura (*PSD*), Pedro Medina (*CDS/PP*), Mário Moniz (*BE*), Paulo Estêvão (*PPM*), Zuraída Soares (*BE*), José Rego (*PS*) e ainda o Sr. Secretário Regional da Agricultura e Florestas (*Noé Rodrigues*).

Submetido à votação, o diploma foi aprovado por maioria.

**4 - Projecto de Decreto Legislativo Regional n.º 11/2011 – “Alteração ao regime jurídico da atribuição do acréscimo regional à retribuição mínima mensal garantida, do Complemento Regional de Pensão e da Remuneração Complementar Regional (terceira alteração ao Decreto Legislativo Regional n.º 8/2002/A, de 10 de Abril)”**, apresentado pela Representação Parlamentar do PCP.

Após a apresentação pelo Sr. Deputado Aníbal Pires, participaram no debate os Srs. Deputados José Rego (*PS*), António Marinho (*PSD*), Artur Lima

(*CDS/PP*), Zuraida Soares (*BE*), Paulo Estêvão (*PPM*) e ainda o Sr. Secretário Regional do Ambiente e do Mar (*Álamo Meneses*).

Submetido à votação, o diploma foi rejeitado por maioria.

**5 - Pedido de urgência e dispensa de exame em Comissão sobre o Projecto de Resolução n.º 57/2011 – “Afirmar as quotas leiteiras no contexto PAC pós 2013”**, apresentado pelo Grupo Parlamentar do PSD.

Apresentado o pedido de urgência e dispensa em exame em Comissão pelo Sr. Deputado António Ventura, o mesmo registou a aprovação por unanimidade.

**6 - Projecto de Resolução n.º 57/2011 – “Afirmar as quotas leiteiras no contexto PAC pós 2013”**, apresentado pelo Grupo Parlamentar do PSD.

Após a apresentação pelo Sr. Deputado António Ventura, participaram no debate os Srs. Deputados Aníbal Pires (*PCP*), Duarte Moreira (*PS*), Mário Moniz (*BE*), Artur Lima (*CDS/PP*), Duarte Freitas (*PSD*), Paulo Estêvão (*PPM*) e ainda o Sr. Secretário Regional da Agricultura e Florestas (*Noé Rodrigues*).

Submetido à votação, o diploma foi rejeitado por maioria.

Após a votação, usaram da palavra para declarações de voto os Srs. Deputados António Ventura (*PSD*), Artur Lima (*CDS/PP*), Duarte Moreira (*PS*) e Aníbal Pires (*PCP*).

**7 - Pedido de urgência e dispensa de exame em comissão sobre o Projecto de Resolução n.º 58/2011 - “recomenda ao Governo da República o não encerramento do Serviço de Finanças do Corvo”**, apresentado pela Representação Parlamentar do PPM.

Apresentado o pedido de urgência e dispensa em exame em Comissão pelo Sr. Deputado Paulo Estêvão, o mesmo registou a aprovação por unanimidade.

**8 - Projecto de Resolução n.º 58/2011 - “recomenda ao Governo da República o não encerramento do Serviço de Finanças do Corvo”**, apresentado pela Representação Parlamentar do PPM.

Após a apresentação pelo Sr. Deputado Paulo Estêvão, participaram no debate os Srs. Deputados Mário Moniz (*BE*), Aníbal Pires (*PCP*), Artur Lima (*CDS/PP*), Joe Rego (*PS*) e Pedro Gomes (*PSD*).

Submetido à votação, o diploma foi aprovado por unanimidade.

**9 - Pedido de autorização para o Deputado Artur Lima, prestar depoimento, na qualidade de testemunha, no âmbito da acção de Processo Comum n.º 421/10.OTBVPV, que corre termos na Secção Única do Tribunal Judicial de Praia da Vitória.**

Submetido à votação, o pedido de autorização foi aprovado por unanimidade.

**10 – Proposta de deliberação da Mesa que declara findo o período legislativo de Outubro.**

Submetida à votação, a proposta de deliberação foi aprovada por unanimidade.

*Os trabalhos terminaram às 19 horas e 08 minutos.*

**Presidente:** Bom dia.

Agradecia, Sras. e Srs. Deputados, que ocupassem os vossos lugares. Vamos iniciar os nossos trabalhos com a chamada.

*(Eram 10 horas e 07 minutos)*

*Procedeu-se à chamada à qual responderam os seguintes Deputados:*

***Partido Socialista (PS)***

**Alzira** Maria de Serpa e **Silva**

**António** Gonçalves Toste **Parreira**

**Bárbara** Pereira Torres de Medeiros **Chaves**

**Benilde** Maria Soares Cordeiro de **Oliveira**

**Berto** José Branco **Messias**

**Carlos** Alberto Medeiros **Mendonça**

**Catarina** Paula Moniz **Furtado**

**Cecília** do Rosário Farias **Pavão**

**Duarte** Manuel Braga **Moreira**

**Francisco** Alberto Valadão **Vaz**

**Francisco** Miguel Vital Gomes do Vale **César**  
**Francisco** Manuel **Coelho** Lopes Cabral  
**Hernâni** Hélio **Jorge**  
**Isabel** Maria Duarte de Almeida **Rodrigues**  
**João** Oliveira **Teves**  
**Joe** **Valadão** Rego  
**José** Gaspar Rosa de **Lima**  
**José** Manuel Gregório de **Ávila**  
**José** de Sousa **Rego**  
**José** Carlos Gomes **San-Bento** de Sousa  
**Lizuarte** Manuel **Machado**  
**Lúcio** Manuel da Silva **Rodrigues**  
**Manuel** **Herberto** Santos da **Rosa**  
Maria da **Piedade** Lima **Lalanda** Gonçalves Mano  
**Nélia** Maria Pacheco **Amaral**  
**Nélia** Maria Brito **Nunes**  
**Paula** Cristina Dias **Bettencourt**  
**Ricardo** Bettencourt **Ramalho**  
**Ricardo** Manuel Viveiros **Cabral**  
**Rogério** Paulo Lopes Soares **Veios**

*Partido Social Democrata (PSD)*

**Aida** Maria Melo Amaral Reis dos **Santos**  
**António** Augusto Batista Soares **Marinho**  
**António** Pedro Rebelo **Costa**  
**António** Lima Cardoso **Ventura**  
**Cláudio** Borges **Almeida**  
**Cláudio** José Gomes **Lopes**  
**Clélio** Ribeiro Parreira Toste **Meneses**  
**Duarte** Nuno d'Ávila Martins de **Freitas**  
**Francisco** da Silva **Álvares**

**João Luís Bruto da Costa Machado da Costa**

**Jorge Alberto da Costa Pereira**

**Jorge Manuel de Almada Macedo**

**José Francisco Salvador Fernandes**

**Luís Carlos Correia Garcia**

**Mark Silveira Marques**

**Paulo Jorge Silva Ribeiro**

**Pedro António de Bettencourt Gomes**

**Partido Popular (CDS/PP)**

**Abel Jorge Igrejas Moreira**

**Luís Virgílio de Sousa da Silveira**

**Paulo Jorge Santiago Gomes da Rosa**

**Pedro Miguel Medina Rodrigo Raposo**

**Bloco de Esquerda (BE)**

**Mário Manuel de Castro Moniz**

**Zuraida Maria de Almeida Soares**

**Coligação Democrática Unitária (PCP-PEV)**

**Aníbal da Conceição Pires**

**Partido Popular Monárquico (PPM)**

**Paulo Jorge Abraços Estêvão**

**Presidente:** Estão presentes 55 Sras. e Srs. Deputados. Temos quórum.

Declaro aberta a Sessão. Pode entrar o público.

Vamos reiniciar os nossos trabalhos com a Agenda.

Estávamos a discutir a Resolução do BE relativa à “**Alteração da regulamentação dos preços do pão, farinha e cereais importados na Região Autónoma dos Açores**”.

Tinha inscritos dois Srs. Deputados.

Começo por dar a palavra ao Sr. Deputado Rogério Veiros.

(\*) **Rogério Veiros** (PS): Obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Na sequência do debate de ontem sobre o projecto de resolução apresentado pelo BE, gostaria de vir a debate para, em primeiro lugar, cumprimentar o meu vizinho e amigo, embora a diferença ideológica no funcionamento do mercado dos produtos seja grande, talvez não tanto nos mercados financeiros onde tenho muitas dúvidas, mas no mercado produtos nós temos uma grande diferença que nos separa.

**Deputada Zuraida Soares** (BE): Não é só no mercado de produtos!

**O Orador:** Por isso gostaria de dizer-lhe que no Projecto de Resolução, os três pontos que Vs. Exas. apresentam para alteração dos regimes de preços da farinha, do pão e dos cereais, no estado de importação, têm, no nosso entender, graves lacunas de interpretação de funcionamento do mercado. Tem-no por várias razões:

Primeiro: atribuir à farinha o regime de preços máximos e atribuir ao pão o regime de preços contratados, não é a melhor solução para defender o consumidor final nos Açores. Vou dar-lhe várias razões:

Primeiro: numa cadeia de construção de um produto para introdução no mercado, quando temos diferentes regimes em que uns têm uma elasticidade diferente de preço de outros, o que acontece é o mesmo que termos uma corda amarrada em três pontos e quando um dos pontos se desloca a corda rebenta.

Por isso os senhores querem na cadeia de construção do pão criar três regimes separados de preços.

Além disso há aqui uma outra questão que nos separa é que o BE e o PCP querem e acham que o preço do pão há muito está definido pelo mercado e pela concorrência que existe no mercado açoriano, querem transformar novamente o preço do pão num preço administrativo, ou seja, alguém senta-se à volta duma mesa, faz as contas e define que o pão passa a ter o preço "X". Para isso

abdicam de tudo aquilo que foi a evolução do mercado ao longo dos últimos anos nos Açores.

**Deputada Zuraida Soares (BE):** Que evolução?

**O Orador:** Por isso eu gostaria de dizer-lhe que este regime de preços vigiados, na nossa modesta opinião socialista, é o melhor regime que se adequa aos Açores.

Em primeiro lugar dizer que no continente o regime de preços em vigor sobre esta matéria é de preços livre, ou seja, o Estado não tem qualquer poder de intervenção neste mercado.

**Deputada Zuraida Soares (BE):** Pois não!

**O Orador:** Nos Açores o regime que existe é o regime de preços vigiados, o que nos faz marcar a diferença enquanto Governo socialista na defesa dos interesses do consumidor açoriano.

O regime de preços vigiados, ao contrário do que dizia o Sr. Deputado do CDS/PP, não é um regime que obriga o Governo Regional a ir às padarias verificar, *in loco*, essa matéria, ou seja, a fiscalização que é feita ao mercado de preços vigiados é a faculdade que o Governo tem, e neste caso nos Açores isso é feito pontualmente, em que o Governo pede aos diferentes operadores os preços a que estão a comercializar o produto, pede os factores de produção, a contabilidade das empresas e verifica a constituição do custo do produto final, para ver se há aqui distorções em relação ao mercado.

**Deputada Zuraida Soares (BE):** Quer vigiar, mas não vigia!

**O Orador:** Vivemos em 9 ilhas. Por exemplo, S. Jorge tem 4 padarias. O regime de custos de construção de um pão em S. Jorge é totalmente diferente do regime de custos de uma padaria, de uma freguesia de S. Miguel.

Talvez as pessoas não saibam mas em S. Jorge qualquer padaria faz a distribuição de pão ao longo da ilha toda.

Temos, por exemplo, na Fajã dos Bodes, dois habitantes; temos 80 habitantes na Fajã dos Vimes; temos 20 habitantes na Fajã dos Cubres e as padarias de S. Jorge vão a esses locais distribuir pão.



Por exemplo, o custo do pão na Ilha de S. Jorge, tem uma componente muito maior na área da distribuição, como por exemplo tem uma padaria numa freguesia qualquer de S. Miguel onde distribui pão ao longo da sua freguesia.

Por isso, se colocarmos o preço do pão num preço máximo, num tecto máximo, não estamos a ser coerentes com as diferentes realidades do mercado que temos nos Açores.

Por essa via este é o melhor sistema que temos para os interesses e salvaguarda dos interesses do consumidor final.

Mais. Quando colocamos administrativamente o preço dum bem, acontece o que aconteceu, por exemplo, na antiga União Soviética, quando o governo do Partido Comunista achou que o pão por ser uma matéria base, uma matéria essencial para a alimentação da população, decidiu que o preço do pão no mercado deveria ser altamente intervencionado e deveria ser muito baixo.

**Deputada Zuraída Soares (BE):** Aníbal, esta é para ti

**O Orador:** Vejam lá o que é que fez: colocou o preço de tal forma artificialmente baixo que os nossos agricultores da antiga União Soviética, deixaram de comprar outros produtos e de alimentar o gado com outros produtos economicamente mais eficientes e passaram a alimentá-lo com o pão.

**Deputada Zuraída Soares (BE):** Ó Aníbal, isso não pode ser assim!

**O Orador:** Essa é que é a regra que o Sr. Deputado defende para o preço do pão.

Isso não pode ser assim Sr. Deputado. O mercado tem que definir o preço dos produtos em função dos seus factores de produção.

Por isso, Sr. Deputado, o Governo Regional acompanha o mercado do pão de três formas: na fiscalização que é feita através da ASAE aos pontos de comercialização; na fiscalização industrial que é feita às cem indústrias de pão que temos nos Açores e colocando e solicitando às indústrias panificadoras dos Açores, os diferentes elementos contabilísticos para saber como se constitui o preço do pão, nas diferentes ilhas.

Quanto ao ponto seguinte que os senhores do BE apresentam.

**Deputada Zuraída Soares (BE):** E a senhora também!

**O Orador:** Peço desculpa. O senhor e a senhora.

A Sra. e o Sr. Deputado do BE apresentam no terceiro ponto que pretendem um regime de margens de comercialização fixadas para cereais importados para a Região Autónoma dos Açores.

Srs. Deputados, temos duas moageiras nos Açores: uma em S. Miguel, outra na Terceira.

Essas moageiras produzem farinha 65 importando no mercado internacional, ou seja, elas compram os cereais no mercado internacional, transformam em farinha e vendem.

Por essa via não há aqui, na compra no mercado internacional e transformação em farinha 65, nenhuma transacção comercial entre dois agentes económicos, dentro das capacidades de intervenção do Governo Regional.

Esta casa apresentou um Decreto Legislativo Regional onde deu meios ao Governo Regional para poder definir diferentes regimes de preços para os bens transaccionáveis entre agentes económicos, dentro da RAA.

As moageiras, quando compram cereais, compram no mercado internacional e transformam directamente.

Por isso não há aqui nenhuma transacção económica entre dois agentes económicos, dentro daquilo que são as competências do Governo Regional.

Por isso, o ponto 3 do BE é impossível de ser aplicado pelo Governo Regional.

Já lhe tinha dito isso no diploma anterior e volto a repetir que isso é impossível.

Quanto ao ponto 1 e ao ponto 2 são questões ideológicas que nos separam. Os senhores têm a vossa posição, nós temos a nossa.

Achamos que os consumidores açorianos saem mais beneficiados com o actual regime de preços.

Por essa via queria dizer-lhes que não somos nem menos, nem mais socialistas que os senhores nesta matéria, nem menos amigos dos açorianos.

Nós entendemos que este é o melhor regime para salvaguardar os interesses dos açorianos.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Estêvão.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Nesta matéria já foram aqui aduzidas diferenças ideológicas.

De facto é apresentado um exemplo, o da União Soviética, que significava um forte intervencionismo por parte do Estado.

Eu quero dizer-vos que estamos aqui a confundir duas realidades completamente distintas.

No caso da União Soviética não falamos de regulamentação, falamos de monopólio, falamos do total monopólio do Estado. Não é um modelo económico que se possa aduzir a esta discussão porque o que o BE está a propor não é uma intervenção absolutista do Estado, digamos assim, mas um reforço dos meios de regulamentação.

Partem de um pressuposto que na minha perspectiva é correcto, que é uma conjuntura internacional que irá prejudicar gravemente a produção de cereais, vai fazer disparar a procura e obviamente provocará, em relação aos preços a que o produto chega aos consumidores e aos intermediários, um aumento de preço muito significativo.

Quem não olha para o mundo e para a evolução económica destes mecanismos com atenção e rigor está perdido, está a confiar num mercado que não funcionou e não funcionou por dificuldades de regulamentação.

Não acredito na mão invisível do mercado. Não acredito que os estados não tenham que ter na nova conjuntura do séc. XXI, uma intervenção muito mais presente, no sentido de evitar a força de especuladores, no sentido de evitar a desregulamentação. É necessário que o Estado seja mais forte (não tenha o monopólio) mas seja mais forte nessas áreas.

Por isso é que eu considero que a perspectiva negativa que o BE faz em relação à evolução futura dos mercados internacionais, está correcta. É pessimista, mas é realista, porque é por aí que nós estamos a avançar.

Dou-vos um número: todos os anos entram na classe média, na China, trinta milhões de habitantes. Todos os anos. Isto significa um aumento e uma pressão sobre o consumo muito, muito significativa.

Considerar que nós vivemos aqui numa redoma completamente isolada daqueles que são os impactos internacionais sobre esta questão é de facto não querer olhar com atenção para o que se passa à nossa volta, é ter novamente uma visão provinciana sobre estas questões.

É preciso olhar para o que está a acontecer e é preciso chegar à conclusão que nos próximos anos vamos passar por grandes dificuldades nesta matéria, em termos de abastecimento internacional dos cereais.

Mais do que isso, há um outro pressuposto que o BE avança que tem a ver com a emergência social em que a crise económica nos irá ...

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Quer estatizar a economia?

**O Orador:** Não, não. Não é estatizar. É reforçar a regulamentação, Sr. Deputado.

**Deputado Rogério Veiros (PS):** Não estamos a discutir isso.

**O Orador:** Reforçar a intervenção do Estado nesta matéria.

Não acredito nos actuais instrumentos de intervenção do Estado. É necessário reforçar a intervenção do Estado em todas as áreas.

Foi isso que falhou nesta crise económica mundial e europeia que estamos a viver.

Portanto, nesse pressuposto, também nesta matéria que é uma matéria importante para a subsistência das populações, eu quero dizer o seguinte: considero que vamos viver uma emergência social, como há pouco estava a dizer, que irá aumentar o consumo deste género de produtos.

Não nos podemos esquecer, e eu tenho cada vez mais testemunhos sobre esta matéria, que há gente a passar fome nos Açores. Há famílias com cada vez maiores dificuldades a chegar ao final do mês.

Há famílias que já não conseguem pagar as suas dívidas. Há famílias que já têm problemas tremendos de subsistência e vão deixar de comer carne para comer mais pão. Sempre foi assim e irá continuar a ser assim. O aumento do consumo do pão vai incrementar-se.

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** No Corvo é ao contrário: comem mais carne, porque não há pão!

**O Orador:** Nesta perspectiva, tendo em conta o mercado internacional, tendo em conta as perspectivas de longo prazo e tendo em conta a emergência social em que nos encontramos eu considero que a resposta do BE é adequada e merece a votação positiva por parte do PPM.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Mário Moniz.

**Deputado Mário Moniz (BE):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Sr. Secretário da Presidência:

Para si tudo está bem.

Para quem está de barriga cheia, falar do preço do pão até pode ser considerado revolucionário.

Então como explica que no mesmo produto, na mesma padaria, haja alterações tão significativas que no espaço de um ano vão à exorbitância de 62,5% de aumento?

Como se entende que o mesmo produto no espaço de um ano tenha tal amplitude de preços dentro da Região que um papo-seco possa ser vendido numa padaria a 8 cêntimos e noutra a 16 cêntimos, ou seja, exactamente o dobro?

Estamos a falar dum mercado auto regulado pela concorrência ou dum mercado especulativo cartelizado pela ausência de regulação?

Por outro lado, que razões assistem ao facto dos preços estarem estratificados por ilha? Por exemplo: em S. Jorge, 15 cêntimos; na Graciosa, 13 cêntimos; no Faial, 15 cêntimos.

Por muito estranho que pareça na Terceira 16 cêntimos, que é uma ilha que tem um importador de cereais, a não ser que haja algum interesse instalado nesta ilha que tenha que ser mantido.

Apenas S. Miguel, apenas pela dimensão da ilha, tem dois preços: 13 cêntimos e 14 cêntimos.

Mas indecente, Sr. Secretário, é o Governo Regional não ter a percepção destes preços e afirmar que são preços vigiados, quando o BE, só com dois Deputados nesta Região, consegue reunir uma amostra representativa destes dados. Ou então não vigia coisa nenhuma.

Não somos nós que temos que trazer a evolução do preço da farinha tipo 65, mas antes o Governo Regional que prefere não divulgar os preços contratualizados e isso explica a pertinência de propormos um sítio para divulgação de todos os bens e serviços, abrangidos pelo regime jurídico de preços.

Ao contrário do que foi ontem papagueado, dos estafados argumentos do ano passado, nós pretendemos aliviar o ónus aos transformadores, por isso propusemos a inclusão da farinha de trigo tipo 65 no regime de preços máximos como eles reivindicam.

Também muito estranho, no meio de toda esta polémica, é que o Governo e a bancada que o suporta tentam desviar o essencial, ou seja, o preço do pão ao consumidor para secundário, que são as burocracias necessárias para se chegar a esse desiderato.

Quem importa cereais é subsidiado pelo POSEI, sendo mesmo assim o preço dos cereais mais caro nos Açores do que no continente, que não beneficia do referido subsídio.

É mais do que normal que queiramos definir o valor que esses importadores possam acrescentar ao preço de aquisição que está em causa. Ou não compreendem o que pretendemos em relação aos cereais, ou não querem perceber.

Para os que não compreendem vejam a explicação simples e directa.

Nós pretendemos definir a margem de comercialização dos cereais, obviamente, e passe o pleonasma, na sua fase de comercialização, tal como o arroz que na sua fase de comercialização já se encontra nesse regime.

Não está em causa colocar os cereais importados na sua fase de importação ou produção na lista de bens sujeitos ao regime de margens de comercialização fixadas, assim como o arroz, que na sua fase de importação e produção, actualmente também não está.

Para quem não quer perceber, nem com um desenho. Estão na fase das operações concretas, não há nada a fazer.

Dá para pensar sobre os motivos por que não se pode beneficiar quem precisa de “pão para a boca”, *slogan* do CDS, nas autárquicas na Ribeira Grande, que na opinião do Sr. Deputado Pedro Medina agora já não precisam.

**Deputado Pedro Medina (CDS/PP):** Já lhe respondo!

**O Orador:** Se há incoerência ela vem desse lado.

Nós não atacamos ninguém, pelo contrário, apenas estamos a interpretar vontade dos empresários de panificação que pedem a manutenção da farinha no preço máximo e em conjugá-la com o do consumidor que é ter o pão a preço aceitável.

Por sabermos que os produtos não aparecem do nada é que considerámos parte significativa da rede de produção e comercialização do pão.

As variáveis já têm os seus respectivos valores atribuídos, sendo apenas necessário contratar a margem de comercialização. Tão simples quanto isso.

Não compreendemos como o mercado deve ser tão liberal em bens como o pão e a farinha, mas intervencionado por parte da Região num negócio de casino entre particulares.

Previmos o chumbo do nosso Projecto de Resolução e já sabemos que enquanto o PS não reconhecer o que comerciantes e consumidores reconhecem, ou seja, que o mercado não funciona neste sector, qualquer tentativa que o BE fizer para melhorar a situação será sempre chumbada.

Iria mais longe: até poderíamos admitir que a nossa proposta é imperfeita se Vs. Exas. partilhassem connosco como é que podemos suavizar o custo do pão ao consumidor.

Mas isso não acontecerá como é óbvio, porque Vs. Exas. não reconhecem as dificuldades vividas. Estão desadequados da realidade, ou então esperam que a República legisle como aconteceu com a factura da energia eléctrica.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Pedro Medina.

(\*) **Deputado Pedro Medina (CDS/PP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Sr. Secretário da Presidência:

Vou começar esta intervenção por responder a esta nota que o Sr. Deputado Mário Moniz quis vincar em relação à postura do CDS e nomeadamente falou das autárquicas em que o CDS utilizou o *slogan* de “pão para a boca”.

Aquilo que me apetece dizer Sr. Deputado é que parece que o BE está a precisar de muito pão para a boca. Basta ver os resultados que obtiveram a nível nacional e na Ilha da Madeira.

**Deputada Zuraida Soares (BE):** Vire-se para as câmaras para ficar bem vincado: é tirar pão da boca!

**O Orador:** É exactamente essa a vossa actuação. Vs. Exas. estão desesperados é de pão para a boca.

Quero deixar aqui duas ou três notas e permitam-me para referenciar exactamente que estamos a falar de empresas da área da panificação, acima de uma centena. Uma centena que emprega centenas de pessoas. É um negócio que também tem que ser preservado desse ponto de vista.

Numa altura de tantas dificuldades em que se apela tanto às questões do emprego e que cada vez mais o desemprego aumento, penso que temos que fazer um esforço redobrado para de certa forma proteger as boas empresas que estão no mercado e, por via desse ponto, ter preços vigiados que na actual situação para nós continua a ser a melhor solução.

Essa só é a melhor solução se efectivamente o Governo actuar nesta área.

A dúvida que o Sr. Deputado Mário Moniz levantou há bocadinho foi a afirmação que eu tinha feito ontem e fiz o ano passado quando se discutiu o mesmo tema, é que parece efectivamente que o Governo não anda a vigiar preços em relação a esta matéria.

O Governo tem que pedir às empresas quais são as suas margens de comercialização nesses produtos. O Governo tem que pedir às empresas as alterações de preços e as próprias margens sempre que ocorra, bem como a data da sua entrada em vigor, as razões justificativas das variações implementadas e quaisquer outros elementos ou esclarecimentos solicitados, que nós muito bem sabemos.



Portanto, esta é a função do Governo. É para isto que existe esta legislação. Basta aplicá-la para verem que a questão dos preços do pão pode ser muito bem corrigida aqui na Região Autónoma dos Açores.

**Deputado Mário Moniz (BE):** Pelo menos reconhece que estão mal. Já não é mau!

**O Orador:** Quem não quiser corrigir a situação também aí deve ser sancionado. Em relação ao vosso Projecto de Resolução, aliás o Sr. Deputado Rogério Veiros fez bem a observação em relação aos cereais, mas penso que estava a referir-se à questão das moagens aqui nos Açores que são duas moagens e não moageiros.

**Deputado Rogério Veiros (PS):** Moagem ou moageiro é a mesma coisa!

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Não é. Moageiro é o dono da moagem!

**O Orador:** Existe efectivamente duas empresas que importam os cereais.

Se nós formos ver o Decreto Legislativo Regional que implementa a questão dos preços, os vários tipos de preço, quando se fala na questão de margens de comercialização fixadas, diz o regime de margens de comercialização fixadas: “consiste na definição do valor que o agente económico pode acrescentar ao preço de aquisição do bem em causa”.

Se este agente económico adquire o cereal como matéria-prima para o transformar no produto final, como é que se pode aplicar uma margem nesse processo intermédio? Só mesmo o agente económico.

Portanto, essa questão da margem de comercialização fixada não resulta na questão dos cereais importados.

A vossa solução desta vez ainda foi pior do que aquela que apresentaram há um ano atrás, porque esta efectivamente não tem aplicação nenhuma.

Não vou alongar-me muito mais, porque penso que já foram apresentados aqui argumentos mais que suficientes.

Aquilo que continuamos a apelar ao Governo é que efectivamente actue no terreno com rigor e no momento de grande dificuldade, no momento em que são pedidos esforços à sociedade em geral, as empresas desta área também não se podem furtar a ter essas situações devidamente regularizadas.

Se há situações menos claras o Governo tem ferramentas ao seu dispor para fazer elas entrarem no rumo certo.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Rogério Veiros.

(\*) **Deputado Rogério Veiros (PS):** Obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Para dizer que a segunda intervenção do BE continua a demonstrar as mesmas dúvidas sobre esta matéria.

Comparar o mercado do arroz ao mercado dos cereais importados na RAA e querer o mesmo regime de preços é totalmente diferente.

O regime de preços que existe de margens máximas de comercialização para o arroz, é um regime do Governo português, em relação ao mercado que existe de produção em Portugal e que foi preciso regulamentar face à realidade do mercado nacional.

O mercado de cereais importados nos Açores do mercado internacional para transformar em farinha, nada tem a ver com o mercado do arroz, aliás, como nada tem a ver com o mercado dos combustíveis e a realidade desse mesmo mercado.

Em relação aos diferentes preços por ilha, tinha acabado de explicar, Sr. Deputado, que a componente de custo da elaboração do pão e da indústria panificadora em S. Jorge é completamente diferente porque o custo de distribuição na Ilha de S. Jorge é mais acentuado do que em qualquer outra ilha. É normal que em S. Miguel, sendo um mercado maior onde a concorrência é maior, exista um maior aperto em termos de margens, no mercado do pão.

Por isso o que o senhor vem traduzir em termos de preços é dar razão àquilo que nós acabámos de dizer e que esta é a melhor forma de defender este mercado nos Açores.

**Deputado Mário Moniz (BE):** Explique por exemplo o mercado da Terceira. Explique!

**O Orador:** É exactamente por isso, porque é um mercado mais pequeno.

Relativamente à palavra moageira é só dizer ao CDS/PP que ela está à distância dum clique.

Muito obrigado.

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados vamos passar à votação deste Projecto de Resolução.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam favor de se mater como se encontram.

As Sras. e os Srs. Deputados que discordam façam favor de se sentar.

**Secretário:** O Projecto de Resolução apresentado foi rejeitado com 30 votos contra do PS, 17 votos contra do PSD, 5 votos contra do CDS/PP, 2 votos a favor do BE, 1 voto a favor do PCP e 1 voto a favor do PPM.

**Presidente:** Para uma declaração de voto tem a palavra a Sra. Deputada Zuraida Soares.

(\*) **Deputada Zuraida Soares (BE):** Obrigada, Sr. Presidente.

Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Nesta fase final e chumbada que está a nossa Proposta, gostaria de dizer duas ou três coisas.

A primeira é que para o BE não é nem um contra censo, nem uma minorização. Pelo contrário, alterar uma proposta no sentido de pô-la de acordo com críticas legítimas e com observações legítimas vindas doutros grupos parlamentares, alterar uma proposta em prol das pessoas, é para nós um acto de humildade democrática que todos nós deveríamos capazes de fazer e será tudo menos passível de crítica como foi feita aqui nesta câmara.

A alteração para ir ao encontro da maioria no sentido de dar resposta à necessidade das pessoas é um acto de coragem e de humildade.

Lamentavelmente há Grupos Parlamentares e Deputados nesta casa e até membros do governo que acham que isso é uma coisa inaudita. O BE não acha.

Depois, não posso resistir a dizer que o pão para a boca Sr. Deputado Pedro Medina não tem a ver com a Madeira, nem tem a ver com Lisboa. Tem a ver com a Ribeira Grande onde os senhores tiveram um resultado também de zero.

**Deputado Pedro Medina (CDS/PP):** Vejam os vossos resultados na República e na Madeira! Precisavam de votos como pão para a boca!

**A Oradora:** Precisavam de votos como pão para a boca e não o tiveram.

Mas não é só o CDS que tem o slogan de “pão para a boca”. Todos nós em eleições sucessivas ouvimos nas nossas ruas os carros musicais a passar que dizem: “Paz, pão, povo e liberdade ...” Vota PSD!

Vamos dizer aos açorianos e açorianas que a partir de agora é paz, povo, liberdade, o pão é para o mercado trabalhar à vontade.

É evidente que o PS para não desmerecer da direita faz ouvidos moucos às necessidades das pessoas, às queixas das pessoas e às privações que neste momento muitos açorianos e açorianas passam.

Que fique registado para os açorianos e açorianas saberem que o mesmo Governo e o mesmo partido que diz que o mercado tem que trabalhar livremente no preço do pão, é o mesmo Governo e o mesmo partido que acha bem que o Governo enterre 11 milhões de euros dentro do concessionário chamado ASTA que até hoje não produziu para esta Região coisíssima nenhuma.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Muito bem!

**A Oradora:** Portanto são dois pesos e duas medidas: o povo tem o mercado a trabalhar livremente, mas os concessionários e as grandes empresas têm o Governo a intervir e a segurá-los ao colo.

Muito obrigada.

**Deputados Mário Moniz (BE) e Paulo Estêvão (PPM):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PPM e BE).*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Rogério Veiros.

(\*) **Deputado Rogério Veiros (PS):** Obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A questão do mercado do pão é uma questão que tem envolvido ao longo de muitos anos muitos açorianos para que nós conseguíssemos chegar a um ponto de equilíbrio que são os delicados mercados que temos em 9 ilhas e 19 concelhos.

Por isso este Governo dos Açores não é um Governo neoliberal que não está preocupado com o consumidor final, conforme acusa aqui o BE.

Por isso Sra. Deputada Zuraida Soares...

**Deputada Zuraida Soares (BE):** Fale ao povo!

**O Orador:** Não. Falo é para V. Exa.

... quando a senhora vem aqui fazer pura demagogia sobre esta matéria, porque estamos a um ano de eleições e o BE quer capitalizar alguns votos, esquecendo-se da realidade que são 9 ilhas e 19 concelhos, onde nós temos padarias, onde nós temos indústria de panificação que fornece os açorianos em situações muito diferentes, a Sra. Deputada está aqui a fazer demagogia em relação a esta matéria.

A Sra. Deputada não é mais socialista do que qualquer Deputado desta bancada do PS e não está mais preocupada com os açorianos do que qualquer Deputado desta bancada.

**Deputada Zuraida Soares (BE):** Olhe que andam a disfarçá-lo bem!

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Há uns que são duvidosos!

**O Orador:** Nós entendemos e acompanhamos o mercado e por essa razão Sra. Deputada é que temos preços vigiados nos Açores, ao contrário do continente onde os preços são livres e o Governo não tem qualquer intervenção no mercado do pão no continente.

Nos Açores os preços são vigiados porque essa é melhor forma de acautelar o consumidor final, de acompanhar e se o Governo em determinado momento detectar alguma discrepância no preço, o Governo pode intervir e novamente alterar o regime, intervencionar num produto que é essencial para os açorianos e fundamental para a mesa do povo açoriano.

Por essa matéria Sra. Deputada, em relação à defesa dos interesses dos açorinos e de estar ao lado dos açorianos o BE não dá qualquer lição aos socialistas em relação a qualquer matéria que diga respeito aos interesses do povo açoriano.

Muito obrigado.

**Deputada Zuraida Soares (BE):** Nunca recebem lições. Realmente recebemos todos, Sr. Deputado!

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Pedro Medina para uma declaração de voto.

(\*) **Deputado Pedro Medina (CDS/PP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Muito rapidamente para ressaltar mais uma vez a nossa posição e dizer que de facto o BE veio para aqui com pura demagogia política.

**Deputada Zuraida Soares (BE):** Demagogia é “pão para a boca”!

**O Orador:** Diz que as padarias trabalham livremente o preço do pão. Nós dizemos que não, não trabalham livremente o preço do pão.

O preço do pão é vigiado. Se há alguma situação menos correcta nesta área, esta responsabilidade mais uma vez cabe ao Governo Regional.

Da nossa parte, em relação a esta matéria, vamos fazer um requerimento a pedir esclarecimentos em relação à actuação do Governo nesta área: saber qual é a intervenção do Governo; quais são os pedidos de esclarecimento que foram feitos às indústrias de panificação aqui nos Açores nos últimos dois anos e vamos ver quais as respostas que o Governo vai dar.

É aí que estamos a dizer que o Governo está a falhar.

**Secretário Regional da Presidência (André Bradford):** Está a falhar com base em quê?

**O Orador:** Não é a questão dos preços estarem livres no mercado.

O Governo é que está a falhar na aplicação do Decreto Legislativo Regional. Isso para nós é muito importante.

Quanto à defesa do consumidor, esta defesa tem que ser feita pelo Governo Regional.

O elo mais fraco da cadeia alimentar neste caso é sempre o consumidor final porque não tem armas de defesa.

Nesse caso temos aqui o Governo Regional com uma arma de defesa muito importante que é o regime de preços vigiados.

Basta aplicar este regime para que ele seja efectivo no terreno, para que essas situações não aconteçam mais.

A Proposta do BE, continuo a dizer, é demagogia pura.

Nós não alinhamos em demagogia pura. Temos que ver as coisas num enquadramento de grande dificuldade económica não só para as famílias, mas para as empresas e para quem cria emprego nesta Região.

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** Explique-se!

**O Orador:** Dentro desse ponto de vista vamos cingir-nos e batalhar mais na questão da vigilância dos preços.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Aníbal Pires para uma declaração de voto.

(\*) **Deputado Aníbal Pires (PCP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A proposta do BE sofreu a evolução que ontem foi muito referida e consideramos positiva, pena é que não se tenha entretanto atendido à realidade que também foi alterada.

De facto, estamos aqui a tratar duma questão demasiado importante para que o PS, o CDS/PP e o PSD se tivessem entrincheirado nos seus dogmas ideológicos e procurado de uma forma demagógica justificar a sua posição contra esta iniciativa do BE que efectivamente pretendia que um bem essencial para a alimentação fosse acessível à população.

Sabemos que o período que estamos a atravessar vai ser um período que se vai agravar por todas as medidas que têm sido tomadas e eventualmente outras que venham a ser tomadas. Portanto tratava-se aqui de acompanhar esta evolução.

Mas não. De uma forma insensível, de uma forma demagógica, duma forma seguidista relativamente à teologia do mercado, o PS, o PSD e o CDS/PP, ou seja, o centrão e o seu apêndice ...

**Deputado Pedro Medina (CDS/PP):** De que é que está a falar?

**O Orador:** ... demonstrando uma terrível insensibilidade, chumbam esta iniciativa que visava contribuir para minimizar os problemas da população nomeadamente num acesso a um bem alimentar de primeira necessidade.

Muito obrigado.

**Presidente:** Vamos passar para o ponto seguinte da nossa ordem de trabalhos “**Projecto de Resolução N.º 32/2011 – “Valorização do Rendimento da Pesca e Promoção da Sustentabilidade dos Recursos Marinhos”**”, apresentado pelo Grupo Parlamentar do PS.

Tem a palavra o Sr. Deputado José Gaspar Lima.

(\*) **Deputado José Gaspar Lima (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Com o Projecto de Resolução “Valorização do Rendimento da Pesca e Promoção da Sustentabilidade dos Recursos Marinhos”, o Grupo Parlamentar do PS vem propor a esta Assembleia algumas medidas que trazem mais-valias ao sector das pescas, no sentido da valorização do pescado capturado, mas também no reforço da preservação das espécies.

Através das medidas propostas pretende-se assim evoluir na sustentabilidade deste sector de grande importância económica e social e ao mesmo tempo certificar o esforço da pesca para novas espécies.

Para isso esta iniciativa legislativa atribui uma especial relevância à componente científica e ao contributo dos profissionais da pesca e das suas associações representativas.

Tendo em conta que já estão criadas as infra-estruturas para esta actividade económica, caso de desportos e estruturas de apoio à pesca, o Grupo Parlamentar do PS entende que se deve passar a um novo patamar, a evolução do sector através do implemento de novas medidas estruturantes.

O objectivo desta proposta é muito claro.



O Grupo Parlamentar do PS/Açores pretende contribuir para melhorar o rendimento dos profissionais do sector, uma classe imprescindível para a necessária prossecução da economia regional, também devido à componente de exportações que este sector representa.

Nos Açores estamos a tempo de conciliar o objectivo de preservar os *stocks* com a necessidade de melhorar o rendimento dos pescadores.

Neste sentido o Grupo Parlamentar do PS/Açores propõe:

**Medida um:** o reforço das medidas de protecção à pequena pesca artesanal regional na zona entre a costa e as 6 milhas.

Estas medidas poderão ser temporárias.

Incluir a progressão de utilização de determinadas artes de pesca; a limitação de número e tipo de embarcações que podem aceder à zona ou a criação de reservas integrais.

Uma das formas de criação de sustentabilidade no sector das pescas, preservando as espécies e deixando a área em volta das ilhas como reserva em determinadas épocas, passa por adoptar uma medida de cessação temporária de actividade por um período de dias a definir, consoante o ciclo das espécies, podendo este período ser cumprido de forma faseada.

Nas espécies actualmente consideradas em risco de extinção é necessário rever as quotas de captura.

A criação de bancos ou de reservas em determinadas zonas é uma medida a ter em conta após estudo e avaliação por parte dos investigadores e cientistas da área, sempre em colaboração com os pescadores e as associações representativas.

**Medida dois:** o reforço da regulamentação das actividades pesqueiras tendo em conta as características das espécies alvo e das embarcações fora da zona entre a costa e as 6 milhas, uma vez que a legislação existente revela-se insuficiente beneficiando o infractor, porque o valor das coimas é relativamente insignificante; tendo em conta que a fiscalização efectuada é também insuficiente, face à dimensão das embarcações existentes, propõe-se que haja um aumento da fiscalização, revistas as coimas, e que sejam elaboradas regras e

normas que definam as características das embarcações que possam pescar fora da zona entre a costa e as 6 milhas, as características de cada embarcação para cada espécie alvo, bem como as artes de pesca apropriadas.

**Medida três:** assegurar, com a colaboração das associações profissionais que as embarcações licenciadas para pescar com palanque de fundo e com linhas de mão, na zona entre a costa e as seis milhas, não possam, em circunstância alguma, pescar com linhas de mão, sempre que transportem artes de palanque de fundo, a bordo.

Uma vez que as artes de pesca utilizadas na captura das espécies variam consoante o tipo e a espécie, bem com a capacidade operacional do barco em causa e a captura das espécies demersais com certeza realizada por dois tipos de artes de pesca, a linha de mão e o palanque de fundo, propõe-se que seja regulamentado o uso das artes de pesca na zona entre a costa e as seis milhas.

A regulamentação criada deverá contemplar a emissão de uma autorização com condições específicas que garantam que o uso da arte de pesca utilizado seja adequado à embarcação, à espécie alvo e à zona definida, após uma avaliação.

Aquando definida a arte de pesca a utilizar pela embarcação, apenas e somente esta deverá ser utilizada.

Uma vez realizado o regulamento e concedidas as autorizações às referidas embarcações, devem ser adoptadas medidas de acompanhamento adequadas de forma a assegurar o respeito das condições de emissão das autorizações.

A regulamentação, a autorização, bem como o acompanhamento devem ser geridos em colaboração com as associações regionais de pesca.

**Quarta medida:** a abertura do capital social da “Espada Pescas, Unipessoal, SA” às associações representativas regionais da pesca, a criação de parcerias com as associações interessadas na participação do capital social da “Espada Pescas, Unipessoal, SA”, trará benefícios mútuos para a organização bem como para os profissionais do sector.

A empresa e os parceiros deverão desenvolver estratégias de comercialização e distribuição de forma a melhorar o circuito de comercialização de pescado,

articular a actividade extractiva com as necessidades do mercado, de modo a alcançar lucros.

A parceria entre a organização e os profissionais do sector deverá promover de forma colectiva e organizada um circuito de comercialização introduzindo maior concorrência, de forma a subir o preço do pescado em lota.

Deverão ser criadas e aumentadas as condições da rede de frio, de modo a aumentar a qualidade de conservação do pescado, valorizando comercialmente a produção pesqueira dos Açores.

**Vozes dos Deputados da bancada do PS e Membros do Governo:** *Muito bem! Muito bem!*

Disse.

**Presidente:** Estão abertas as inscrições.

Sr. Deputado Duarte Freitas.

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados:

Para solicitar um intervalo regimental de 30 minutos.

**Presidente:** É regimental.

Retomamos os nossos trabalhos às 11 horas e 25 minutos.

Até já.

*(Eram 10 horas e 55 minutos)*

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados, agradecia que reocupassem os vossos lugares.

Vamos reiniciar os nossos trabalhos.

*(Eram 11 horas e 30 minutos)*

Estávamos na Resolução sobre as pescas, apresentada pelo Grupo Parlamentar do PS.

Tem a palavra o Sr. Deputado António Pedro Costa.

**Deputado António Pedro Costa (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Relativamente ao Projecto de Resolução que estamos a analisar, o Grupo Parlamentar do PSD, tal como assinalou na reunião da Comissão, compreende e partilha das muitas preocupações que estão na base desta iniciativa do Grupo Parlamentar do PS, designadamente quanto à necessidade da preservação e sustentabilidade dos stocks dos nossos recursos haliêuticos, versus aumento do rendimento do sector da pesca nos Açores. Face à situação de penúria actual, não se vislumbram muitas alternativas.

É bem verdade que os recursos diminuíram e conseqüentemente as capturas caíram, em que é exemplo o caso paradigmático da ultrapassagem da quota do atum patudo, que vinha contribuindo para o aumento significativo do valor global das capturas neste ano.

Também concordamos que devemos procurar o ajustamento entre a débil situação económica de tantos açorianos que vivem exclusivamente da pequena pesca com a sustentabilidade dos recursos disponíveis.

No entanto, preocupa-nos muito que a frota açoriana se encontre sobredimensionada, o que provoca fortemente que empresas bem estruturadas ligadas ao sector estejam agora em situação difícil.

Não nos podemos esquecer que a Região recebeu muitas verbas da União Europeia para a renovação da frota, requalificação das muitas infra-estruturas portuárias e a modernização da indústria, tendo em vista fortalecer o sector da pesca, mas não há ninguém que consiga gerir uma área tão complexa sem o envolvimento de todos os empresários do ramo, bem como dos pescadores.

Também este projecto de Resolução diz pretender acautelar a defesa da pequena pesca artesanal, mas torna-se necessária uma avaliação do impacto da actividade piscatória sobre os recursos na nossa pequena plataforma junto à linha da costa, para conhecermos com exactidão o impacto e o esforço de pesca que se tem feito nesta zona.

Por isso, há algumas questões para as quais gostaríamos que o Senhor Subsecretário nos esclarecesse para avaliarmos as opções políticas do governo.

Neste momento, mais do que reforçar novas medidas, que são importantes, importa conhecer qual o foi critério objectivo que o Governo Regional usou para a reconversão e licenciamento de novos barcos, tendo em conta o Plano regional de renovação de frota?

É que existe um rol de queixas neste âmbito que se dão alguns exemplos:

- Um só pescador teve licença para construir 3 embarcações, com apoios oficiais, sem proceder ao abate das antigas.
- Um outro caso de apoio à construção de embarcações e o armador vendeu as antigas.
- Outros tiveram licenças de construção sem pertencerem ao sector das pescas.

Tais situações têm levado muitos pescadores a interrogarem-se sobre a aparente dualidade de critérios de apoio do governo para uns casos e em detrimento de outros. Não pode haver uns filhos, outros enteados, como afirmam alguns pescadores que se sentem discriminados.

Se entre as 3 e as 6 milhas das nossas ilhas há, e bem, a obrigação da existência da caixa azul a bordo, mediante a autorização expressa do governo para a pesca naquele perímetro, qual a razão porque se considera a necessidade de mais medidas de reforço da regulamentação das actividades de pesca? Tem havido a fiscalização adequada, designadamente com vista a evitar a captura de juvenis?

Por outro lado, à semelhança do que acontece com a pequena pesca, importa também conhecer qual o esforço de pesca do sector da pesca lúdica sobre os recursos biológicos. Por isso, o Governo deve acompanhar e controlar a aplicação do cumprimento da legislação também sobre esta actividade, que não se conhece o impacto real na sustentabilidade dos recursos, para que assim ninguém fale e avalie sem dados objectivos?

Há uma outra matéria que importa clarificar e diz respeito à Espada Pesca, que se pretende abrir o seu capital social. Por isso, qual a saúde financeira desta empresa e qual tem sido a sua intervenção no sentido de normalizar o mercado e quais as associações que irão participar no seu capital social? Não venha o Senhor Subsecretário dizer que não é técnico de contas porque o Senhor é responsável político por esta empresa

Reconhecemos que o Governo tem defendido com toda a força as 200 milhas da ZEE dos Açores. Mas houve apoio e incentivos para a construção de embarcações de armadores açorianos com capacidade e autonomia e em total segurança para pescarem na zona compreendida entre as 100 e as 200 milhas?

Como se sabe, a área tem sido ocupada por frotas estrangeiras, sem que o enxame de embarcações de 10 e 12 metros que existem nos Açores tenham capacidade para operar em segurança entre as 100 e as 200 milhas?

Para além da política do espada preto existem muitas espécies de pelágicos que as ditas frotas estrangeiras tiram proveito do nosso mar, enquanto os nossos pescadores só as vêem passar, dado que a política de pescas na Região apenas saturou a pesca em redor de todas as ilhas, esquecendo-se que a nossa ZEE é a maior da união europeia.

Por isso, Senhor Subsecretário, pergunto: Na vossa opinião, os Açores possuem ou não uma frota sobredimensionada? Ou o abate das embarcações activas corresponde ao plano do governo visando também a transferência da propriedade de barcos de pesca local daqueles armadores com outras profissões, aliviando assim o número excessivo de embarcações?

E como as estatísticas reflectem uma diminuição, quer em termos de capturas, quer em preço médio de venda do produto, podemos concluir que a modernização da frota não terá sido bem planeada, nem executada.

Em resumo falhou a política de renovação da frota porque nem um barco dos Açores tem capacidade para ocupar com segurança a zona das 100/200 milhas. A sustentabilidade dos nossos recursos também deveria passar por aqui.

Muito obrigado.

**Deputado José Rego (PS):** Não pense assim!

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Muito bem!

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Lizuarte Machado.

(\*) **Deputado Lizuarte Machado (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs.

Membros do Governo:

Sr. Deputado António Pedro Costa, já percebemos que documentos o Sr. Deputado andou a ler e também já percebemos o caminho por onde o Sr. Deputado quer levar esta discussão.

O que acontece é que esta é uma Proposta de Resolução apresentada pelo PS e cá estão os Deputados do PS para esclarecer aquilo que for necessário, porque a proposta é sua, não é do Sr. Subsecretário.

Convém esclarecer o seguinte: esta proposta surge com toda a fundamentação que foi possível obtermos para podermos apresentá-la, fundamentação científica. Não apareceu apenas porque nos apeteceu que aparecesse.

Para falarmos daquilo que diz exactamente a ciência e os cientistas que nos levaram à fundamentação desta proposta, na qual não esquecemos que não está só a ciência nem a componente económica, estão questões sócio económicas, que são muito importantes encarar e resolver, lembro-lhe que segundo um estudo da Associação Americana para o Avanço da Ciência, as águas do Atlântico Norte estão a ser sub-exploradas e os recursos piscícolas podem entrar em colapso em 2025.

As espécies de maior valor comercial diminuíram mais de 80% em relação às existentes em 1900 e as capturas em 50 anos diminuíram para metade, apesar do crescimento exponencial do esforço de pesca.

A única forma de inverter esta tendência, de acordo com a Associação Americana para o Avanço da Ciência, é fazendo a gestão dos *stocks* numa perspectiva global, abrangendo todas as espécies com interesse comercial no Atlântico Norte.

Impõe-se assim a delimitação de zonas interditas em simultâneo com a redução da frota.

Como na situação actual a palavra menos em pesca, significa mais, ou seja, se se pescar menos tem-se mais peixe, não podemos continuar a aumentar o esforço de pesca para obter mais lucros, sob pena de a médio prazo o colapso acontecer mesmo.

Isto que é reconhecido pela Associação Americana para o Avanço da Ciência é também reconhecido pela própria Comissão Europeia, Comissão Europeia que

em comunicado, ou Conselho em Abril de 2002, afirmava o seguinte: “a grande variedade dos sistemas de gestão actualmente utilizados pela Comunidade e pelos Estados Membros, resultam numa falta de transparência, de eficácia e em certos casos de coerência global que contribuem para as dificuldades económicas com que o sector se confronta e que a realização dos objectivos fundamentais que a Comunidade dos Estados Membros tentam alcançar no contexto da Política Comum de Pescas, tais como a conservação dos recursos e a estabilidade relativa da possibilidade de pesca, não foram alcançados com a Política Comum de Pescas, como demonstram as condições procuradas de muitos dos recursos, sobretudo da espécie de demersais”.

Isto é o que diz a Comissão, isto é o que dizem os cientistas lá fora. Mas também há os cientistas e a comunidade piscatória de cá que ouvimos cuidadosamente e dizem que a Política Comum de Pescas e a gestão repartida tem efeitos nefastos sobre a gestão dos recursos. Mas dizem muito mais, que a gestão dos recursos tem que ser enquadrada sob dois pontos de vista: a sustentabilidade dos recursos, por um lado, e por outro a sustentabilidade biológica e a sustentabilidade sócio económica das comunidades piscatórias.

O interesse último das pescas é que ela sirva a comunidade e a economia mas ela só conseguirá satisfazer esse desiderato se for efectivamente sustentável e se os stocks não estiverem depauperados.

Mas vão mais longe os cientistas de cá. Dizem que houve nos últimos anos algumas transformações importantes ao nível da frota e do aumento do esforço de pesca. Desde há alguns anos vimos dizendo que não é possível aumentar o esforço de pesca e a percepção que temos dos dados que recolhemos é que há de facto áreas da nossa Região que estão muito depauperadas, ou seja, estamos a apanhar mais peixe do que as populações conseguem voltar a repor.

Portanto, há áreas onde neste momento já não é possível fazer reposição natural dos *stocks*.

Identificam claramente essas áreas. Por exemplo no grupo oriental, em São Miguel e Santa Maria e no mar da prata, identificam zonas onde o esforço de pesca tem sido tremendo, sobretudo, como o Sr. Deputado sabe por razões que



têm a ver com o facto da portaria das 3 milhas, em tempo oportuno, aprovada pelo Governo, não se ter aplicado em S. Miguel, por se ter reduzido S. Miguel até à área de 1 milha, o que teve efeitos nefastos sobre todos os *stocks* à volta da ilha, sobre os tais *stocks* de maior proximidade que o Sr. Deputado se refere.

Portanto, esta portaria do nosso ponto de vista vem dar resposta às necessidades prementes que se colocam neste momento.

Nós tivemos o cuidado de ouvir não só as comunidades piscatórias mas também as comunidades científicas para fundamentarmos e para podermos apresentar.

Por isso para qualquer esclarecimento, Sr. Deputado, estamos à sua disposição.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Subsecretário Regional das Pescas.

**(\*) Subsecretário Regional das Pescas (Marcelo Pamplona):** Sr. Presidente,

Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A proposta de Resolução do PS é bem-vinda, na óptica do Governo Regional, porque vem ao encontro daquilo que nós pretendemos.

Queremos diversificar a actividade da pesca, pescando as várias espécies que estão disponíveis no mar dos Açores, numa forma sustentável, valorizar comercialmente o pescado, através do reforço das infra-estruturas de frio que melhorem a qualidade de conservação e também através da entrada no circuito de comercialização do pescado dos produtores da fileira extractiva que são os pescadores, de forma a aproximar mais o preço de chegada ao consumidor final do preço de venda em lota.

Mas queremos também melhorar a sustentabilidade dos recursos, melhorando a gestão pesqueira do mar dos Açores de forma a envolver mais os profissionais da pesca, os investigadores marinhos, para que conduzam a melhores práticas de pesca de forma a garantir o futuro das comunidades piscatórias que não têm capacidade de deslocação para outras áreas de pesca.

Refiro que há comunidades piscatórias de determinadas ilhas que não têm embarcações com capacidade de se deslocar para as outras ilhas, nem para fora da Região nem para ocupar o mar dos Açores e precisamos reforçar as áreas de protecção a essas comunidades para lhes garantir o futuro.

Gostaria de dizer que o plano de renovação da frota de pesca tem dotado a Região duma frota mais moderna, mais polivalente e que permite diversificar mais as suas capturas, pescando várias espécies porque há várias espécies no mar dos Açores que não estão ainda a ser aproveitadas comercialmente.

Mas fazendo o ponto da situação de qual é a nossa frota actual. A nossa frota actual são 654 embarcações. Passámos duma frota de 1500 embarcações para 654. Obviamente que esta frota tem outra capacidade de pesca, tem outras condições de trabalho no mar e também de conservação do pescado.

No plano de renovação da frota importa referir que este plano foi entregue pelas Associações de Pesca dos Açores e é um plano no qual entraram 199 embarcações e vão ser construídas 124 embarcações.

Falamos de 19% da dimensão da nossa frota regional.

Esses 19% da dimensão da nossa frota regional são aquelas embarcações que vão garantir que a Região Autónoma dos Açores tenha uma capacidade de pesca numa altura em que é preciso desenvolver a capacidade produtiva da nossa Região.

Queria dizer relativamente a esta matéria que a nossa frota, ao contrário do que diz o Sr. Deputado António Pedro Costa, talvez mal informado, actualmente tem 27 embarcações maiores do que 20 metros, tem 50 embarcações maiores que 12 metros e menores do que 20 metros.

Os nossos bancos de pesca no mar dos Açores localizam-se a sudoeste do nosso mar e a nossa frota tem mais do que capacidade para ocupar o mar dos Açores, até diria que parecia um Deputado espanhol quando disse que os Açores não ocupam a sua ZEE.

Aquilo que acontece é que a nossa frota tanto tem capacidade para ocupar a zona próxima da costa, como tem capacidade para ocupar a zona mais fora da costa.

O que acontece é que pelas características da nossa ZEE, os bancos de pesca que existem no mar dos Açores são muito reduzidos e ao prolongamento da nossa ZEE na zona sudoeste há menos bancos de pesca do que nas zonas mais próximas de terra.

Relativamente à pesca lúdica, queria dizer ao Sr. Deputado que temos neste momento alguns dados estatísticos sobre a pesca lúdica. Temos cerca de 1500 embarcações de pesca lúdica que são licenciadas, ou seja, temos 654 embarcações que fazem a pesca comercial e temos mais de 1500 embarcações que fazem a pesca lúdica.

Mas as embarcações que estão licenciadas são as embarcações que também têm direito a exercer a actividade da pesca no mar dos Açores, porque o mar dos Açores não é exclusivamente de uma determinada classe profissional, mas pertence ao bem público que pertence aos açorianos.

A pesca lúdica é uma pesca que tem regras e limites e de facto tem sido fiscalizada, quer pelas autoridades regionais, quer pelas autoridades nacionais que também têm tarefas de fiscalização no nosso mar.

Relativamente às capturas, de uma maneira geral, posso dizer que no ano de 2011 pescámos 14,5 mil toneladas de peixe que já vai no valor de 35,4 milhões de euros, com IVA incluído, o que significa que pescámos mais do que no ano passado. Até ao dia 17 de Outubro temos um valor económico superior ao do ano passado.

Pescámos 2.750 toneladas de espécies demersais e espécies de profundidade; pescámos 11.300 toneladas de espécies pelágicas nas quais se incluem os pequenos pelágicos, os atuns e o espadarte e pescámos mais de 500 toneladas de moluscos nos quais se incluem as lulas, o que significa que este ano é um ano em que a capacidade produtiva da frota de pesca da RAA atingiu até ao momento um valor superior ao do ano passado.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado António Pedro Costa.

(\*) **Deputado António Pedro Costa (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O Sr. Deputado Lizuarte certamente não esteve atento à minha declaração inicial quando falei de que o Grupo Parlamentar do PSD partilhava as preocupações que estão por base na proposta do Grupo Parlamentar do PS.

**Deputado João Costa (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Até tive oportunidade de dizer que estávamos muito preocupados e que face a essa situação não vislumbrávamos muitas alternativas àquilo que está a ser proposto.

**Deputado Lizuarte Machado (PS):** Exactamente! Reconheço isso!

**O Orador:** Estávamos e estamos preocupados com aquilo que é apresentado. Ainda bem que vem.

O que quero dizer é que fizemos a reconversão da frota e deixámos os estrangeiros irem exactamente ocupar aquela que é a nossa ZEE, para além das 100 milhas.

**Deputado Lizuarte Machado (PS):** Deixámos não!

**O Orador:** Quantos barcos nossos estão capacitados para ir pescar para além das 100 milhas?

Tanto dinheiro que se gastou. Tanto dinheiro que veio da União Europeia para se fazer a reconversão da frota e infelizmente não temos a capacidade, ...

**Secretário Regional da Presidência (André Bradford):** Devia estar na República em vez de estar aí a dizer isso!

**O Orador:** Sr. Subsecretário sabe perfeitamente que não há um barco com capacidade, com autonomia, com segurança, que possa ir para além das 100 milhas.

**Subsecretário Regional das Pescas (Marcelo Pamplona):** 27 barcos maiores que 20m!

**O Orador:** Um barco de boca aberta com 10m, com 12m até pode ir. Agora essa informação também colhia ...

**Subsecretário Regional das Pescas (Marcelo Pamplona):** Não está preparado. Devia fazer o trabalho de casa!

**O Orador:** Essas são larachas do senhor. Já estamos habituados com essas larachas de virem dizer aqui que a gente não percebe nada, que a gente nunca sabe nada, que a gente nunca faz o trabalho de casa. Já estou habituado com isso.

Falei com muita gente, mas o senhor não me respondeu a uma coisa que é fundamental: qual é a saúde da Empresa Espada Pesca?

Diga-nos porque isso é importante para os pecadores saberem e conhecerem. O senhor na Comissão não me respondeu. Disse que não era contabilista. Um responsável político não pode de forma nenhuma dar-nos uma resposta como esta.

**Deputado José San-Bento (PS):** O senhor é que não pesca nada!

**O Orador:** Eu já lhe disse para onde é que o senhor deveria pescar, mas o senhor ainda não percebeu. Não quer que lhe diga mais uma vez.

*(Risos dos Deputados da bancada do PSD)*

Queria aproveitar esta oportunidade para manifestar a minha grande satisfação pelo facto do Orçamento de Estado para este ano, prever alterações ao Código do Regime Contributivo do Sistema da Segurança Social, em que os pescadores proprietários de embarcações de pesca artesanal deixarão de ser considerados trabalhadores independentes, voltando a ser equiparados com os demais tripulantes nos moldes que vigoravam antes de 1 de Janeiro de 2011, desagravando-se de uma tributação injusta.

**Secretário Regional da Presidência (André Bradford):** Quanto é que prevê para a fiscalização da ZEE?

**O Orador:** Esta medida do Governo da República vai ao encontro do Projecto de Resolução apresentado aqui nesta casa pelo Grupo Parlamentar do PSD e que foi reprovado por Vs. Exas.

Expressamos assim a nossa satisfação pelo facto do actual Governo da República ter concretizado a solução deste problema. Os senhores reprovaram aqui, prometeram e nunca fizeram.

**Secretário Regional da Presidência (André Bradford):** Fale com o Governo da República

Quanto é que prevê para a fiscalização da ZEE? E os patrulhões?

**O Orador:** Foi este Governo da República que fez isso repondo uma injustiça que havia. Até agora os senhores consideravam que não era uma injustiça.

Está feita. Ainda bem que está feita e os pescadores reconhecem isso...

**Subsecretário Regional das Pescas (Marcelo Pamplona):** Tem um erro que já vou explicar!

**O Orador:** Sim senhor, depois o senhor há-de dizer qual é o erro.

Gostaria exactamente de perceber qual a saúde financeira, e o senhor tem que nos dizer, e qual é a intervenção na normalização da comercialização que a Espada Pesca tem feito para justificar a sua criação.

Muito obrigado.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Muito bem!

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Mário Moniz.

**Deputado Mário Moniz (BE):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O Projecto de Resolução do PS, à primeira vista, no seu preâmbulo, tem a intenção de revolucionar o sector das pescas nos Açores, mas se atendermos à realidade podemos concluir que “a montanha pariu um rato”. Desde os considerandos até às propostas tudo é feito para as aparências.

Afirmar que nos últimos anos a Região apoiou a indústria e a requalificação de quase totalidade das infraestruturas essenciais para o exercício da actividade, quando na realidade esse investimento só foi feito, e bem, em casas de apresto, sabe a pouco.

**Secretário Regional da Presidência (André Bradford):** Não diga isso!

**Vozes dos Deputados da bancada do PS:** Não é verdade!

**O Orador:** Ficamos entretanto a aguardar medidas concretas que visem a redução significativa ...

**Deputado Hernâni Jorge (PS):** Fica incomodado com apartes, Sr. Deputado?

**O Orador:** Não, não. Não fico incomodado. Depois conversamos sobre isso.

Continuamos entretanto a aguardar medidas concretas que visem uma redução significativa nos transportes que permitam colocar os produtos da pesca no mercado externo.

Continuamos a aguardar por verdadeiras medidas de sustentabilidade económica da pesca. Por que é que não se estipularam ainda tamanhos mínimos

do pescado capturado e períodos de defesa que até já são uma realidade em países de terceiro mundo?

Quanto às práticas de pesca estas já se encontram regulamentadas.

Todavia não se investe na fiscalização e acima de tudo na fiscalização preventiva da regulamentação em vigor.

Foi ou não suspenso o artº. 5º. da Portaria Regional 43/2009, por parte do Sr. Subsecretário Regional?

**Subsecretário Regional das Pescas (Marcelo Pamplona):** Não foi suspenso!

**O Orador:** Com que suporte científico?

Teve em consideração a sustentabilidade ou foi um fato à medida de alguns?

Não contraria os estudos que a bancada do PS defende?

Abrir às Associações de Pesca na Região Autónoma, o capital social da Espada Pescas Unipessoal, S.A, sem mais nem menos, o que significa?

Qual o passivo e o activo desta empresa?

Quais as remunerações dos seus actuais gestores? Os pescadores sabem disso?

Ainda sobre a Espada Pescas, que vantagens trouxe para o mercado? Onde está a lota electrónica?

Relembramos que é mais importante do que isso a necessidade de termos uma rede de transportes que permita colocar o pescado em mercados que o valorizem. Nunca falou nisso.

As medidas propostas são vagas. De que falamos quando se propõem medidas de protecção à pequena pesca artesanal regional na zona entre a costa e as seis milhas, sem referir a eventualidade dessas mesmas medidas virem a ser temporárias?

Que artes de pesca serão proibidas?

Srs. Deputados, tudo o que compreende o ponto 1, o ponto 2 e o ponto 3 já estão regulamentados.

O ponto 1 está regulamentado pelos artigos 9º. e 10º.;

O ponto 2 está regulamentado pelo artigo 5º., embora esteja suspenso;

O ponto 3 está regulamentado pelo artigo 15º.

Resta-nos o ponto 4.

Enfim, estamos perante um Projecto de Resolução, é certo, mas por ser um Projecto de Resolução isso não justifica o teor vago de umas medidas nem mesmo a ineficácia e a redundância de outras.

Este Projecto de Resolução não aquece nem arrefece: não aquece porque nada traz de novo nos três primeiros pontos, uma vez que já existe legislação, a não ser que o PS queira recomendar ao Governo que a cumpra; não arrefece porque a tentativa de tornar a Espada Pesca dona dos pescadores só poderá ter o repúdio destes.

Por tudo isto o Grupo Parlamentar do BE Açores irá abster-se.

**Secretário Regional da Presidência** (*André Bradford*): E ainda por cima abstêm-se!

**O Orador:** A única coisa que concorda é com a recomendação ao Sr. Secretário para pôr tudo de novo em vigor.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado José Gaspar Lima.

(\*) **Deputado José Gaspar Lima** (*PS*): Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado António Pedro, ficamos satisfeitos em saber que o Grupo Parlamentar do PSD também se preocupa e concorda com as medidas aqui apresentadas. Isso para nós é muito bom.

Queria dizer ao Sr. Deputado Mário Moniz o seguinte: é por todos conhecido que as nossas embarcações têm melhores condições de habitabilidade, de navegabilidade, de segurança e mais capacidade de permanência no mar. Isto é uma realidade.

É de todos conhecido que a pesca tem sofrido ao longo dos últimos anos uma enorme alteração na componente extractiva após o trabalho feito pelos Governos Regionais do PS na renovação da frota e na melhoria das infraestruturas.

**Deputado Mário Moniz** (*BE*): E no controlo dos *stocks*?

**O Orador:** Isto é verdade. Em todas as infraestruturas. O senhor olha para as ilhas todas e vê a diferença que há em todos os portos, desde casas de aprestos a



entrepostos frigoríficos, às rampas de varagem, às gruas, aos *travel lifts*. Tudo isso. O senhor não diga que não é verdade.

Também sabemos que as capturas aumentaram não pelo aumento dos *stocks*, das espécies, mas sim pelo esforço da pesca que tem sido feito pelas nossas embarcações, uma vez que as mesmas foram melhoradas para estarem mais tempo no mar. É verdade ou é mentira? É verdade!

Quero dizer ao Sr. Deputado que de algum tempo a esta parte diversas associações do sector têm vindo a manifestar-se contra a pesca de palangre dentro das 3 e entre as 3 e as 6 milhas.

Sabe por que é que eles se manifestam dentro das 3 e entre as 3 e as 6 milhas? Porque ainda há muitos barcos, como disse o Sr. Subsecretário, com 27 metros (e mais) e entre 14 e 24 metros que se põem dentro da costa a pescar onde deveriam estar a pescar as pequenas embarcações.

Não temos ainda uma fiscalização eficaz e o que queremos criar agora é uma fiscalização ainda mais eficaz para esses barcos, com o tamanho que têm, terem que ir mais para fora, terem que ir pescar para alta profundidade, apanhar a juliana e outra qualidade de peixe que têm que apanhar.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** É verdade!

**Deputado Mário Moniz (BE):** Então façam um projecto como deve ser!

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** O Sr. Secretário que peça a defesa da honra!

**O Orador:** Não têm que estar a pescar onde tem que pescar a maioria das embarcações da pequena pesca. É esta a realidade.

Sabemos que já existe muita regulamentação elaborada pelos Governos Regionais do PS, mas face a esta preocupação das associações e da própria Federação das Pescas, temos que fazer algo mais, ou seja, continuar a melhorar esta regulamentação a nível das artes de pescas, das espécies a capturar, de forma diferente, consoante as ilhas ou mesmo os pesqueiros em causa, porque estas medidas já são feitas há anos com sucesso em diversos países do mundo e nas ilhas Canárias.

Como sabem, a vontade dos armadores e pescadores varia consoante as ilhas e mesmo o tipo de pesca que exercem, por isso temos que criar medidas em

colaboração com os cientistas, com as associações de pescadores, armadores, chegando a um consenso, para que no futuro não tenhamos um mar só com água e sem peixe.

**Deputado Mário Moniz (BE):** Exactamente!

**O Orador:** O que é que queremos? Queremos criar medidas concretas. Esse Projecto é isso. É criar medidas concretas para termos um mar com peixe e não um mar só com água.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Até agora o Governo só tem feito o contrário!

**O Orador:** O Governo tem feito medidas concretas relativamente a isso. Temos é que as reforçar, porque há gente que abusa relativamente a esses casos e é com isso que temos que acabar, com os abusos.

Os pescadores que estão a ouvir sabem bem do que é que se está a falar, a maioria deles.

Ao mesmo tempo, defender o futuro não só dos que deste sector dependem, mas sim dos nossos filhos e dos nossos netos.

Está na altura de darmos maior ênfase ao trabalho na defesa e na sustentabilidade dos recursos neste sector.

Não somos nós que o dizemos. É a maioria dos que estão dependentes desta fileira das pescas e é isto que o Governo Regional e o Grupo Parlamentar do PS está a fazer, ...

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Então se está a fazer não precisa do projecto de resolução!

**O Orador:** ... a trabalhar na defesa dos recursos piscícolas e na sustentabilidade deste sector, a favor dos pescadores e armadores da nossa Região, fazendo da nossa Região uma Região exemplar no país e na União Europeia, no que concerne a medidas de preservação e sustentabilidade dos nossos mares, ao mesmo tempo valorizando a actividade da pesca e valorizando o valor que os pescadores têm a nível das nossas ilhas e na economia da nossa Região.

**Deputado Berto Messias (PS):** Quem fala assim não é gago!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Estêvão.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Devo dizer que me revejo em muito daquele que é o conteúdo da última intervenção feita pelo Sr. Deputado Gaspar Lima.

Devo dizer que as preocupações expressas pelo Sr. Deputado e a realidade descrita correspondem também ao testemunho que eu recebi em relação a este tipo de questões.

Em primeiro lugar, relativamente a este Projecto de Resolução, naquele que é o articulado proposto, concordo com todos os pontos e nesse sentido vou votá-lo favoravelmente.

Quero deixar duas ou três observações sobre o seguinte: em primeiro lugar, considero que chegámos a este estado porque o Governo Regional não foi eficaz, até agora, na preservação do *stock* de pescas, para que a exploração tivesse sido uma exploração mais racional.

É por isso que estamos nesta situação e estas medidas devem ser rapidamente implementadas. Devem sair do plano das intenções. Se estamos na situação que estamos não é exclusivamente devido ao Governo, obviamente, é também devido à irresponsabilidade de muita gente neste sector, mas o Governo não foi eficaz na implementação das medidas, até agora, para controlar esta situação.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Por isso é que chegámos a uma situação, como referia o Sr. Deputado Gaspar, muito, muito preocupante e em que se continua a registar um conjunto de abusos inadmissíveis.

Deixe-me dizer-lhe também, Sr. Subsecretário, que tem que terminar esta história das autorizações das embarcações, como por exemplo, para o Grupo Ocidental.

São essas decisões que são incompreensíveis neste quadro que estamos a viver.

Eu compreendo que o Sr. Subsecretário não voltará a fazê-lo, mas este tipo de medidas para sociedades que ainda tinham algum equilíbrio, para zonas em que existia ainda algum equilíbrio, autorizar a deslocação de embarcações para justamente criar o mesmo tipo de situações que já se vive nos outros grupos do arquipélago, não é positivo.

Por isso deixo-lhe esse alerta, temos que ser consequentes com o que aqui está escrito.

Com o que aqui está escrito, em termos de recomendações, concordo. Não concordo é com algumas práticas que não correspondem a este tipo de preocupações.

Temos que afastar estas práticas. Com este conjunto de recomendações estou de acordo.

Por isso quero terminar a minha intervenção dizendo o seguinte: acredito que este é um sector que tem um enorme potencial para o desenvolvimento da economia dos Açores.

Temos uma pressão, por parte dos pescadores, que vêem os seus rendimentos diminuir e, por outro lado, temos a pressão da racionalidade e muitas vezes resistindo a algumas pretensões por parte de pessoas do sector, temos que introduzir critérios de racionalidade, critérios de inteligência na exploração do mar dos Açores, por que se não, é como disse o Sr. Deputado Gaspar Lima, daqui a pouco só temos um mar com água e sem peixes.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Aníbal Pires.

(\*) **Deputado Aníbal Pires (PCP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Depois de ouvir a intervenção do Deputado José Gaspar só posso dizer que a subscrevo quase integralmente, uma vez que o Governo tem regulamentação, tem feito alguma coisa no sector, mas falta aquilo que V. Ex<sup>a</sup>. Referiu, que é a questão da fiscalização. Eu subscrevo isso, mas isso não é o que está neste Projecto de Resolução. O que está no Projecto de Resolução é outra coisa bem diferente.

Relativamente à questão do sector das pescas é evidente que todos nos preocupamos, a Representação Parlamentar do PCP também acompanha as preocupações que se colocam ao sector das pescas na Região, desde logo, a sua sustentabilidade onde é necessário certamente encontrar um equilíbrio entre aquilo que é a preservação e a gestão de *stocks*, preservação de espécies, com um necessário rendimento digno para os pescadores.

Este equilíbrio parece-me ser, de facto, aqui um vector fundamental para a sustentabilidade deste importante sector na economia regional.

Agora quanto à recomendação que o Grupo Parlamentar do PS aqui nos apresenta, importa dizer o seguinte: o primeiro e o segundo ponto não nos trazem nada de novo.

Vejamos: nada do que aqui se propõe é novo e como já foi referido aqui também existe quer a reserva, quer os limites à utilização das artes, quer das próprias embarcações.

Aquilo que é importante e ficamos na expectativa é que o problema que se coloca, e que tem a ver com o dar eficácia à fiscalização, quer à fiscalização costeira, quer à fiscalização marítima, é importante e tem que ser feito, porque se não for feito o futuro das pescas nos Açores está seriamente comprometido.

Quanto ao terceiro e quarto pontos da Resolução, apresentam alguma novidade, embora e relativamente ao terceiro ponto não posso deixar de alertar para o facto de que com a tecnologia disponível para a detecção de cardumes, a pesca com linha de mão é por vezes, ou pode ser, tão destrutiva como a do palanque.

Por fim, o quarto ponto é, na minha opinião, o que nos parece ser necessário e mais concreto, como seja o envolvimento dos pescadores e armadores na comercialização do pescado.

Mas ainda assim subsiste aqui uma dúvida e de facto se o Grupo Parlamentar do PS assim o entender, esclarecerá.

Será que esta proposta do Grupo Parlamentar do PS, no que concerne ao quarto ponto, não tem subjacente e a sua génese não reside na alteração que recentemente aconteceu na Presidência da Federação das Pescas?

Gostaria de ouvir qualquer coisa do Grupo Parlamentar do PS sobre isto.

**Deputado Lizuarte Machado (PS):** O que é que isto tem a ver com a Federação das Pescas?

**O Orador:** Sr. Deputado Lizuarte Machado, respondendo ao seu aparte.

Todos sabemos quem é que está a presidir à Federação das Pescas e todos sabemos como é que esse processo foi conduzido.

**Deputado Lizuarte Machado (PS):** Explique!

**O Orador:** Certamente. Como foi conduzido é muito simples, aliás como têm sido conduzidos outros processos em que o PS coloca Comissários à frente das organizações, quer sejam profissionais, quer sejam de carácter social, quer sejam de carácter cultural.

**Secretário Regional do Ambiente e do Mar (Álamo Meneses):** Eu julguei que isso era a especialidade do PCP!

**O Orador:** Efectivamente aquilo que se está a passar nesta Região é que o PS vive à conta dos Comissários políticos nas organizações da sociedade civil. Estão satisfeitos? Era isto que queriam ouvir?

**Deputada Zuraida Soares (BE):** Os senhores é que perguntaram.

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** É uma acusação grave. Respondam!

**O Orador:** Vou finalizar, dizendo que face a este Projecto de Resolução que nada acrescenta, a maior parte daquilo que aqui é proposto, com excepção do quarto ponto, está feito. O que é preciso fazer é fiscalização, reforçar os meios de fiscalização e atender ao sector neste equilíbrio necessário entre a preservação da espécies, a gestão dos stocks e garantir um rendimento digno para os pescadores, garantindo a sustentabilidade do sector face àquilo que eu acabei de expor.

A posição do PCP é de abstenção.

**Presidente:** Sr. Deputado Berto Messias pede a palavra para?

**Deputado Berto Messias (PS):** Para um protesto.

**Presidente:** Tem três minutos.

(\*) **Deputado Berto Messias (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Para protestar tendo em conta as afirmações do Sr. Deputado Aníbal Pires, que na nossa perspectiva são ofensivas, especulativas e graves, sobre o papel do PS na Região e sobre a alegada e suposta ingerência do PS na vida normal e democrática das nossas associações ...

**Deputado João Costa (PSD):** É preciso ter lata!

**O Orador:** ... e nas forças vivas dos Açores, que felizmente respiram saudavelmente democracia em antítese com aquilo que se vivia nos Açores há algumas décadas atrás.

**Deputado Mário Moniz (BE):** Ainda outro dia ajudaram a fazer um negócio!

**O Orador:** Devo dizer também que as suas afirmações e as acusações ofensivas que faz ao PS, na intervenção que acabou de fazer, são sobretudo um profundo desrespeito pelos pescadores dos Açores e pelas associações representativas dos pescadores na RAA.

**Vozes dos Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS)*

**Presidente:** Para um contra-protesto tem 3 minutos, Sr. Deputado.

(\*) **Deputado Aníbal Pires (PCP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O meu contra-protesto é sereno e muito simples.

O Sr. Deputado Berto Messias veio protestar quando deveria ter vindo fazer um esclarecimento.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Muito bem!

**O Orador:** O Sr. Deputado Berto Messias protestou, mas não esclareceu as dúvidas que aqui foram colocadas.

Sr. Deputado Berto Messias, a sua obrigação não era protestar contra as minhas palavras, era esclarecer as questões que eu coloquei e as questões que eu coloquei foram claras e mantenho-as.

Aliás, basta percorrer esta Região para nos apercebermos das queixas que são feitas, vindas dos cidadãos, vindas das organizações.

**Deputado Berto Messias (PS):** O senhor é que tem de concretizar as afirmações que fez!

**O Orador:** Foram concretizadas, V. Ex.<sup>a</sup>. é que não as esclareceu e passa-se em todos os sectores.

Era bom, se me permite até é um conselho, que o PS se colocasse, em termos orgânicos, a trabalhar e deixasse de utilizar a estratégia que está a utilizar, que é a de colocar Comissários Políticos, e deixasse os cidadãos actuar livremente.

**Deputado Berto Messias (PS):** Insiste! Registo que persiste no erro.

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados, as duas posições ficaram claras, vamos prosseguir.

Tem a palavra o Sr. Deputado Pedro Medina.

(\*) **Deputado Pedro Medina (CDS/PP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Uma intervenção muito rápida para fazer algumas observações em relação ao Projecto de Resolução que o Grupo Parlamentar do PS apresenta aqui em Plenário e que tem a ver com a valorização do rendimento da pesca e promoção da sustentabilidade dos recursos marinhos.

Este é efectivamente um sector de grande complexidade. Temos essa consciência, mas também temos a consciência que é um sector que deve ser visto com uma visão integrada e não com cada um a olhar, digamos assim, para as suas capelinhas.

Há muitos problemas no sector. Não é um sector que nos dias de hoje tenha um consenso geral sobre as políticas que o Governo tem seguido, nomeadamente na questão da gestão dos recursos marinhos e na comercialização desses próprios recursos.

Portanto essas são preocupações que gostaríamos de deixar aqui e penso que esse Projecto de Resolução, de certa forma, não tem como objectivos dar resposta a essas grandes questões.

Como disse e muito bem o Sr. Deputado José Gaspar, esse Projecto de Resolução tem como um dos grandes objectivos tornar a fiscalização mais eficaz.



Se formos ver o Projecto de Resolução, e na apresentação que foi feita pelo Sr. Deputado José Gaspar, ele fala em medidas estruturantes.

Ora, do nosso ponto de vista a única medida mais estruturante que existe neste Projecto de Resolução tem a ver exactamente com o ponto n.º. 4, nomeadamente com a questão da Espada Pescas.

A situação desta empresa tem andado um bocadinho no segredo dos Deuses, com poucos esclarecimentos por parte do Sr. Subsecretário das Pescas em relação não só à composição do seu capital, como à prestação das suas contas. Agora resolve o Governo tomar aqui uma outra solução na composição do seu capital abrindo às associações de pescadores das nossas ilhas, associações essas que estão a passar grandes dificuldades financeiras.

Gostaria de saber, se o Sr. Subsecretário pudesse esclarecer, qual é a actual situação da Espada Pescas e se essa solução que o Governo encontrou, pelos vistos solução única, também não pode chocar aqui com outros interesses na pesca dos Açores.

Pode haver outras soluções eventualmente. Por exemplo, na área da comercialização, nem tudo se resume à Espada Pescas nem ao poder negocial que esta empresa possa ter, nomeadamente para o exterior.

Temos também a questão, penso que ainda por resolver, da venda, a venda em lota.

Como sabe uma das preocupações da Espada Pesca é garantir mais rendimento aos pescadores na venda em lota.

Portanto, um dos problemas a nível estruturante aqui nos Açores, pode ter a ver exactamente com a parte da venda em lota.

Para já era só em relação a esta matéria.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Lizuarte Machado.

(\*) **Deputado Lizuarte Machado (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Colocaram-se aqui várias questões, uma delas diz respeito à suspensão do artigo 5.º. da Portaria Regional 43/2009.

Convém esclarecer que depois de uma reunião com os representantes dos pescadores, com a Federação das Pescas, esta suspensão verificou-se durante o mês de Verão e em Novembro haverá uma nova reunião para avaliação da situação.

Portanto, tratou-se apenas de uma suspensão provisória que será reavaliada em Novembro.

No que diz respeito ao ponto 4 da Proposta de Resolução já estar em andamento, é preciso não esquecer que esta proposta é de 14 de Abril de 2011, já lá vai algum tempo.

Quanto à Proposta de Resolução não trazer nada de novo, no seu ponto 1 o que se pretende não é o que previa a portaria anterior que regulamentava esta matéria. O que se pretende é que entre as zero e as seis milhas, ou seja, entre a linha de costa e as seis milhas não exista mesmo actividades de pesca com palangre.

Aliás, isto vem ao encontro daquilo que as próprias comunidades piscatórias nos colocaram e colocaram porquê? Porque os *stocks* estão bastante procurados, o palangre exige um esforço de mão-de-obra bastante significativo. Portanto, o rendimento por anzol do palangre nesta zona caiu bastante e por isso eles próprios estão de acordo que é preciso recuperar *stocks*, utilizar equipamentos menos predadores para que a coisa possa funcionar.

Penso que relativamente a isso não haverá nenhuma dúvida.

Relativamente à fiscalização é evidente que todos estamos de acordo. Há dois tipos de fiscalização: há aquela que se faz no mar (nós sabemos as limitações que a Região tem relativamente a isso por via do enquadramento legal desta matéria), mas há também aquela que se pode fazer à porta da lota e nessa pode-se perceber se as embarcações estiveram a pescar na tal zona próxima da linha de costa ou se estiveram a pescar bastante mais afastadas dessa zona da linha de costa.

Daí o reforço da regulamentação das actividades pesqueiras, tendo em conta as características das espécies alvo. Isso é importante,

A Inspeção Regional das Pescas pode também fiscalizar junto à entrada da própria lota.

É evidente que uma embarcação que está licenciada para o palangre e que só o pode fazer fora das seis milhas não pode aparecer com espécies na lota, como o mero, o pargo, ou outras espécies que sabemos que são espécies da linha de costa.

Portanto, isso por si só já é quanto basta para instaurar uma coima a essa embarcação, porque esteve efectivamente a cometer uma penalização grave.

Quanto às embarcações que não podem utilizar o ponto 3, “assegurar, com a colaboração das associações profissionais, que as embarcações licenciadas para pescar com palangre de fundo e com linhas de mão, na zona entre a costa e as 6 milhas, não possam, em circunstância alguma, pescar com linhas de mão sempre que transportem artes de palangre de fundo a bordo”, essa questão é importante, porque a Região tem pouca capacidade de fiscalizar no mar. Essa questão é fundamental.

É fundamental porquê? Porque as embarcações têm os dos equipamentos a bordo, estão numa zona onde não podem utilizar palangre, largam o palangre e quando a fiscalização se aproxima é só cortar a linha ou o balão, começar a pescar com linhas de mão e dizer: estamos a pescar com linhas de mão.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Exactamente!

**O Orador:** Portanto é fundamental que isso aconteça, porque o que se passa a este nível é gravíssimo.

Aliás, penso que na deslocação de embarcações doutras ilhas ao Grupo Ocidental, isto verificou-se e é da maior gravidade.

Consideramos que isto é importante e, funcionando conjugadamente com a fiscalização à entrada da lota pela Inspeção Regional das Pescas, pode evitar-se muita infracção.

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Tal como nós o denunciámos e os senhores disseram que não!

**O Orador:** Resumindo, este Projecto de Resolução foi feito com a melhor das intenções, foi feito como o Sr. Deputado António Pedro Costa, (eu peço

desculpa de não ter reconhecido isso na minha primeira intervenção) reconheceu, mas o Sr. Deputado José Gaspar também reconheceu em nome do Grupo Parlamentar.

Reconheço também que não há muito mais a fazer. Nós estamos numa situação em que temos de facto que preservar aquilo que temos. Temos que conversar com o mundo científico, temos que conversar com as associações representativas dos pescadores e temos que preservar aquilo que temos, se quisermos continuar a ter pescadores.

Aliás, eles próprios começam a ter a percepção clara disso e lembro o Sr. Deputado António Pedro Costa que ainda não há muito tempo um pescador da sua terra dizia muito claramente numa reportagem na televisão: “nós temos que repensar o que estamos a fazer, porque senão os meus filhos não vão poder ser pescadores”.

Portanto esta Resolução aparece nesse sentido, com esse espírito e também é com esse sentido e com esse espírito que supomos que terá a aprovação da maioria desta casa.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Muito bem!

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Estêvão.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Como disse vou votar favoravelmente este Projecto de Resolução.

Gostava apenas de obter o esclarecimento de Vs. Exas., dos proponentes da bancada do PS, se aqui no ponto 4, “Abertura do capital social da Espada Pescas Unipessoal, a vossa perspectiva é que o Governo se mantenha maioritário ou não, no âmbito da Espada Pescas.

Entrando as associações representativas dos profissionais da pesca, se esta participação pode ou não ser maioritária.

É uma simples questão de pormenorização de qual é a latitude desta abertura.

A segunda questão é se os Srs. Deputados têm uma análise feita, uma perspectiva, por que é que esta empresa até ao momento não conseguiu quebrar o monopólio, nomeadamente no âmbito da venda lota, que continua

Sendo que um dos propósitos da criação da empresa era realmente quebrar esta injustiça e esta desigualdade tremenda que cria para o rendimento dos pescadores, por que é que ela não foi até agora tão eficaz na obtenção de resultados na quebra deste monopólio?

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Subsecretário Regional das Pescas.

(\*) **Subsecretário Regional das Pescas** (*Marcelo Pamplona*): Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Relativamente à Espada Pescas eu queria reafirmar aqui que a Espada Pescas nasceu a pedido dos pescadores.

Neste momento está num processo, após esta Resolução, de conversação com a Federação das Pescas, no sentido de saber como é que ficará o capital social, ou seja, se será objecto de negociação com a Federação das Pescas, no sentido de encontrar a melhor forma de entrada dos pescadores no capital social da Espada Pescas.

**Deputado Artur Lima** (*CDS/PP*): Qual é a dívida?

**O Orador:** Queria dizer o seguinte: a Espada Pescas iniciou-se em 2009 e a ideia da Espada Pescas não é competir e retirar mercado aos nossos comerciantes.

A Espada Pescas tem como objectivo actuar selectivamente em algumas ilhas em que não há comerciantes, em que o preço do pescado em S. Miguel e na Terceira é um e nas outras ilhas é outro.

O objectivo é trabalhar com as associações da pesca e garantir o escoamento.

Posso dizer-vos que a Espada Pescas em 2009 comprou 42 toneladas de pescado no valor de 209 mil euros, o que representou 0.6 do total de pescado comercializado.

Em 2010 comprou 220 toneladas de pescado, no valor de 1 milhão de euros, que representou em termos de peso 2% e em termos de valor 3%.

Em 2011 comprou 599 toneladas de pescado no valor de 6% da Região.

O que se pretende é que os pescadores entrem no circuito da comercialização de pescado, de forma a serem eles a poderem participar no negócio da comercialização e introduzirem mais justiça neste sector.

Não é correcto que existam, por serem mercados pequenos, margens de lucro bastante grandes que até muitas vezes nem ficam no sector regional das pescas.

A Espada Pescas investiu num pequeno entreposto em Ponta Delgada de congelados, que tem túnel para congelação, câmara de congelação, câmara de refrigerados e investiu também num armazém no MARL, que é um ponto logístico de distribuição no continente.

Esse armazém está disponível para qualquer comerciante da nossa Região, caso o pretenda utilizar, ou seja, a ideia da Espada Pescas é uma ideia de entrar em plena participação com os pescadores para poder entrar no circuito da comercialização de pescado e introduzir uma maior justiça no sector das pescas.

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Exactamente!

**O Orador:** A Espada Pescas foi criada a pedido das próprias associações das pescas que tinham limitações muito grandes de venda de pescado, em particular, nas ilhas da coesão.

Paulatinamente a nossa ideia é que a Espada Pescas possa crescer até a uma altura que possa ser libertada para as associações da pesca totalmente.

Obrigado.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Não falou com o contabilista ainda!

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Artur Lima.

(\*) **Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Para pegar numa deixa que o Sr. Subsecretário aqui deixou e é exactamente a valorização do pescado.

O senhor disse, e muito bem, que na Terceira e em S. Miguel é diferente nas outras ilhas.

V. Ex.<sup>a</sup>. já se perguntou porquê? Por que é que é diferente nas Flores? Por que é diferente na Graciosa? Por que é mais baixo nas Flores? Por que é mais baixo

no Corvo? Por que é mais baixo na Graciosa do que na Terceira ou em S. Miguel?

Por um motivo: os senhores são teimosos e não querem resolver.

Chama-se escoamento do pescado fresco que os senhores têm repugnado fazer.

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** Avião cargueiro!

**Deputado José Rego (PS):** E leva os compradores no avião?

**O Orador:** Nós já apresentámos aqui propostas nesse sentido. Foi exactamente levar o peixe fresco para as ilhas de maior mercado e para os mercados da exportação. Fresco!

O senhor sabe melhor do que eu que quando chega, e fica dois ou três dias no frio, perde mais de 50% do seu valor.

Portanto o que é preciso é tornar eficiente o escoamento de produtos, eficiente o escoamento da pesca, porque não pode estar sujeito à disponibilidade da SATA, ao horário da SATA, porque acaba por ficar dois e três dias numa ilha pequena, por isso é preciso um sistema eficaz de escoamento de pescado. Nós já o propusemos aqui e os senhores teimosamente votam contra o avião cargueiro para os Açores que faça essa rota, que leve para a Terceira, que leve para S. Miguel, que traga para o Faial e daqui, dessas *Gateways*, seja exportado ainda no mesmo dia para os mercados continental e espanhol, Sr. Subsecretário.

É isso que os senhores têm que fazer. É isso que dá valor ao pescado. É isso que os senhores não querem fazer para depois virem para aqui com paliativos. Paliativos absolutos! Mais nada! Só paliativos!

Sr. Subsecretário, aconselho o senhor a ir à doca do Faial e ver quantas traineiras espanholas estão lá e quantas portuguesas.

Ainda ontem tinha lá 5 espanholas, 1 portuguesa. É isso que o senhor vai ver lá. Quem é que anda a pescar no mar dos Açores, Sr. Secretário? Quem é que anda cá a pescar? É a olho nu! É ir lá e ver.

Quanto à fiscalização, o Sr. Deputado Lizuarte Machado falou e muito bem da fiscalização no mar, temos limitações, devido à legislação, que não é da nossa competência. Totalmente de acordo.

Mas falou numa outra coisa que estou também totalmente de acordo com ele e que é preciso intensificar, que é a fiscalização em terra, nomeadamente a fiscalização na lota, identificando as espécies e sabemos de onde vieram. O barquinho esteve lá. Mas a Inspeção Regional do Ambiente, que é muito pouco trabalhadora, também poderia andar a ver.

Ainda me lembro, e o Sr. Deputado Lizuarte Machado melhor do que eu, do vigia da baleia. Víamos as baleias a milhas de distância da ilha.

Portanto, não custa nada também andar pela costa nuns carrinhos, ver os que estão a três milhas da costa e com um binoculozinho ver o que é que ele está a pescar.

**Secretário Regional do Ambiente e do Mar** (*Álamo Meneses*): Estranha ideia essa de fiscalização!

**O Orador:** Portanto, ineficiência da Região nessa matéria. Falta de fiscalização da Região nessa matéria.

A Inspeção do Ambiente está nas cadeiras de espaldares a descansar e quando se lembra vai chatear a vida a um pobre. É isso que a Inspeção do Ambiente faz. Vai ver um saquinho de lixo que um pobre deixou à porta.

Portanto, fiscalização e não precisa inventar nada. Na vigia da baleia, estes nossos homens com binóculos rudimentares viam baleias ao longe.

Os senhores não vêem barcos de pesca ao pé do quintal. Essa é que é a verdade, Sr. Secretário.

**Deputado Paulo Estêvão** (*PPM*): Muito bem!

**O Orador:** Quem não tem cão caça com gato, mas os senhores não querem caçar nem com cão nem com gato. Os senhores querem ficar no conforto dos gabinetes.

É isso que os senhores têm que fazer. Na fiscalização, nós também podemos dar o nosso contributo e o Ambiente não fiscaliza.

**Deputado Paulo Estêvão** (*PPM*): Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PPM e CDS/PP).*



**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Subsecretário Regional das Pescas.

(\*) **Subsecretário Regional das Pescas** (*Marcelo Pamplona*): Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Relativamente à matéria de escoamento de pescado eu queria dar apenas aqui uma nota de que a Região neste momento está a exportar por via aérea cerca de 4 mil toneladas de pescado, quatro milhões de quilos de peixe e a capacidade de escoamento de pescado das ilhas da coesão aumentou imenso com a nova frota da SATA, como bem sabe.

Relativamente à fiscalização eu diria que a Inspeção Regional das Pescas tem feito um bom trabalho, exerce actividade de controlo da pesca. Aliás, há uma embarcação espanhola que foi ontem aqui apresada pela Inspeção Regional que não tinha os equipamentos necessários para poder entrar na nossa ZEE e também tem radares que utiliza no controlo da nossa costa.

Portanto, não é correcta a informação que o Sr. Deputado dá, porque de facto a Inspeção Regional, em colaboração com as outras entidades nacionais nesta matéria, que são a GNR e a Polícia Marítima, têm feito uma acção meritória neste tipo de fiscalização.

Obviamente que temos a noção de que há infracções à actividade da pesca mas existem em todo o mundo, ou seja, não há capacidade possível para controlar a actividade da pesca a nível mundial, mas depende fundamentalmente duma acção preventiva em que quem anda à pesca se habitua a preservar os recursos para que tenhamos no futuro recursos para os nossos filhos e para os nossos descendentes.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado António Pedro Costa.

(\*) **Deputado António Pedro Costa** (*PSD*): Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Sr. Subsecretário, o senhor tinha-nos dito que não era contabilista mas desde a reunião da Comissão até agora acho que teve tempo de perguntar ao contabilista qual era a situação financeira, qual era o estado de saúde financeiro da Espada Pescas. Ainda não o fez, não sei porquê. Gostaríamos de saber, porque isso é

uma matéria fundamental para podermos avaliar de facto qual é a política desta empresa. Portanto, gostaria que o senhor nos dissesse.

Por outro lado, há aqui uma situação que gostaríamos de enfatizar. Temos um enxame de frota que foi renovada, um enxame com 10 e 12 metros. No entanto não tivemos a capacidade de investir em barcos para ir em segurança e com autonomia para além das 100 milhas.

Por isso a política de renovação da frota falhou, porque não estaríamos nessa situação, com a falta de sustentabilidade neste aspecto, se houvesse um investimento em barcos com capacidade para ir para além das 100 milhas.

Gostaria que o senhor nos informasse qual é a situação da Lotinha Insular, pois é uma matéria que gostaríamos, neste âmbito, de perceber, para ver se no investimento que foi feito, a parceria que foi feita entre o Governo e a Lotinha da Madeira, há uma boa gestão nesta área das pescas.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Artur Lima.

(\*) **Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Em primeiro lugar era para uma correcção, eu referia-me à Inspeção das Pescas, Sr. Secretário. Inspeção Regional das Pescas, não era do Ambiente. É uma correcção que fica aqui.

Depois, mais uma notazinha. Tenho pena que o Sr. Deputado Aníbal Pires não esteja aqui, nem o Sr. Deputado Francisco César, porque vou referir-me aos dois, de alguma maneira. É muito simples.

O Presidente da Associação de Pescadores de S. Jorge, que é simultaneamente dirigente do Partido Socialista e autarca...

**Deputado Francisco César (PS):** E...

**O Orador:** Não estou a qualificar factos, nem estou a fazer juízos de valor, estou a constatar factos.

O que estou a dizer é que o Presidente da Associação de Pescadores de S. Jorge é dirigente do PS, autarca do PS. É isso que estou a dizer. Cada um tira as conclusões que quiser tirar.

O Sr. Presidente da Associação de Pescadores de S. Jorge disse ao Sr. Deputado Francisco César, na Comissão de Economia quando o questionou se a frota da SATA não tinha melhorado o escoamento de pescado da Ilha de S. Jorge, que não!

**Deputado Francisco César (PS):** Não é verdade!

**O Orador:** É verdade sim senhor.

**Deputado Berto Messias (PS):** E o Presidente da Associação de Pescadores do Pico?

**O Orador:** Está escrito no relatório.

A única coisa que pedia é que escoassem o peixe de S. Jorge. Era o único pedido que ele fazia ao Governo. Um escoamento eficaz e eficiente de peixe em S. Jorge.

Foi isso que o senhor pediu e efectivamente disse mais uma coisa que eu acho extraordinário e que o senhor vai confirmar.

Muitas das vezes para conseguir espaço na SATA, nestes novos aviões, tinha que telefonar ao Sr. Subsecretário para lhe embarcarem o peixe. Isso é que não pode ser.

O Sr. Presidente tem que pedir ao Sr. Subsecretário que interceda para se fazer o escoamento de peixe. Não pode ser. É o sinal evidente que temos razão, que não melhorou com os horários da SATA, que não melhorou com a capacidade de escoamento da SATA.

O Sr. Presidente da Associação de S. Jorge, pessoa insuspeita, porque dirigente do PS, pessoa insuspeita porque eleito do PS, fez estas críticas ao PS e ao Governo do PS. Ponto final, parágrafo.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Muito bem visto Sr. Deputado Berto Messias.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Francisco César.

(\*) **Deputado Francisco César (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Não era para intervir neste debate, mas vou fazer uma pequena correcção e um pequeno esclarecimento em relação àquilo que foi dito pelo Deputado Artur Lima.

Não é verdade que o Presidente da Associação de Pescadores de S. Jorge tenha dito que tem dificuldades de escoar o peixe de S. Jorge, através da SATA.

A pergunta que eu fiz foi: há dificuldades em retirar o peixe de S. Jorge?

Ao que foi dito: da SATA não temos tido qualquer tipo de problemas de retirar o peixe para nenhuma *gateway*.

O que ele referiu foi que por vezes na Ilha Terceira o tempo que leva desde a descarga do peixe até à carga do peixe no avião da TAP, faz com que por vezes ele não consiga ir naquele voo da TAP.

Relativamente (que é isto que o Sr. Deputado está a referir) à saída do peixe através da frota da SATA Air Açores, ele foi peremptório, não temos tido dificuldades.

Ele até referiu, às vezes nós avisamos muito em cima, mas conversamos com a SATA e a SATA tem tudo feito para conseguir disponibilizar a capacidade de carga.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** É um espectáculo!

**O Orador:** Não sei de outro tipo de declarações. Estou a cingir-me à resposta dada.

Se por acaso os Srs. Deputados tiveram outra interpretação é problema vosso.

Sei bem o que ouvi e sei bem o que perguntei.

Tenho dito.

**Deputado João Costa (PSD):** É só uma ou duas pessoas que se queixam!

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Luís Silveira.

(\*) **Deputado Luís Silveira (CDS/PP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado Francisco César, a Comissão de Economia, no passado mês de Junho, se não me falha a memória, dia 17, fez uma audição à Associação de Pescadores da Ilha da S. Jorge e o seu presidente a única coisa que referiu a essa

Comissão foi que precisava de apoio por parte do Governo para que fosse ultrapassada a questão do escoamento do pescado da ilha.

O Sr. Presidente da Associação de Pescadores referiu que estavam satisfeitos com a quota de pescado que tinham, de goraz e de tudo mais, que estavam satisfeitos com os apoios à frota piscatória e que a única coisa que pedia ao Governo era a questão do escoamento do pescado a sair da ilha.

**Deputado Francisco César (PS):** Concretize. À saída da ilha não é verdade!

**O Orador:** À saída da ilha!

Muitas vezes não conseguia sequer em tempo útil embalar o pescado ou colocar no avião, porque não conseguia fazer reserva de carga na SATA, em S. Jorge, e a SATA comunicava-lhe poucas horas antes do embarque a disponibilidade de peso disponível para carregar e que muitas das vezes tinha que telefonar ao Sr. Subsecretário das Pescas para ele intervir, junto da administração da SATA, a bem desse pescado ser carregado.

Foi isso que foi dito textualmente pelo Sr. Presidente da Associação de Pescadores e estavam vários Deputados desta casa, inclusive da bancada do PSD, que ouviram as declarações. Estava o Sr. Deputado Cláudio Lopes, estava o Sr. Deputado António Ventura, estavam vários Deputados do PS, estava eu, estavam os Deputados de S. Jorge e estava o Deputado Pedro Medina.

Não é mentira. E sabe por que é que não é mentira? Porque a Comissão de Economia até hoje nunca fez o relatório. Não quis em tempo útil escrever aquilo que se passou. Foi em meados de Junho. Estamos no final de Outubro e até hoje o relatório nunca foi feito para esquecer aquilo que foi dito. Pelo que foi dito pelo Sr. Presidente da Associação de Pescadores, dito por outras instituições que foram ouvidas e até hoje nunca foi relatado. É essa a verdade.

**Deputado Francisco César (PS):** Isso não é verdade!

**Presidente:** Bom, já ouvimos as duas posições.

Sr. Deputado Rogério Veiros estava inscrito.

**Deputado Rogério Veiros (PS):** Prescindo.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Mário Moniz.

**Deputado Mário Moniz (BE):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Muito rápido, apenas para esclarecer aqui uns assuntos.

Ouvindo o Sr. Deputado José Gaspar e o Sr. Deputado Lizuarte Machado e as intenções subjacentes, diria que gostei de ouvir.

Mas não é isso que está explícito no Projecto de Resolução, daí as minhas críticas e a posição deste Grupo Parlamentar e por favor não misturem alhos com bugalhos, introduzindo o ponto 4.

Sejam explícitos, separem os projectos e então contem connosco.

Por outro lado, falou-se muito em fiscalização, toda repressiva.

É muito importante policiar esta actividade, mas não é menos importante a pedagogia e a prevenção.

Gostaria muito de saber a sensibilidade da bancada do PS para esse objectivo e se comungam desta nossa preocupação.

Obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado José Rego.

(\*) **Deputado José Rego (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Também não estava para intervir neste debate e julgo que o Projecto de Resolução que nós estamos aqui a discutir é importante para a pesca dos Açores.

Agora gostaria que não se entrasse aqui em enrices, do disse que não disse.

**Deputado João Costa (PSD):** Não convém nada!

**O Orador:** Não convém nada, não. O senhor não esteve lá. Eu estive e o Sr. Presidente da Associação de Pescadores da Ilha de S. Jorge, se for indagado pelo CDS, vai acabar por confirmar o que nós ouvimos em S. Jorge, que relativamente à saída de pescado da Ilha de S. Jorge, não há qualquer problema em termos da SATA.

O Sr. Deputado confirmou que algumas das vezes que houve problemas o próprio Subsecretário Regional teria resolvido.

Portanto, ao dizer teria resolvido os problemas, é porque não há problemas à saída de S. Jorge, havendo uma *gateway*, em especial na Ilha Terceira, de saída do pescado.

O que nós ouvimos em S. Jorge foi: o peixe sai de S. Jorge, há condições para sair de S. Jorge, houve situações que a tutela interveio, e bem. O problema não está na SATA Air Açores, está na *gateway* na Ilha Terceira, em termos da saída do pescado para fora da Região.

**Deputado João Costa (PSD):** Realmente as coisas que vocês dizem!

**Presidente:** Sr. Deputado Artur Lima gostaria que não ultrapassássemos este assunto. Já ouvimos as duas partes.

Tem a palavra o Sr. Deputado Artur Lima.

(\*) **Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Sr. Presidente, irei ser sensível, com certeza, ao seu apelo.

Efectivamente dizer que não vale a pena estarmos aqui a debater mais este assunto.

Há uma opinião dali, há outra daqui.

**Deputado José Rego (PS):** Não foi isso que eu disse!

**O Orador:** O assunto há-de ser esclarecido a seu tempo, não vale a pena entrarmos nesta questão.

Agora eu vou à matéria de facto, Sr. Presidente.

A matéria de facto é a seguinte: há de facto um problema de escoamento de peixe em S. Jorge.

Não tem a ver com a capacidade dos aviões novos que têm mais capacidade do que outros ATP. Estes aviões têm mais capacidade que os outros. Tem a ver com a logística da SATA que muitas vezes cria dificuldades aos pescadores para meter o peixe no avião e daí o senhor telefonar algumas vezes ao Sr. Subsecretário para lhe desbloquear o problema. É disso que estamos aqui a falar. É isso que o senhor faz e é isso que o senhor disse que fazia. Ponto um.

Segunda questão: a saída da *gateway*.

Tem a ver, mais uma vez com os horários da SATA.

Aliás, os senhores ouviram recentemente dizer na Graciosa que a SATA não servia. Não fui eu que o disse. Tem a ver com o horário da SATA. Pode ter a ver efectivamente com uma demora na *gateway* da Terceira. Sabe porquê? Porque o avião da Terceira para o continente sai às 10 e 35 e o avião de S. Jorge para a Terceira sai ao meio-dia.

Portanto, o peixe fica na Terceira muitas vezes 24 horas desnecessariamente. Isto porquê? Porque não há uma articulação entre os voos de S. Jorge e da Terceira para o peixe seguir no mesmo dia e porque muitas vezes também está programado, Sr. Deputado Francisco César, ir por S. Miguel, para a SATA Internacional.

**Deputado Francisco César (PS):** O senhor sabe tão bem quanto eu.

**Deputado João Costa (PSD):** A perder valor!

**Presidente:** Terminou o seu tempo Sr. Deputado.

**O Orador:** Já termino Sr. Presidente.

Sei por que é que não sai da Terceira e digo-lhe todos os dias qual é o tipo de avião.

Raramente a Terceira tem dois 330 por semana e devia ter um 310 da SATA à sexta-feira, que os senhores, curiosamente, só o põem na ligação Terceira/Porto para dizer que não têm passageiros. Agora põem o 320 à sexta-feira e por isso não têm capacidade de carga, quando deveriam ter, por obrigação do serviço público, o 310 a ir à Terceira. Explicado.

**Deputado Francisco César (PS):** Porque não sai da Terceira!

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado António Pedro Costa.

(\*) **Deputado António Pedro Costa (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A este propósito queria dizer o seguinte: há duas semanas tivemos aqui com os pescadores do Faial em que estes estavam possessos pelo facto de terem já pago as guias para o embarque do peixe e a SATA, à última da hora, mandou cancelar com os prejuízos que daí advieram para os distribuidores. Isso confirma de facto que é um problema real que os pescadores vivem.

**Deputado João Costa (PSD):** Muito bem!



**O Orador:** Mas vamos sair daqui pior do que entrámos.

O Sr. Subsecretário Regional não conhece a situação financeira das empresas que tutela e, por outro lado, o PS atacou, e bem, o facto da fiscalização estar pela hora da morte.

São as conclusões que eu chego deste debate.

Muito obrigado.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados, vamos votar este Projecto de Resolução.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam favor de se manterem como se encontram.

As Sras. e os Srs. Deputados que se abstêm façam favor de se sentar.

**Secretário:** O Projecto de Resolução apresentado foi aprovado com 30 votos a favor do PS, 1 voto a favor do PPM, 17 abstenções do PSD, 5 abstenções do CDS/PP, 2 abstenções do BE e 1 abstenção do PCP.

**Presidente:** Vamos terminar os nossos trabalhos pela parte da manhã.

Retomamos às 15 horas com a continuação da agenda.

Bom almoço e até logo.

*(Eram 12 horas e 58 minutos)*

**Presidente:** Vamos reiniciar os nossos trabalhos.

*(Eram 15 horas e 06 minutos)*

Agradecia que reocupassem os vossos lugares e vamos reiniciar continuando na nossa agenda com o **Projecto de Resolução n.º 33/2011 – “Melhoria da eficácia da recolha, tratamento e divulgação de informação estatística relacionada com toda a cadeia de valor da agricultura e pecuária”**, apresentado pelo Grupo Parlamentar do PS.

Para apresentar o diploma dou a palavra ao Sr. Deputado Duarte Moreira.

**Deputado Duarte Moreira (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O sector agro-pecuário Regional continua a ser o mais importante sector económico dos Açores, com repercussões transversais a toda a sociedade e a todas as actividades.

Esta verdade indesmentível, é facilmente comprovada pelos dados disponíveis, que demonstram ser este o principal sector criador de bens transaccionáveis, ou seja, é o principal sector exportador, sendo por isso fundamental para a criação de riqueza, para o PIB, para a manutenção do emprego e para o sustento directo e indirecto de muitas famílias por todas as ilhas dos Açores.

As políticas e as medidas levadas a cabo nos últimos anos, quer ao nível do investimento público, quer os apoios ao investimento privado e o dos agricultores, quer ainda aos mecanismos de apoio às produções locais e ao rendimento dos agricultores, levaram à modernização da nossa agricultura, à instalação, sem precedentes, de equipamentos imprescindíveis ao aumento da quantidade e qualidade dos produtos agro-pecuários, à melhoria das condições de trabalho dos nossos agricultores, ao aumento das produções, desde logo no leite e na carne, mas também em outras áreas da chamada diversificação agrícola, como a viticultura, a apicultura ou mesmo a horticultura.

Os produtos dos Açores estão cada vez mais presentes nas prateleiras dos supermercados do Continente Português, na Madeira e em outros países da União Europeia o que demonstra o que de bom tem sido feito pelos nossos agricultores.

Este aumento de produção, a diversidade crescente de produtos e o alargamento dos mercados destinatários destas produções, levam a que seja hoje necessário melhorar os mecanismos para acompanhar esta nova realidade.

O GPPS, de uma forma responsável, não fez mais do que reflectir na forma de se atingir estes objectivos sem aumentar os custos da administração, recorrendo aos organismos existentes e que possuem a competência legal de recolher e tratar dados, muitos deles confidenciais, por entrarem no foro da livre concorrência.

Desta análise, resultou o presente Projecto de Resolução, que de uma forma simples mas muito directa e cremos, eficaz, dará um importante contributo no sentido de:

a) Aprofundar a recolha, tratamento e divulgação de informação relativa ao sector agro-pecuário, desde logo propondo que a mesma vá para além da primeira transformação, como está previsto na orgânica do Instituto de Alimentação e Mercados Agrícolas (IAMA);

b) Propor que seja concretizada uma adenda ao protocolo entre o INE e o ministério das finanças, no âmbito da informação empresarial simplificada, que permita ao SREA implementar o projecto, que tem sido repetidamente colocado no respectivo plano anual de actividades deste organismo, para análise dos “Fluxos Comerciais com a Madeira e os Açores” e que por falta da respectiva adenda não tem sido possível concretizar e que pode constituir uma poderosa ajuda na obtenção de informação relevante;

c) Melhorar a eficácia da promoção dos nossos produtos, designadamente nos novos mercados.

Não obstante muita da informação relativa ao sector agrícola esteja disponível a todos os que pretendam obter essa informação, quer através dos sítios da internet do IAMA, do PRORURAL, do POSEI, no SREA e INE e do SIMA (sistema de informação dos mercados agrícolas), o GPPS entende que há margem para se melhorar a recolha, tratamento e divulgação dessa mesma informação, bem como aprofundar a promoção dos nossos produtos, quer nos mercados tradicionais quer essencialmente nos novos mercados.

Para o PS, para o seu grupo parlamentar e para o Governo dos Açores, a aposta no sector agro pecuário Regional é desde a primeira hora uma realidade, as apostas efectuadas de modernização da agricultura pelos governos do PS, fazem com que na actual crise, com consequências nefastas em todos os sectores de actividade económica e social, este sector seja um firme alicerce da nossa economia, continuando a ser uma prioridade para este Grupo Parlamentar.

Disse!

**Deputado Berto Messias (PS):** Muito bem!

**Deputado António Ventura (PSD):** Sempre a reboque das nossas iniciativas!

**Presidente:** Estão abertas as inscrições.

Tem a palavra o Sr. Deputado Aníbal Pires.

(\*) **Deputado Aníbal Pires (PCP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O Projecto de Resolução 33/2011 que o Grupo Parlamentar do PS nos traz, recupera outras propostas já trazidas a esta câmara, com o mesmo propósito que na altura foram reprovadas pela maioria do PS...

**Deputado António Ventura (PSD):** Muito bem. Daqui a pouco não tenho de fazer a minha intervenção!

**O Orador:** ... o que não tem mal nenhum. Não tenho nenhuma espécie de problema relativamente a isso.

Agora relativamente àquilo que é proposto:

Na alínea a) do ponto 1, dizer o seguinte: o Governo já recolhe dados na fase de transformação e só não tem dados sobre a comercialização por causa das regras de confidencialidade empresarial.

Na alínea b) dizer que isto é o cúmulo. O Governo está sempre a dizer que já faz e que até tem sido um dos argumentos utilizados para chumbar outras propostas.

**Deputado António Ventura (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Depois o ponto 2: esta seria a questão mais concreta do Projecto de Resolução que o PS nos traz aqui, mas estranhe-se o seguinte: tenho aqui o plano de actividades do Serviço Regional de Estatística para 2011. Na sua página 112 diz o seguinte: “dentro dos projectos de âmbito regional a desenvolver durante o ano de 2011 temos o seguinte: 1º - sistemas de indicadores da coesão inter-regional; 2º - fluxos comerciais com a Madeira e continente.

Com este Projecto pretende-se melhorar o conhecimento sobre as trocas comerciais entre os Açores, o continente e a Madeira possibilitando uma melhor avaliação da dependência da Região face ao exterior.

Esta informação será obtida pelos anexos M e L do Projecto, Informação Empresarial Simplificada.

Trata-se dum projecto imprescindível para a Região mas que ainda não avançou, uma vez que se encontra dependente duma adenda ao protocolo entre o INE e Ministério das Finanças, no âmbito do IES”.

Ora bem, aquilo que o Grupo Parlamentar do PS nos traz aqui é, nem mais nem menos, o que está no Plano Anual do Serviço Regional de Estatística dos Açores.

**Deputado Duarte Moreira (PS):** Não, não. Eu disse que estava no plano!

**O Orador:** Sr. Deputado Duarte Moreira, tenha calma.

Eu não tenho nada contra em o senhor aqui trazer um Projecto de Resolução que aqui há algum tempo reprovaram. Não tenho nada contra o facto de V. Ex<sup>a</sup>. vir aqui repetir aquilo que está no Plano do Serviço Regional de Estatística dos Açores. Não tenho nada contra. Agora acho que um Grupo Parlamentar, com a responsabilidade que o Grupo Parlamentar do PS tem, devia ter mais algum cuidado.

A Representação Parlamentar do PCP vai abster-se.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado António Ventura.

(\*) **Deputado António Ventura (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O PS traz hoje uma iniciativa que pretende promover os produtos, melhorar o conhecimento dos preços e contribuir para saber melhor o que entra na Região de produtos.

Curiosamente foram 3 temas, recordo aos Srs. Deputados, que foram debatidos aqui nesta casa, com maior conteúdo, com uma visão de política e com tal profundidade que alterava as políticas existentes.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** É verdade!

**O Orador:** Curiosamente o PS chumbou as três iniciativas nessas três áreas.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Também é verdade!

**O Orador:** Hoje só se tira duas conclusões: a primeira é que o PSD tinha razão e aqui está a prova; a segunda é que o PSD tinha razão quando criticava o Governo que não fazia.

Portanto, temos duplamente razão.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos deputados da bancada do PSD).*

**O Orador:** Esta é a prova que faltava para efectivamente nos darem razão e nós não temos medo de ter razão antes do tempo.

Mas vamos aos factos, não há nada como recordar os factos.

O primeiro facto, e quando se fala do aprofundamento da recolha de tratamento e divulgação de informação, recordo que por duas vezes veio a esta Assembleia o Observatório dos Preços.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** É verdade!

**O Orador:** Veio em 2007 sobre a forma de Projecto de Resolução: chumbado pela maioria do PS!

Veio em 2010 sobre a forma de Proposta Legislativa: chumbada pela maioria do PS!

Esta era uma proposta estruturante, era uma proposta que iria modificar o que produz, o que transforma e o que consome, essencialmente para quem é consumidor. Haver maior transparência da formação dos preços.

É obviamente um acto de cidadania, um acto indispensável às políticas existentes. Os senhores chumbaram e agora querem saber o que é que se passa para além da primeira transformação.

**Deputado José San-Bento (PS):** Um acto de cidadania!

**O Orador:** Mas não é isso que esse projecto dizia também? Primeira conclusão.

Segunda conclusão: a promoção, publicitação e divulgação dos produtos agro-alimentares regionais a nível internacional.

12 de Fevereiro de 2009 – Projecto de Resolução “Alimentação humana – promoção e consumo dos produtos regionais”, aprovado por todos os partidos políticos, excepto o PS.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** É verdade!

**O Orador:** Era um Projecto que previa a promoção, mas muito mais do que a promoção.

Este projecto foi chumbado e os senhores vêm-nos dar razão que este Projecto devia ter sido aprovado.

Mais: conhecimento do que entra na Região. É preciso conhecer agora o que entra na Região.

27 de Maio de 2010 – “Auto-provisionamento alimentar”, elaborar um relatório do que entra na Região.

Agora compreendo também por que é que os senhores chumbaram. Todos os partidos da oposição votaram a favor. Chumbaram porque não sabiam!

Tanto não sabiam que demoraram de 6 de Agosto a 20 de Setembro a responder a um requerimento sobre esta matéria (6 de Agosto a 20 de Setembro). É um mês, não é? Mas não é um mês. É de 6 de Agosto de 2009 a 20 de Setembro de 2010! Treze meses para responder! Essa é que é a diferença e responderam com dados nacionais.

Os senhores não sabiam isto, por isso compreendo que não podiam aprovar. Não acompanham isto!

Obviamente que isto é uma política coxa.

Os senhores não podem elaborar políticas se trabalham com este amadorismo. Isto é fundamental!

**Vozes dos Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos deputados da bancada do PSD).*

**O Orador:** Agora vêm dar-nos outra vez razão.

Portanto, três temas que trazem a esta casa, que nós já trouxemos. Incrível!

Mas, Sr. Deputado, não desanime.

O PSD não actua por ciumeira, nem por discriminação política, nem actua a reboque, porque mais importante do que a ciumeira do PS estão os açorianos.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

**O Orador:** Portanto se é isto que o PS pode dar, embora pobre, de forma incompleta, é isto que hão-se ter, porque a vossa maioria é assim e nós vamos respeitar aquilo que os senhores podem dar.

Mais importante do que vós, são os açorianos e os Açores.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Agricultura e Florestas.

**(\*) Secretário Regional da Agricultura e Florestas (Noé Rodrigues):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Agradeço a possibilidade de intervir neste debate para relembrar aquilo que foi aqui referido aquando da apresentação do Projecto de Resolução, que o Sr. Deputado António Ventura ali faz referência.

O propósito do PSD na altura, convém lembrar (o projecto estará naturalmente nos serviços desta Assembleia e poderá ser relido), era a criação dum observatório que tinha um corpo directivo, que tinha funcionários, que tinha funções, para as quais até a Região não tem, de recolher preços, para divulgar preços, para estudar a formação dos preços, tudo, desde a produção até ao mercado.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** É trabalho!

**O Orador:** Por várias vezes foi dito ao PSD que esse Projecto representaria uma nova despesa para a Região, ...

**Deputado António Ventura (PSD):** Quer que eu fale em despesa?

**O Orador:** ... mais administração, mais governo nas coisas, quando havia entidades privadas e públicas que já recolhiam e disponibilizavam essa informação e que aquela que ainda não trabalhavam deveria ser melhorada, aproveitando os recursos disponíveis na Região, os serviços já existentes, sem



sobrecarregar a Região com mais despesa, sem sobrecarregar a administração pública com mais despesa.

O PSD não entendeu assim e pelos vistos continua a não aprender nada com aquilo que se está passando neste país.

É preciso conter as despesas da administração pública regional (é a nossa preocupação central), potenciando e melhorando os serviços existentes, como é aliás o sentido da proposta agora apresentada pelo PS.

Nesse sentido não se trata da criação de nenhum Observatório de Preços, nem da criação de mais despesas para a administração pública regional. Trata-se antes de, aproveitando os serviços existentes, melhorar a sua capacidade de intervenção, melhorar os serviços que eles prestam, melhorar a informação aos agricultores e às empresas do sector agrícola.

Obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Pedro Medina.

(\*) **Deputado Pedro Medina (CDS/PP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Uma breve intervenção para fazer referência ao Projecto de Resolução apresentado pelo PS, sobre a questão da prestação de informação estatística em relação ao sector agro-pecuário na RAA.

Para dizer que esta é a prova, em primeiro lugar, que muito há a fazer nesta área. Muito há a fazer em relação ao aprofundamento da recolha do tratamento e divulgação da informação deste sector, do sector agro-industrial regional e também dizer que a ligação com as instituições nacionais e internacionais são fundamentais para que se tome as melhores decisões, não só políticas, mas dos próprios agentes que estão neste próprio sector.

De qualquer das formas este Projecto de Resolução é um passo evolutivo em relação à actual situação. Todos sabemos que a actual situação tem a ver com pouca informação estatística e ela quando aparece, aparece desfasada no tempo, aparece muito tempo depois e às vezes em situações que é preciso tomar decisões e, quando temos essa informação, a decisão já foi tomada e muitas vezes não foi tomada da melhor forma.

De qualquer das formas gostaria, porque penso que é um projecto mais abrangente que no fundo tem a ver com a divulgação da informação estatística, de questionar o Sr. Secretário Regional da Agricultura e Florestas sobre a questão do Programa Rede Rural Nacional.

Como sabe os programas de desenvolvimento rural são quatro: um estritamente para o território nacional, um para a Região Autónoma dos Açores, um para a Região Autónoma da Madeira e outro de âmbito nacional.

Este que estou a falar do ECNC nacional é exactamente o programa rede rural.

Aliás, o Programa de Rede Rural Nacional é para ser interligado com o próprio programa europeu sobre rede rural.

Só que depois há aqui outras áreas de intervenção: a área do ambiente, a área de investigação.

Há aqui muitas entidades que através do Programa de Rede Rural podiam ser chamadas a esse processo, como muito bem sabe, nomeadamente a própria Universidade dos Açores e as câmaras de comércio, dando um contributo, não só estatístico, mas também apontando caminhos futuros para o próprio sector.

Portanto, gostaria de saber, uma vez que esse programa a nível nacional, a partir duma certa altura, redundou num fracasso (houve uma reorganização na sua orgânica, não sei se a RAA beneficiou muito, de algum montante financeiro da rede rural) se dentro do âmbito do Projecto de Resolução apresentado pelo PS, nomeadamente na recolha desta informação, porque com certeza que isto vai ter custos, se são custos suportados inteiramente pelo Governo Regional ou se irá haver algum apoio comunitário. Penso que esse apoio comunitário poderá ser feito através da rede rural.

Gostaria que me fizesse esse esclarecimento.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado António Ventura.

(\*) **Deputado António Ventura (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs.

Membros do Governo:

Sr. Secretário, cada vez me desilude mais. Não sei como é que o senhor faz política à deriva, sem rumo. Não se pode actuar sobre aquilo que não se mede.

O Observatório é um instrumento da política estruturante. Sem o senhor saber, como é que vai governar? O senhor não pode governar sem farol, sem rumo, atirando dinheiro aos problemas sem mais nem menos.

**Deputado José San-Bento (PS):** O senhor é que é o faroleiro?

**O Orador:** Já que falamos em despesismo explique-me o senhor, uma empreitada de 34 mil e 300 euros a uma empresa para...

**Presidente:** Srs. Deputados, gostaria que não nos afastássemos do objecto.

**O Orador:** Não nos afastamos. É agricultura.

**Presidente:** O objecto não é só agricultura. O Sr. Deputado António Ventura sabe.

**O Orador:** Sr. Presidente, com a sua licença permita-me que diga o seguinte: o Sr. Secretário falou em despesismo do projecto do observatório e eu queria contrapor percebendo outro tipo de despesismo.

Nesse sentido gostaria de questionar o Sr. Secretário da Agricultura sobre a adjudicação no valor de 34.300 euros a uma empresa para fazer um estudo de viabilidade sobre a possibilidade de uma feira agro comercial na Graciosa.

**Deputado José Rego (PS):** Veja a realidade!

**O Orador:** 34.300 euros pela adjudicação a uma empresa para estudar, se é possível ou não fazer, uma feira agro comercial na Graciosa. Explique-me que diabo de projecto é este?

**Deputado Pedro Gomes (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Que valor é este. Se é um projecto ou se são vários. Até poderão ser vários. Até poderão ser cem. Por aí eu vou mudar de curso, vou fazer outro.

**Secretário Regional da Agricultura e Florestas (Noé Rodrigues):** É melhor!

**O Orador:** É melhor, provavelmente, porque desta maneira continuo a ser pobre.

Explique-me este valor, relativamente a um estudo, para a possibilidade de fazer uma feira agro comercial na Graciosa, no valor de 34. 300 euros.

**Deputado Berto Messias (PS):** Por que não votam contra a proposta?

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Mário Moniz.

**Deputado Mário Moniz (BE):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Sr. Secretário da Presidência:

Quanto a este Projecto de Resolução apraz-me dizer: finalmente!

Depois do BE, bem como quase todas as outras bancadas (tenho que o reconhecer) referirem a necessidade de sabermos o que queremos e para onde vamos e terem mesmo apresentado iniciativas nesse sentido, finalmente, repito, a bancada do PS resolveu recomendar ao Governo o que o Sr. Secretário tardava em reconhecer.

**Deputado António Ventura (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** A necessidade de uma recolha de dados que reflecta a realidade do sector e não a realidade que o Governo quer; a promoção dos seus produtos de forma organizada; a interligação com o todo nacional.

Resumindo, o principal é isto. Estamos de acordo.

Houve cuidado em recolher pareceres credíveis e bem fundamentados, o que na maioria dos casos não acontece com o Projecto anterior.

Polémicas à parte que vos colocam muito mal na fotografia vêm finalmente dar mão à palmatória. Muito bem! Pelo menos reconhecem, é um bom princípio.

Este sim, em nossa opinião, é um projecto mais objectivo e como tal terá o nosso apoio.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Estêvão.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Começo por dizer que votarei a favor deste Projecto de Resolução.

Vou fazê-lo porque considero que os seus propósitos são positivos e servem o interesse da Região nesta área.

Quero retirar também consequências políticas da apresentação deste Projecto de Resolução, por parte do Grupo Parlamentar do PS.

Eu sei que a convivência entre um Grupo Parlamentar que apoia uma maioria governamental e o Governo com o seu Grupo Parlamentar é difícil.

É difícil porque qualquer iniciativa do Grupo Parlamentar que apoia o Governo Regional pode, de alguma forma, fragilizar, o que significa que aquele Governo Regional não está a executar as medidas que são necessárias.

Mesmo assim o que acontece (e a tipificação deste tipo de comportamento entre o Grupo Parlamentar e o Governo Regional é no sentido de adaptação às conjunturas, de resposta política rápida às conjunturas) é que a maior parte das experiências que nós temos observado vão no sentido de um Grupo Parlamentar decidir no que diz respeito a conjunturas que entretanto se modificaram e se alteraram e dar um contributo político para a execução por parte do Governo Regional.

Não é este o caso.

Trata-se aqui, na minha perspectiva, duma evidente fragilização do Sr. Secretário da Agricultura e de um evidente reconhecimento por parte do Grupo Parlamentar do PS de que a postura do Sr. Secretário da Agricultura, nesta área, não tem sido eficiente e eficaz.

É um desmentido oficial. É um desmentido daquilo que o Sr. Secretário da Agricultura tem vindo a dizer sistematicamente neste Plenário.

O que o Sr. Secretário da Agricultura tem dito sistematicamente é que a informação está disponível para toda a gente. É só serem rigorosos, terem capacidade de actuação e analisarem aqueles dados como já faz a Secretaria da Agricultura.

O que vem dizer agora o Grupo Parlamentar do PS é que não é assim. Não estão contentes com a informação que têm e não consideram que essa informação esteja suficientemente sistematizada.

É isto que o Grupo Parlamentar do PS vem dizer.

Devo dizer que é inovador, nunca tal sucedeu nesta Legislatura e significa, Sr. Secretário da Agricultura, que o grande fragilizado desta discussão é V. Ex<sup>a</sup>., porque o Grupo Parlamentar diz, que o que senhor esteve a dizer sistematicamente ao longo da Legislatura, não corresponde à verdade. Eles consideram que a informação que tem sistematizada, não é a informação correcta e não chega.

Portanto, Sr. Secretário da Agricultura, há aqui uma fragilização evidente da sua posição política.

Eu penso que é inegável, não se pode retirar outra consequência política desta iniciativa.

Estou completamente de acordo em relação ao conteúdo do Grupo Parlamentar do PS, que acerta na decisão e que acerta naquilo que propõem.

Não posso deixar de referenciar que o Sr. Secretário da Agricultura estava errado. Não sou eu que o digo, é o Grupo Parlamentar do PS.

**Deputado António Ventura (PSD):** Muito bem!

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Duarte Moreira.

(\*) **Deputado Duarte Moreira (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Vou tentar ser claro e objectivo naquilo que se pretende com este Projecto de Resolução.

O Grupo Parlamentar do PS, face à análise, ao estudo que vem fazendo e acompanhando da agricultura dos Açores, face também às propostas que realmente deram entrada nesta Casa, anteriormente...

**Deputado António Ventura (PSD):** Do PSD!

**O Orador:** ... decidiu dar o seu contributo, após uma análise rigorosa ...

**Deputado António Ventura (PSD):** Das nossas propostas!

**O Orador:** ... às instituições existentes e àquilo que é a realidade da recolha de informação nesta Região.

Neste momento, no dia de hoje, qualquer pessoa que se queira dar a esse trabalho (e o que me parece é que há muitos deputados que falam, mas não se querem dar a esse trabalho)...

**Deputado António Ventura (PSD):** As evidências estão aí!

**O Orador:** ... se fizer uma busca rigorosa aos sítios na internet disponíveis de várias entidades, consegue recolher um conjunto alargado de informação que permite saber aquilo que é a realidade da nossa agricultura.

**Deputado António Ventura (PSD):** Aquilo que o PSD já sabe!

**O Orador:** Na nossa análise isto é que é ser rigoroso, sem aumentar os custos da administração, sem inventar aqui novos organismos, com base naqueles organismos que já existiam, que estão a funcionar e que têm as competências legais para o fazer. Nós estamos a dar o nosso contributo no sentido de dar um passo em frente, nomeadamente ao nível da recolha da informação.

**Deputado António Ventura (PSD):** Mas por que é que já não fizeram isto?

**O Orador:** Se os senhores estudassem esses processos sabiam que por exemplo no Estatuto do IAMA está lá que “faz o acompanhamento até à primeira transformação”.

**Deputado António Ventura (PSD):** Tem que o fazer!

**O Orador:** Após esta análise, estamos a sugerir que seja feita uma alteração para que o IAMA possa, legalmente, para além da primeira transformação, fazer esse acompanhamento.

**Deputado António Ventura (PSD):** Precisaram de algum tempo para gerir as nossas propostas!

**O Orador:** Mais do que isso e mais importante. Quem tem as competências legais de recolher informação, do ponto de vista legal (muita dessa informação como já disse anteriormente, é confidencial por parte das empresas que estão na distribuição e na comercialização) é o Instituto Nacional de Estatística e é o Serviço Regional de Estatística dos Açores.

Portanto, com este Projecto de Resolução, sem aumentarmos os custos da administração, estamos a dar um passo em frente, ...

**Deputado António Ventura (PSD):** Mas por que deram agora? Desde 2007!

**O Orador:** ... a contribuir e a recomendar que seja elaborada uma adenda ao protocolo existente entre o Instituto Nacional de Estatística e o Ministério das Finanças. É isto que está em causa, para que o Instituto Nacional de Estatística e o Serviço Regional de Estatística dos Açores possam ter acesso a um conjunto de dados das transacções comerciais e assim ficarmos com mais informação relativa a estas transacções. É isto que está aqui em causa.

Podemos ou não concordar com isto. Quem concorda, obviamente votará favoravelmente, quem não concorda votará contra. A liberdade é dos Srs. Deputados.

Agora há aqui uma posição completamente diferente da nossa bancada em relação à bancada do PSD.

**Deputado António Ventura (PSD):** Não tem qualquer semelhança!

**O Orador:** Nós somos responsáveis naquilo que apresentamos, não vimos para aqui com propostas fáceis ...

**Deputado João Costa (PSD):** Tempo perdido é uma irresponsabilidade!

**O Orador:** ... que vão aumentar os honorários, que vão aumentar os custos, como os senhores fizeram aqui há cerca de um ano.

Portanto é isto que estamos aqui a propor a esta Assembleia.

Para já é só Sr. Presidente.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado António Ventura.

(\*) **Deputado António Ventura (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Continuo à espera das suas explicações Sr. Secretário. Penso que chegou a altura de, quer a bancada do PS, quer o Sr. Secretário, que sai nitidamente bastante fragilizado por esta Assembleia aprovar esta Resolução, reconhecer as fragilidades da sua governação, porque cada vez que há uma crítica a resposta é sempre: está tudo bem, estamos a fazer tudo!

Bom, afinal não está tudo bem, nem estão a fazer tudo. Há fragilidades.

Ainda bem que foi o PS que, curiosamente depois de nós apresentarmos as propostas, vem com essas iniciativas. Mas isso é uma mera semelhança, não tem nada a ver.

O facto de termos apresentado esses temas e dos senhores apresentarem os mesmos temas, qualquer semelhança é como, diria, daqui até à lua.

Chegou a altura de quer os senhores, quer o Governo Regional fazerem *mea culpa* e pedir desculpa aos açorianos.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!



**O Orador:** O tempo que os senhores levaram a trazer a esta casa a alteração de matérias tão significativas como essas, do conhecimento dos preços, da promoção dos produtos e efectivamente de saber o que é que entra na Região, por esse tempo perdido, que há quatro anos nós temos vindo a falar nesta Casa, é altura de pedir desculpa aos açorianos pelo tempo que os fizeram esperar e pelas consequências que isso trouxe à política açoriana. É essa a questão que está em causa.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**O Orador:** Se em relação ao Observatório há uma despesa, em relação ao Centro de Leite e Lacticínios, por exemplo, não há despesa nenhuma.

Tenho dito.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Agricultura e Florestas.

**(\*) Secretário Regional da Agricultura e Florestas (Noé Rodrigues):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

**Deputado António Ventura (PSD):** Vai pedir desculpa?!

**O Orador:** Gostaria de relevar a preocupação com que alguns Srs. Deputados do partido da oposição se preocupam com a minha fragilidade, ou não.

Não tenho esse tipo de preocupações, tanto mais que o PS, que apoia este Governo, entende que estamos bem e eu entendo que o PS está bem na propositura daquilo que hoje aqui apresentou.

Vou dizer-lhe, porque simplesmente entendo que assim é.

A Proposta do PS não cria nem traz mais despesa para a administração pública como aquela que o senhor queria, nem sequer propõe aquilo que o senhor propunha e que era completamente impossível do Governo cumprir.

**Deputado António Ventura (PSD):** Todas as regiões de Espanha e França têm. Só nós é que não temos!

**O Orador:** Sr. Deputado faça o favor de me ouvir, tal como tenho paciência de o ouvir a si. Não é que o senhor tenha a bondade de me ensinar alguma coisa, mas eu ouço-o, com respeito.

Portanto o senhor ouça-me, por favor.

Não estava aqui em causa, como no Projecto do PSD, propor que o Governo fizesse coisas que lhe é ilegal fazer, coisas que são impossíveis fazer, nomeadamente determinar, descobrir e comunicar a formação de preços a cada um dos seus agentes, tanto mais que muitos dos agentes que ajudam a formar preços nos produtos agrícolas se situam fora do espaço territorial dos Açores.

Era impossível cumprir e aceitar a propositura que o PSD aqui queria com o tal Observatório de Preços.

Esta proposta que o PS apresenta é uma proposta que completa, que melhora, que traz mais dinâmica à capacidade de recolher informação do sector agrícola, de recolher informação sobre os preços pagos aos produtores, de comunicar aos produtores preços praticados noutras circunstâncias, mas não observa nem diz como é que se formam os preços por entidades, que não são entidades regionais e sujeitas à legislação regional.

Portanto, ficamos entendidos nessa matéria.

Até agora o IAMA fazia esta função, até à primeira transformação. Trata-se agora de alargar a competência do IAMA para outros sectores de actividade, para o sector da comercialização, para além da transformação.

O que está aqui em causa é apenas a melhoria dum serviço já existente, sem sobrecarregar a administração pública regional com outras despesas como eram, aliás, as previstas pela Proposta de Resolução do Observatório de Preços do PSD, que era mais funcionários públicos, mais sobrecarga para a administração pública.

Relativamente à recolha de informação estatística gostaria de dizer, Sr. Deputado Pedro Medina, que este processo tem conhecido várias vicissitudes a nível nacional. Continuamos a procurar colaborar em tudo o que nos é possível para beneficiarmos também a região dos fundos comunitários em causa. Recolhemos no âmbito de algumas das nossas actividades algumas informações

estatísticas que remetemos para o todo nacional e para a projecção comunitária e é o contributo que damos numa área em que reconhecemos que é necessário melhorar muito a informação, relativamente à recolha de estatística sobre a agricultura e em particular sobre as explorações agrícolas.

Gostaria também de dizer que a realidade do sector agrícola não se espelha muitas vezes naquilo que os Srs. Deputados entendem que em cada momento devem afirmar, com toda a liberdade que se lhes reconhece.

Neste momento o Governo Regional não faz promoção de produtos agrícolas do ponto de vista da promoção de uma marca ou das marcas existentes no mercado.

O Governo Regional faz uma promoção institucional da produção agrícola regional, participando em diversos eventos e fazendo com que as empresas regionais participem, por causa da sua pequena dimensão, conjuntamente connosco nessas promoções institucionais que desenvolvemos.

Temos para o sector agrícola e para as suas empresas apoios, determinados e fixados por portaria, que permitem a apresentação de projecto e o desenvolvimento de estratégias de comunicação e de divulgação dos seus produtos no mercado.

Esta função, a função da promoção das marcas, é uma função que cabe aos agentes económicos, que cabe aos empresários agrícolas e não propriamente ao Governo.

O Governo limita-se a assegurar uma promoção institucional do sector, fazendo participar – sempre que participa em eventos como feiras ou eventos noutras localidades – as empresas regionais também nessa promoção colectiva.

Obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Estêvão.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Não estou a gostar nada, mas mesmo nada, de o ver nesta posição.

**Secretário Regional da Agricultura e Florestas (Noé Rodrigues):** Não estou à espera do seu lugar para sobreviver!

**Deputado Mark Marques (PSD):** Está sentado!

**O Orador:** Acho que é uma posição que não o dignifica e o senhor como agente político o que deveria ter dito ao Grupo Parlamentar do PS, na articulação com certeza feita entre o Governo e o Grupo Parlamentar do PS, era o seguinte: aceito que me façam um Projecto de Resolução sobre um compromisso político que o Grupo Parlamentar do PS tenha assumido. Isso sim. Há um compromisso político e nós queremos que o governo execute. Correctíssimo! Correctíssimo, se lhe fizessem isso!

Mas o que lhe fizeram não foi isso. O que lhe fizeram foi, em áreas que são da sua competência específica (e o Projecto de Resolução o diz) o seguinte: “melhoria da eficácia da recolha de tratamento e divulgação da informação estatística relacionada com toda a cadeia de valor da agricultura e pecuária”.

Isto é da sua competência. Não são políticas.

**Secretário Regional da Agricultura e Florestas (Noé Rodrigues):** Estatística, Sr. Deputado!

**O Orador:** Os senhores estão a fazer mal tecnicamente o seu trabalho. É tão simples como isto.

Não estou a recomendar-lhe uma política. Estou a dizer-lhe: o Sr. Secretário da Agricultura está a fazer mal tecnicamente o seu trabalho. Tem os instrumentos à sua disposição e não os melhora. Não aumenta a sua eficácia. É isto que estou a dizer-lhe.

Considero que a transmissão deste recado é humilhante para quem o recebe, Sr. Secretário da Agricultura.

Em política as coisas são como são. São aquilo que parecem e o que parece é que o Grupo Parlamentar do PS está a intrometer-se directamente naquela que é a sua competência técnica de exercer e não está a transmitir um compromisso político que tivesse assumido ou um posicionamento político que tivesse assumido, e era isso que deveriam dizer.

Nesse sentido considero que o fragiliza e que o senhor não pode aceitar este tipo de situações, por isso é que eu me sinto também. Obviamente, que isto é uma situação desagradável para quem está a observar deste lado, ainda por cima

com a agravante, Sr. Secretário da Agricultura, do senhor já ter diversas vezes nesta casa referenciado que tinha toda a informação que necessitava e que a recolha e selecção de informação era muito boa, que tinha tudo aquilo que precisava, que estava bem sistematizado.

O senhor já tinha até realizado afirmações nesta área e o que o Grupo Parlamentar do PS veio dizer é que nada disso é verdade e veio intrometer-se naquelas que são as suas competências técnicas. Penso que isto é evidente e é politicamente confrangedor.

Eu não deixaria que me fizessem isso se tivesse essa responsabilidade e se estivesse no seu lugar.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado António Ventura.

(\*) **Deputado António Ventura (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Já todos percebemos que o que temos, em termos de política agrícola, é uma actuação cada vez mais, sobre cada vez menos.

Portanto, não há aqui nada de novo. Há uma situação de fragilidade que se vem aprofundando e deteriorando relativamente às necessidades actuais para se elaborar uma política com visão estruturante e de acordo com as respostas dos novos desafios da humanidade, porque a agricultura está nos grandes desafios da humanidade.

Sr. Secretário, relativamente à questão do Observatório dos Produtos Agrícolas, do Preço e dos Produtos Agro-alimentares.

Recordo que em 2007 (e essas certezas que o senhor diz, na altura também era Secretário, relativamente a um custo para uma estrutura) na Comissão de Economia, essa proposta foi aprovada por maioria.

Portanto não havia dúvidas em relação ao custo, nessa altura. Por maioria! Em 2007! Não foi rejeitada na Comissão! Não havia problemas. Abstenção do PS. Reservou e muito bem, a sua posição. Faz aquilo que bem entender e quer.

**Deputado Berto Messias (PS):** O que vale é que vamos discutir a vossa resolução a seguir. Vai ser interessante!

**O Orador:** Para lhe recordar efectivamente que o Observatório existe em todas as regiões de Espanha e de França e é fundamental para se conhecer e elaborar políticas. Só não existe aqui, numa Região arquipelágica como a nossa, com os constrangimentos e *handicaps* perpétuos que tem. Era essencial e vital existir. Obviamente parece que aqui não é preciso, está tudo bem.

Bom, navega-se um pouco. Vamos ver se encontramos uma rocha aqui, outra ali e vamos fugindo delas.

Com a quantidade de dinheiro despejado na Região pelos programas comunitários, obviamente, agora, percebe-se que esse dinheiro podia ter sido melhor utilizado.

Sr. Secretário, para lhe dizer que hoje fica a prova da posição do PSD, da verdade do PSD, da visão do PSD para esta área e aquilo que foi efectivamente omitido por V. Ex<sup>a</sup>. e pela bancada do PS que agora vêm dar razão ao PSD.

**Voices dos Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Duarte Moreira.

(\*) **Deputado Duarte Moreira (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Esta vã tentativa de pôr aqui a bancada do PS contra o Governo e o Governo contra a bancada do PS, tem por base o seguinte: há uma comunhão de esforços e objectivos claros entre esta bancada e o Governo Regional com um único propósito: melhorar a vida dos agricultores, desenvolver a agricultura dos Açores e desse caminho ninguém nos desvia, por mais barulho que venha aqui fazer.

**Voices dos Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

(*Aplausos dos Deputados da bancada do PS*)

**O Orador:** O segundo aspecto que quero aqui referir é o seguinte: se hoje estamos a falar da necessidade de ir mais além na informação que já existe disponível no sector agrícola e nas fileiras da agricultura dos Açores, deve-se ao

facto de hoje termos produtos agrícolas que vão para os outros mercados, o que não acontecia no vosso tempo.

Hoje temos mais leite, temos produtos lácteos diversificados, temos carne, temos produtos hortícolas, temos uma diversificação que não funcionou no vosso tempo. Hoje estamos a chegar a outros mercados, estamos a chegar mais longe. Isso nunca aconteceu antes.

**Deputado António Ventura (PSD):** O senhor não fale mais!

**O Orador:** Se isto acontece hoje, acontece pelas políticas levadas a cabo pelos Governos do PS e pelas políticas levadas a cabo pelo Sr. Secretário Regional da Agricultura e é por isso que estamos aqui, hoje, a discutir este assunto.

Sei que falar no passado mexe convosco, porque a triste forma como deixaram a agricultura dos Açores assim vos deixa, mas desse tempo não temos nenhuma responsabilidade.

**Deputado António Ventura (PSD):** O senhor não fale mais. É pior para si!

**O Orador:** Para finalizar devo repor aquilo que está em discussão e o que está em discussão é um contributo para a melhoria da eficácia da informação, para a melhoria da divulgação e da promoção.

É isto que está hoje aqui em causa e se aqui estamos é porque felizmente existe agricultura, existem agricultores nesta Região que têm tido todo o apoio do Governo Regional.

Tenho dito.

**Vozes dos Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Agricultura e Florestas.

(\*) **Secretário Regional da Agricultura e Florestas (Noé Rodrigues):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Pedi a palavra para intervir pela última vez neste debate e para deixar apenas uma informação ao Sr. Deputado do Corvo.

Na Secretaria da Agricultura e Florestas, e no âmbito das suas funções, não tratamos de questões de estatística.

As questões de estatística não estão no âmbito da intervenção da Secretaria Regional da Agricultura e Florestas, nem sob a minha tutela.

Obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra a Sra. Deputada Zuraida Soares.

(\*) **Deputada Zuraida Soares (BE):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Com a bondade do Sr. Presidente não vou referir-me ao conteúdo do Projecto de Resolução, porque sobre essa matéria o meu colega Mário Moniz já se pronunciou, mas não posso ficar indiferente a algumas das afirmações e comentários feitos neste hemiciclo e sobre os quais penso poder pronunciar-me. A começar desde logo pelas afirmações e o comentário feito pelo Sr. Deputado Paulo Estêvão no sentido de tentar eventualmente pôr a bancada do PS contra o Governo e vice-versa.

Sr. Deputado, isso é uma tentativa impossível, nem vale a pena tentar porque está, como todos já percebemos há bastante tempo e ainda recentemente, fora de questão.

Agora há uma coisa que eu não posso deixar de estranhar.

Se a bancada do PS não pode fazer nenhuma recomendação aos membros do Governo, sob pena de estar a fragilizá-los, Sras. e Srs. Deputados, a bancada do PS não está aqui a fazer nada.

Se a bancada do PS não ousa estar contra o Governo em algumas matérias em que eventualmente não está sempre de acordo, ao menos que ouse fazer recomendações ao Governo Regional e fragilizar, se tiver que ser esse o caso, seja qual for o membro do Governo. O membro do Governo que se sente fragilizado por essa circunstância está na profissão e no lugar errado, certamente.

Há aqui uma grande confusão em que chegados a este momento parece que não estamos, nenhum de nós, aqui a fazer nada porque estamos todos aqui a



fragilizar, ou num jogo político que não leva em consideração o que é que estamos exactamente a discutir.

Quanto a pô-los uns contra os outros, Sr. Deputado, “pode tirar o cavalinho da chuva”.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado José do Rego.

(\*) **Deputado José Rego (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado António Ventura, parece que o senhor pensa que é o sol e que todo o mundo anda à volta do seu ser da agricultura.

**Deputado António Ventura (PSD):** Sou é mais humilde!

**O Orador:** Seja mais modesto, Sr. Deputado António Ventura! Seja mais modesto, humilde e reponha a verdade do que se passou ao longo desses meses na Comissão de Economia em relação aos vossos projectos.

O projecto do Observatório é um projecto que aumenta a despesa pública.

O PSD está de acordo que aumente a despesa pública com esse Observatório? Está sim senhor, porque propõe-no.

Todavia nós sabemos que não é isto que o PSD quer.

O Observatório proposto pelo PSD é um observatório público. Os observatórios que existem na Europa são observatórios, na sua maioria, especialmente os da França e o da Espanha, que estão nas mãos dos produtores e das associações.

**Deputado António Ventura (PSD):** E não é isso que propomos?

**O Orador:** Não é isso.

**Deputado António Ventura (PSD):** O Centro de Leite não é?

**Deputado João Costa (PSD):** O senhor quer é tapar o sol com a peneira!

**O Orador:** Sr. Deputado, não vou fazer o debate do Observatório porque já o fiz na altura com o Sr. Deputado Duarte Moreira.

O seu observatório era mais um instrumento público a somar àqueles que os senhores acusam este Governo de ter (65 instrumentos públicos). Era mais um com funcionários públicos, nomeados pelo Governo.

Não é isso que nós queremos. O que queremos é aproveitar uma estrutura pública que existe, que é o IAMA e ser esta estrutura a acompanhar, para além

dos trabalhos que faz hoje e para além daquilo que está previsto na sua orgânica. Pedimos ao Governo para alterar a orgânica do IAMA para ele ir mais além.

Relativamente à segunda parte, que o PCP e outros trouxeram do INE, por sabermos o que estava no INE, o que tem acontecido e por termos debatido na Comissão de Economia, sabemos que há alguma falha de informação nos Açores. Isso foi debatido ao longo das várias sessões em que esses assuntos foram trazidos. Quando se abolia as pautas aduaneiras, praticamente há um conjunto de bens que entram e saem na Região que efectivamente não conhecemos.

Não estamos a discutir o preço, como se fixa ou não do tal observatório ou doutros instrumentos que o PSD trouxe, sobre os quais não tutelamos, nunca tutelaremos porque a economia de mercado tem de funcionar e as informações das empresas são das empresas. Portanto não vamos por aqui, nem vamos por ali, relativamente a estas informações.

Srs. Deputados, o que temos é uma situação do SREA que tem responsabilidades estatísticas, não as do Sr. Secretário da Agricultura.

Queremos que ele funcione melhor, mas o Governo da República não tem dado esta informação.

**Deputado António Ventura (PSD):** Agora a culpa é da República!

**O Orador:** Este Projecto de Resolução não é de agora. Este Projecto de Resolução tem data e o que está dito no programa de actividades do INE não é de agora, estava lá o ano passado e está este ano com um projecto a desenvolver nos Açores para que nós conheçamos melhor, portanto valorizar a informação que já temos. Não dissemos que tínhamos toda. Dissemos que tínhamos muita informação. Há muita informação regional e nacional sobre produtos dos Açores, mas há um caminho a percorrer através do INE e através do IAMA, nunca através do aumento da despesa pública, com uma estrutura nova, como o PSD apresentou aqui através do seu observatório.

**Deputado Rui Ramos (PSD):** E as outras propostas do PSD? Disso os senhores não falam!

**O Orador:** Portanto, ninguém está a copiar, o que nós estamos é a ensinar ao PSD que se pode fazer o mesmo com aquilo que já temos.

**Vozes dos Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Estêvão.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Sr. Secretário da Agricultura, daqui fala o Deputado Regional, de acordo com o Estatuto Político-Administrativo da RAA e o meu nome é Paulo Estêvão.

**Secretário Regional do Ambiente (Álamo Meneses):** Nunca tinha ouvido falar!

**O Orador:** Quero dizer-lhe o seguinte que sintetiza a sua posição: “quem não se sente, não é filho de boa gente”.

Portanto, o seu comportamento em relação à intrusão que foi realizado pelo PS em áreas técnicas, em áreas em que o senhor já tinha dito que tinha tudo o que desejava, tudo o que queria, é algo que fica consigo.

Da apreciação política, não posso deixar de o fazer e considero que o Sr. Secretário sai daqui politicamente muito fragilizado.

Sra. Deputada Zuraída Soares perdoe-me por aquilo que lhe vou dizer.

Utilizando uma figura muito aproximada que o Sr. Presidente da Assembleia utilizou há poucos dias, deixe-me dizer-lhe que isto não é um convento e a Sra. Deputada não é a Madre Teresa de Calcutá.

**Deputada Zuraída Soares (BE):** Cruzes canhoto!

**O Orador:** O que quero dizer Sra. Deputada, é que por vezes a Sra. Deputada veste, despe, as vestes do ateísmo.

**Deputada Zuraída Soares (BE):** Decida-se: ou visto ou dispo?

**O Orador:** Despe. Despe, as vestes do ateísmo e apresenta aqui uma imagem de uma santa inocência.

O que lhe quero dizer é que do ponto de vista do conteúdo do projecto do PS nós não temos qualquer tipo de dúvidas. Já disse que apoiava, estou de acordo, é necessário. O que é grave é que o Secretário da Agricultura necessite que o PS lhe diga como é que ele tem que fazer tecnicamente o seu trabalho. Isto é que é relevante.

Aqui Sra. Deputada não sendo um convento ...

**Deputada Zuraida Soares (BE):** Ainda não!

**O Orador:** ... discute-se política.

Há de facto pressupostos políticos e análises que têm que ser feitas.

Nesse sentido o que eu considero é que o Sr. Secretário da Agricultura sai daqui fragilizadíssimo.

**Deputada Zuraida Soares (BE):** Está preocupado!

**O Orador:** O que lhe dizem é: faça as contas dessa forma, sistematize desta forma para tentar chegar a outro resultado, porque o resultado que nós temos é péssimo.

Sra. Deputada, eu considero que nessa postura é politicamente relevante fazer a análise disto, porque desta questão dependem as políticas que são adoptadas da Região, que são do maior interesse público.

Termino, Sra. Deputada, dizendo o seguinte: não consigo dividir. Eu não quero dividir! Foram eles que se dividiram. Isto começou desde o anúncio do Sr. Presidente do Governo Regional que sai.

Portanto já se notam estas fissuras.

Ainda ontem, veja-se, o líder da bancada do PS abandonou a sua bancada, quando se estava a votar um diploma do Governo Regional. Não acha isto de enorme gravidade? Não considera que isto são sinais políticos preocupantes para o PS?

**Deputada Catarina Furtado (PS):** Não sabe o que está a falar!

**O Orador:** São sinais preocupantes para o PS e são sinais optimistas para a oposição, para a oposição que quer alternância de poder e que nota que estão ali evidentes, cada vez mais evidentes, as fissuras políticas.

Os senhores não se dividem? Dividiram-se ontem, hoje, todos os dias e no futuro, Sra. Deputada.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado António Ventura.

(\*) **Deputado António Ventura (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado José Rego, eu estou revoltado contra a vossa falta de humildade, quando as nossas propostas vieram aqui e os senhores chumbaram e passados uns meses os senhores trazem as mesmas propostas.

**Vozes dos Deputados da bancada do PS:** Vote contra!

**O Orador:** Nós não podemos votar contra aquilo que há quatro anos, daí para cá, temos vindo a falar.

Sra. Deputada Zuraída Soares, o problema não é o PS, que tem toda a legitimidade em recomendar ao Governo aquilo seja e democraticamente tem essa legitimidade. Não tem problema nenhum em recomendar, até acho que é saudável e é bom que isto aconteça. O problema é recomendar depois de ter chumbado iniciativas, da nossa parte, com o mesmo conteúdo e com o mesmo objectivo. Este é que é o problema. Isso é que fragiliza. A fragilidade está...

**Deputada Zuraída Soares (BE):** Já dissemos isso!

**O Orador:** ... em trazer a esta casa, depois chumbar as nossas iniciativas, mais amplas, mais abrangentes, com maior conteúdo, com maior visão, as mesmas iniciativas disfarçadas, principalmente a do Observatório.

Isto é que fragiliza a política do Governo Regional. É esta a questão. Não é mais nada.

Agora quanto à legitimidade, o PS tem toda para o fazer.

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados vamos passar à votação deste Projecto de Resolução.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam favor de se manter como se encontram.

O Sr. Deputado que se abstém faça favor de se sentar.

**Secretário:** O Projecto de Resolução apresentado foi aprovado com 27 votos a favor do PS, 17 votos a favor do PSD, 5 votos a favor do CDS/PP, 2 votos a favor do BE, 1 voto a favor do PPM e 1 abstenção do PCP.

**Presidente:** Passemos para o ponto seguinte da nossa ordem de trabalhos: **Projecto de Decreto Legislativo Regional n.º 11/2011 – “Alteração ao regime jurídico da atribuição do Acréscimo Regional à Retribuição Mínima Mensal Garantida, do Complemento Regional de Pensão e da Remuneração Complementar Regional (terceira alteração ao Decreto Legislativo Regional n.º 8/2002/A, de 10 de Abril)”**, apresentado pela Representação Parlamentar do PCP.

Tem a palavra o Sr. Deputado Aníbal Pires.

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O PCP traz aqui hoje esta proposta de aumento do complemento regional ao salário mínimo consciente da importância que esta medida pode ter para as famílias açorianas.

Estão agora claramente à vista os efeitos desastrosos de décadas das políticas economicistas liberais conduzidas ora pelo PS, ora pelo PSD, com ou sem o CDS-PP.

Somos um país mergulhado numa profunda recessão, com enormes desigualdades sociais e com uma pobreza galopante, que abrange cada vez mais portugueses.

Décadas de desinvestimento, de destruição da capacidade produtiva nacional, sob o mando da União Europeia, de desvalorização dos salários e de ataque aos direitos dos trabalhadores, têm reduzido grandemente o poder de compra dos que dependem apenas do seu próprio trabalho para sobreviverem e, por força de razão, com ainda maior gravidade dos trabalhadores com menores qualificações e que auferem os mais baixos salários.

Apesar do aumento significativo e generalizado das qualificações, a verdade é que os salários não têm tido, em Portugal e nos Açores, uma evolução proporcional. Uma geração de jovens altamente qualificados é forçada a aceitar

salários inacreditáveis e a permanecer numa situação de precariedade absoluta ou mesmo a abandonar o país. Na prática, os milhões gastos na melhoria das qualificações dos portugueses apenas têm servido para o patronato ter acesso a uma mão-de-obra mais qualificada a baixo preço.

As medidas de austeridade que têm vindo a ser aplicadas pelos diversos Governos têm contribuído para acelerar o ciclo recessivo. E as que estão já anunciadas pelo actual apenas irão somar ainda mais recessão à recessão, cavando ainda mais fundo o fosso do desemprego e da pobreza dos trabalhadores portugueses.

Depois do PS de Sócrates ter rasgado o acordo assinado com os parceiros sociais, (descredibilizando, desta forma, todo o processo da concertação social), acordo que previa que o salário mínimo nacional chegasse aos 500 Euros em 2011, o actual Governo PSD/CDS-PP mantém a orientação de desvalorização do poder de compra dos trabalhadores, mesmo os que têm os salários mais baixos.

Com esta linha de actuação, estes governos e estes partidos vão empurrar cada vez mais portugueses para a pobreza e para a carência grave, para além de alimentarem o espiral da recessão.

Com o argumento da crise da dívida, pretende-se retirar aos trabalhadores portugueses os seus direitos fundamentais. Reduz-se o valor das indemnizações, põe-se em causa a proibição do despedimento sem justa causa, promove-se a flexibilidade do horário de trabalho, destruindo a perspectiva de uma vida familiar normal, mantém-se o congelamento de carreiras, levantam-se todos os obstáculos à contratação colectiva e à acção sindical e, agora, impõe-se mesmo o verdadeiro roubo que é o aumento do horário de trabalho, sem qualquer remuneração, forçando os trabalhadores a darem mais meia hora de trabalho gratuita.

O objectivo desta política é claro: promover a desvalorização dos custos do trabalho, permitindo que as empresas, em vez de investirem na modernização, na integração de tecnologia nos processos produtivos e em novos produtos e

mercados, continuem sem qualquer esforço a acumular lucros à custa dos depauperados trabalhadores portugueses.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Para o PCP, o rumo tem de ser outro.

Para além da renegociação da dívida, sem a qual estaremos brevemente numa bancarrota à moda grega, é preciso tratar dos problemas de fundo da nossa economia.

E essas soluções terão forçosamente de passar pelo rompimento com o ciclo de recessão, dinamizando o mercado interno e estimulando o consumo e as vendas das empresas, que por sua vez poderão aumentar a receita do Estado.

A solução terá necessariamente de passar pelo aumento do poder de compra dos trabalhadores portugueses e, conseqüentemente, por uma melhor repartição do rendimento nacional.

Ao contrário do que dizem os partidos troikistas não é acentuando as desigualdades e as injustiças sociais que sairemos da crise. Pelo contrário, será dando uma melhor qualidade de vida ao nosso Povo que poderemos, sustentavelmente, dinamizar a nossa economia.

É nesse sentido e com esse objectivo que apresentamos esta proposta, aqui nos Açores e que o fizemos também no continente, com um Projecto de Resolução que está hoje mesmo em discussão na Assembleia da República.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Estamos convictos de que esta medida é ainda mais importante para os Açores.

Somos uma Região com baixos salários, em que o ganho médio mensal é inferior em cerca de 100 euros ao do continente.

Igualmente, temos baixas qualificações: os números do Governo Regional relativos a 2009 apontam para que 75% da população açoriana tem apenas o 3º ciclo, do Ensino Básico ou menos e, de acordo com dados do INE relativos ao ano de 2010, 4,5% da população **activa** nos Açores não tem nenhuma qualificação formal. Este indicador confirma, aliás, as indicações das organizações sindicais que também apontam a correlação entre baixas



qualificações e baixos salários e, naturalmente, para uma elevada taxa de trabalhadores açorianos abrangidos pelo salário mínimo.

Igualmente relevante é que, de acordo com os dados recolhidos por uma comissão deste mesmo Parlamento, 3419 beneficiários do Rendimento Social de Inserção, 18,7% do total, efectivamente trabalham, só que não ganham o suficiente para assegurar a sua sobrevivência e as das suas famílias.

Estes indicadores ajudam a demonstrar a fragilidade social dos trabalhadores da nossa Região e permitem-nos entender como as medidas de austeridade terão efeitos brutalmente destrutivos nos Açores. Porque vale a pena perder um segundo a pensar em quantos milhares de trabalhadores açorianos serão atirados para uma situação de efectiva pobreza no ano de 2012, fruto do aumento do desemprego, dos impostos, ou do custo de vida.

Porque não discutimos números, discutimos pessoas! Pessoas que, apesar de trabalharem e se esforçarem, por si próprias e pelo bem comum, não são retribuídas numa medida que lhes permita fazer face às necessidades mais básicas da sobrevivência. Pessoas que sofrem a marca de uma profunda desigualdade social e que são excluídas, desta forma, do bem-estar e dos direitos que o nosso contrato social deveria garantir a todos os cidadãos.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Esta é uma proposta que aponta para as soluções de que os Açores precisam.

Porque toda pressão colocada sobre as condições de vida dos açorianos vai ter o necessário e negativo reflexo nos resultados das empresas dos Açores. A fragilidade e pequena dimensão do nosso tecido empresarial são bem conhecidas. O agravamento das suas dificuldades também.

Pois bem, tudo o que contribua para aumentar, ainda que marginalmente, o poder aquisitivo dos açorianos vai forçosamente reflectir-se nos resultados destas empresas. É por esta via que, para além de contribuirmos para dinamizar o mercado interno, estaremos também a proteger os empregos de que dependem os açorianos.

Já sei que me vão argumentar exactamente ao contrário, que as empresas estão em dificuldades e que não podem aumentar os salários. Mas, senhores

Deputados, essas dificuldades só vão aumentar cada vez mais à medida que se retrai o consumo dos açorianos. Esse é o mesmo caminho ruinoso que nos trouxe até aqui. Já sabemos que não funciona. Um erro é sempre criticável, mas persistir nesta política errada é um crime. Basta!

E, no fim de contas, estamos a falar de um aumento de 12 Euros por mês, menos de 60 cêntimos por cada dia de trabalho. Um aumento que, nada significando na contabilidade da maior parte das empresas, significa algo, sim, para ajudar as famílias açorianas a fazer face aos aumentos que os vossos partidos lhes impõem!

É claro e inegável que estamos perante uma situação de emergência económica social a que temos de dar resposta. Precisamos de actuar em contra ciclo se queremos atenuar os piores efeitos desta crise sobre a economia açoriana e sobre as condições de vida do nosso Povo.

E isto mesmo é também assumido por uma Petição, subscrita por 1200 trabalhadores, que recentemente deu entrada neste Parlamento, defendendo também, o aumento do acréscimo regional ao salário mínimo. Saibamos nós ouvir estes cidadãos.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Apresentamos este diploma, conscientes do papel que o PCP desempenhou em 1999, despoletando com a sua proposta o processo legislativo que conduziu à publicação do Decreto Legislativo Regional 1/2000 de 12 de Janeiro, que pela primeira vez instituiu o então chamado acréscimo ao salário mínimo nacional na Região Autónoma dos Açores.

A publicação desse Decreto Legislativo Regional constituiu um arrojado progresso autonómico, no seu sentido mais puro: A Autonomia enquanto instrumento para construir a coesão nacional, a Autonomia para melhorarmos a vida de todas as açorianas e açorianos.

Os motivos que levaram à criação deste mecanismo não só se mantêm validos, como são tornados especialmente presentes na actual situação. O momento crítico que os Açores e o país atravessam exige de nós, de novo, o mesmo arrojo e a mesma ousadia.

E é um pouco desse corajoso espírito autonómico de 1999, que animou os deputados desta casa a darem este importante passo em frente, que quero trazer aqui, pela voz do meu camarada Paulo Valadão – a quem daqui calorosamente saúdo –, cuja intervenção passo a citar:

*“Os órgãos de Governo próprio desta Região, têm porém obrigação político-constitucional de encarar o problema do desenvolvimento, não só pela óptica das empresas, mas também pela óptica dos trabalhadores.*

*Este conjunto de visões obriga a que se procure contribuir simultaneamente para a viabilização das empresas e para a dignificação de quem trabalha.*

*Não é viável, em nosso entender, qualquer processo de desenvolvimento socialmente válido, sem que se trabalhe progressivamente para a correcção do grave desvio negativo que afecta os salários dos trabalhadores por conta de outrém na Região Autónoma dos Açores.*

*Ao introduzirmos esta inovação legislativa, consideramos que estamos a contribuir para a criação de um quadro de equilíbrio e de justiça, perfeitamente urgente e indispensável, face às especificidades regionais.”* Citei.

Palavras que permanecem urgentes e actuais. Cabe-nos agora o dever irrecusável de continuar esta obra de construir o futuro dos Açores.

Tenhamos a coragem de abandonar dogmas e trincheiras ideológicas e fazer aqui, agora, o que podemos. Demos um primeiro passo na direcção certa, abandonando esse rumo do passado e procurando o caminho para construir um mundo melhor para as gerações presentes e futuras de açorianos.

Disse.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado José do Rego.

(\*) **Deputado José Rego (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O PCP traz a esta casa uma iniciativa para acrescer o acréscimo ao salário mínimo regional de 5 para 7,5%.

Fez uma intervenção naquela tribuna e os argumentários que tem no seu Projecto de Resolução, com os quais, tal como disse há poucos dias ali na tribuna, posso também estar de acordo, porque os próximos tempos não serão

fáceis para as pessoas, pessoas essas que queria aqui dizer, estão nas empresas. Pessoas que estão nas empresas.

Aqui queria dizer que algumas das fragilidades que são apontadas no Projecto de Resolução relativamente àquelas pessoas que trabalham nas empresas, as nossas empresas também apresentam algumas fragilidades.

Estar a dizer isto não quer dizer que eu esteja só ao lado da defesa das nossas empresas, estou ao lado das empresas e dos trabalhadores, por isso o Presidente do Governo já o disse que o próximo Plano e Orçamento tinha que acompanhar as pessoas, a nível das fragilidades que possam advir no próximo Orçamento de Estado, pela crise que estamos a viver e acompanhar as empresas no seu dia-a-dia.

Portanto, as fragilidades apontadas neste Projecto de Resolução, fragilidades insulares, relacionadas com os trabalhadores, são fragilidades que nós vamos encontrar nas nossas empresas.

O senhor sabe perfeitamente quando nós contactamos com os trabalhadores, também contactamos com as nossas empresas e sabemos o que é que algumas das nossas empresas estão a viver. Sabemos qual é a dimensão das nossas empresas e sabemos qual é o custo de trabalho que tem as nossas empresas, a percentagem desse custo de trabalho.

Empresas que têm um pequeno mercado, num mercado disperso regional, que estão distanciadas do mercado continental, num momento em que aumenta a globalização mundial da nossa economia, com trabalhadores muitas vezes, como o senhor disse ali naquela tribuna, com uma deficiência em habilitações que, ao fim e ao cabo, têm uma formação profissional deficiente, nós entendemos que para já, este aumento dos 5 para os 7,5%, o nosso tecido empresarial, provavelmente, não estará capaz de o fazer.

Temos os pareceres que vieram para a Comissão de Economia, quer da Câmara de Comércio quer da AICOPA.

Gostaria de lembrar também que o esforço que foi feito por estas mesmas empresas ao longo dos últimos cinco anos.

A retribuição mensal garantida foi uma grande vitória do 25 de Abril para os trabalhadores dos Açores e de Portugal. Nos últimos 6 anos houve um aumento de 30% do salário mínimo nacional, que foi acrescido pelos nossos 5%, estando hoje nos 509 euros, o que foi um esforço, um contributo destas mesmas empresas para aumentar o rendimento disponível dos trabalhadores.

Numa altura em que sabemos que a maior parte dos trabalhadores pelos números que saíram do desemprego, são desqualificados, há que apostar em medidas de apoio a estes trabalhadores a nível da sua valorização, como o senhor disse e muito bem.

Quanto mais qualificados são os trabalhadores, há uma expectativa do seu salário ser mais alto e quando digo que é uma expectativa sabemos perfeitamente que há outras pessoas que, apesar de terem habilitações, não têm um rendimento compatível com a sua formação.

Todavia, entendemos que há que apostar na Rede de Valorizar, ou no programa que auxilia essa rede, de modo a que aumente a formação dos nossos desempregados, que são essencialmente da construção civil, que têm habilitações mais baixas (não têm mais que o primeiro ciclo a maioria deles). É uma das apostas que este Governo deve fazer.

Queria lembrar que apesar do rendimento dos trabalhadores nos Açores de ser mais baixo, (aquela média dos 100 euros) há um conjunto de outros instrumentos que têm ajudado a haver um rendimento disponível dos mesmos, muitas vezes não compreendido por outras bancadas:

- o Rendimento Social de Inserção, como o senhor falou ali;

É verdade que é um complemento para muitas famílias que trabalham e aí devemos continuar a pugnar para que o Rendimento Social de Inserção continue a existir, que não seja o tal rendimento para malandros, mas que seja um contributo para aumentar o rendimento das famílias.

- o complemento de Abono de Família que na Região existe;

- a própria remuneração complementar, esse acréscimo salarial não é só para as pessoas que trabalham por contra de outrem, também é para as pessoas que estão na administração pública e algumas carreiras que estão abaixo do salário

mínimo regional. Neste mesmo diploma estão os que recebem uma remuneração equivalente ao salário mínimo nacional ou regional.

Como estava dizendo o apoio às famílias que a Região tem, desde o complemento ao abono de família, o apoio às rendas no programa de Famílias com Futuro e outros apoios sociais, faz com que as nossas famílias estejam mais protegidas.

Gostaria também de dizer que o papel das empresas também terá de passar por mais inovação, pelo aumento da produtividade e pela manutenção dos postos de trabalho.

Portanto, no momento em que estamos a viver, o nosso rumo deve ser um rumo certo, continuar a apoiar as empresas, as famílias e devemos zelar por apoiar as empresas para manterem os empregos que temos hoje.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional do Ambiente e do Mar.

(\*) **Secretário Regional do Ambiente e do Mar** (*Álamo Meneses*): Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Vou intervir não na posição de Secretário Regional do Ambiente e do Mar, mas em representação do Governo Regional, para dizer que os argumentos que foram apresentados pelo Sr. Deputado Aníbal Pires, obviamente, são argumentos sérios e argumentos com os quais na sua maioria concordamos. O Governo Regional também partilha da preocupação que o Sr. Deputado ali demonstrou e que o Grupo Parlamentar do PS também demonstrou, uma preocupação com o rendimento das famílias e em particular com o emprego.

De facto, a preocupação com o emprego é neste momento uma das preocupações centrais na Região e todos sabemos que o rendimento de uma família que recebe apenas o ordenado mínimo, é um rendimento demasiado baixo. Reconhecemos as dificuldades dessas famílias, conhecemo-las e estamos solidários com elas.

Contudo, vivemos num momento em que não é fácil ter políticas de aumento de vencimentos.

Não é fácil, neste momento, tomar qualquer iniciativa que possa contribuir para potenciar um desemprego que, infelizmente, é crescente e para colocar em risco mais postos de trabalho.

Concordando com uma boa parte dos argumentos, estando solidários com aqueles que recebem tão pouco e que têm uma vida tão difícil, nesta altura o bom senso aconselha que não seja este o caminho a seguir.

Tempo virá em que aí poderemos chegar, como em 1999 o pudemos fazer e esperamos que a breve trecho seja possível melhorar a qualidade de vida e melhorar o rendimento de tantos que nesta Região vivem com tão pouco.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado António Marinho.

(\*) **Deputado António Marinho (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Na sequência destas duas primeiras intervenções e designadamente na sequência da apresentação desta iniciativa por parte do PCP, naturalmente que não há ...

**Deputado José San-Bento (PS):** O senhor está a falar tão depressa. Tenha calma!

**O Orador:** Os senhores não brinquem com coisas sérias. Não se brinca com as dificuldades das pessoas, Sr. Deputado.

**Deputado Francisco César (PS):** Por isso chumbaram na República!

**O Orador:** As preocupações manifestadas pelo Sr. Deputado Aníbal Pires penso que são comuns a todos nós, preocupação designadamente no momento como aquele que estamos a viver.

Mas temos que ser realistas e à partida o Sr. Deputado Aníbal Pires invocou um processo ocorrido em 99, que deu origem a uma iniciativa legislativa que foi aprovada no início do ano 2000 e que pela primeira vez estabeleceu o acréscimo de 5% só sobre o salário mínimo nacional, dois anos depois sobre as pensões e sobre o complemento remuneratório.

Esses 5% não apareceram por acaso. Esses 5% tinham um determinado fundamento. Pretendiam no essencial estabelecer uma compensação que

decorria dos custos de insularidade, ou seja, que a nível da região havia a necessidade, para uma equiparação de todas as pessoas que a nível nacional exerciam a mesma função, de as compensar em 5%, porque era essa a diferença e foram feitos cálculos na altura e estudos nesse sentido.

Portanto, este diferencial de 5% constitui algo que é manifestamente estrutural à própria economia açoriana.

Foram feitos estudos nesse sentido. Foi entendido que esse era o valor considerado como equiparando, digamos assim, um trabalhador na RAA ao mesmo trabalhador que exercia funções idênticas a nível do continente.

Mexer nestes 5% significa estarmos a mexer em algo que é estrutural.

Passarmos de 5 para 7,5% significaria neste momento estarmos a considerar que os custos de insularidade representam pelo menos um diferencial de 7,5%, ou seria de 8, ou será de 6,5, ou será de 10. Não há nenhum fundamento para estes 7,5%, ou seja, significa mexermos numa medida que tem características estruturais por causa de motivos conjunturais.

Portanto não seria essa a via correcta. Ainda assim não seria essa a via correcta para corresponder às preocupações que todos temos, relativamente à situação remuneratória, à situação de rendimentos em que estão inseridos os grupos mais desfavorecidos a nível da Região.

É importante que se esclareça desde já que não é essa a via correcta.

Por questões conjunturais (e essas preocupações já foram manifestadas, designadamente pelo Sr. Deputado José do Rego e pela parte do Sr. Secretário) quem cria emprego são as empresas. Tal como os trabalhadores, tal como todos nós, também as empresas estão a atravessar um período de sérias dificuldades, ou seja, se nós pressionamos mais as empresas no sentido de que as dificuldades que actualmente vivem sejam ainda acrescidas, o que podemos ter é uma situação manifestamente pior do que ter um rendimento relativamente reduzido, que é as pessoas ficarem sem emprego.

Acabámos de conhecer ontem um número que nos assusta. Soubemos ontem que a nível da Região, a nível dos desempregados inscritos, o desemprego cresceu 31,8% relativamente ao ano antes. A nível nacional desceu 0,3%.



Aqui, o desemprego cresceu 31,8%. Curiosamente, no dia anterior ouvimos o Sr. Vice-Presidente, com grande optimismo, sabendo naturalmente aquilo que se iria passar com o desemprego, dizer que “para o ano isto vai estar bom”.

Bom, a fé dele vai ser comprovada, deus queira. Já que estamos a falar duma questão de fé, que o Sr. Vice-presidente tenha razão.

Não sei quem é que aqui o acompanha nessa fé tão declarada que mostrou. Julgo que toda a gente pensa exactamente o contrário, o que é natural, que 2012 vá ser um bocadinho pior do que aquilo que está a acontecer neste momento.

Compreendo as preocupações, quer do ponto de vista de mexer numa medida que tem características estruturais fortes, mas mexermos nela, do ponto de vista conjuntural, por razões meramente conjunturais, é errado. Muito mais errado, porque aquilo que neste momento deve constituir grande preocupação de todos nós é evitar que mais açorianos entrem numa situação de desemprego.

Neste momento, de acordo com os últimos números conhecidos, há 12 mil desempregados nos Açores. Há 12 mil famílias que neste momento estão a ter dificuldades pelo facto de parte daqueles que angariam rendimentos que permitem assegurar a sua subsistência estarem numa situação de desemprego.

Avançando com uma medida como esta, que o PCP aqui vem propor, aquilo que provavelmente se vai passar é, para além das consequências daquilo que à partida já está mau, piorarmos um bocado mais a situação das empresas e estarmos com isto a contribuir para o aumento do desemprego.

Pelos dois motivos invocados naturalmente que da parte do PSD o Sr. Deputado Aníbal Pires, não vai ver a sua iniciativa votada favoravelmente.

**Deputado Pedro Gomes (PSD):** Muito bem!

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Aníbal Pires.

(\*) **Deputado Aníbal Pires (PCP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Registo as preocupações manifestadas relativamente à situação e à importância que quer o PSD, quer o PS, quer o Governo dão a esta iniciativa, referindo que de facto na vossa opinião não é o momento adequado para o fazer.

Gostaria de dizer o seguinte, socorrendo-me aqui dum documento da Vice-Presidência do Governo Regional que diz o seguinte: “com efeito enquanto os Açores, em 2000, era uma Região menos desenvolvida ao nível do País e consequentemente da Comunidade Europeia, com os resultados mais recentes (o resultado mais recente tem a ver com 2008), pode constatar-se que o ritmo de crescimento económico permitiu aproximar o produto *per capita* da média nacional.

Este desempenho originou uma subida dos Açores no contexto das regiões portuguesas, deixando de ser o espaço com uma menor riqueza criada por habitante, como também conduziu a um esbatimento significativo do desequilíbrio em comparação com o que se regista a nível europeu, ou seja, uma evolução positiva no processo de convergência real”.

Ora bem, isto quer dizer o seguinte: criou-se mais riqueza nos Açores.

Sensivelmente entre o mesmo período o que é que acontece relativamente aos salários.

Em 2006 o valor médio dos salários do sector privado no continente era 936€ e na RAA 833,01€. Isto significa que os trabalhadores açorianos recebiam em 2006, menos 102,09€ que os trabalhadores do continente; em 2007 menos 101€ e em 2008 menos 105€.

Isto entretanto num período de crescimento e de aumento da riqueza. Isto quer dizer que neste período, salvo melhor opinião, houve uma má distribuição da riqueza, isto é, ficou o trabalho claramente prejudicado neste processo de crescimento económico promovido pela riqueza gerada na Região.

Portanto, há aqui de facto um desequilíbrio.

Por outro lado e se verificarmos se é verdade que de facto o salário mínimo veio sofrendo aumentos significativos em determinada altura, não é menos verdade que ao analisar o relatório de Outubro do Banco de Portugal podemos verificar (os colegas podem verificar, com certeza já o verificaram) que o peso do salário mínimo em Portugal tem vindo a aumentar brutalmente, isto é, cada vez mais trabalhadores recebem o salário mínimo nacional e na RAA isso é também muito claro.

Para acabar esta intervenção gostaria ainda de referir uma outra questão e que tem a ver com a criação e o objectivo do salário mínimo: “O salário mínimo constitui um elemento essencial e decisivo no combate aos baixos salários e à pobreza em geral.

Estes foram os princípios que estiveram na base da sua criação pela Organização Internacional do Trabalho em 1970, através da Convenção 131, determinando que o seu valor devia ser fixado tendo em conta em primeiro lugar as necessidades dos trabalhadores e das suas famílias”.

O salário mínimo em Portugal, como o Sr. Deputado José do Rego nos disse há pouco é uma conquista de Abril. Uma conquista da Revolução de Abril.

Mas à parte desta referência que acho que é importante afirmar e reafirmar o valor que a Revolução de Abril teve para o País dizer o seguinte: o objectivo é determinar que o seu valor deva ser fixado tendo em conta, em primeiro lugar, as necessidades dos trabalhadores e das suas famílias.

A verdade é esta: nós temos cerca de 20% de trabalhadores açorianos que trabalham, trabalham duramente, têm o seu salário, mas o seu salário é tão baixo que tem que ser complementado pelo Rendimento Social de Inserção.

Isto contraria claramente o objectivo da criação do salário mínimo pela Organização Internacional de Trabalho.

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** O senhor não tem convicção nisso!

**O Orador:** Oh Sr. Deputado, estou com toda a convicção nisto e com toda a seriedade porque estamos a tratar aqui dum problema muito, muito grave.

O Sr. Deputado António Marino e o Sr. Deputado José do Rego, manifestaram preocupações relativamente ao tecido empresarial e se se lembram eu, daquela tribuna, também manifestei essa preocupação. Também a manifestei e é até em nome dessa preocupação que eu manifestei que esta proposta pode ser um contributo.

Sr. Deputado, o desemprego está a aumentar e possivelmente irá aumentar mais e um dos motivos tem a ver com a retracção do consumo.

A nossa estrutura empresarial é caracterizada como todos nós sabemos com baixos salários, não vai haver aumentos, os impostos vão aumentar.

É evidente que vai haver retracção do consumo e essa retracção é que vai promover mais desemprego, entre outros factores. Não é o único. Entre outros factores vai promover desemprego.

Portanto, estar aqui a aumentar o acréscimo ao salário mínimo nacional é uma medida no nosso entender que pode ajudar a combater essa ameaça assustadora que pende sobre os trabalhadores portugueses e os trabalhadores açorianos em particular.

Relativamente à questão dos 5 e dos 7,5%.

Os 7,5% não aparecem por acaso. Aparecem porquê? Porque foi rasgado o contrato social ou o acordo da concertação social que previa que em 2011 o salário mínimo nacional chegasse a 500 euros. Não chegou porque entretanto um Governo, o anterior e o Governo actual, querem manter exactamente o salário mínimo nacional no valor que está actualmente e portanto não concretizaram aquilo que estava acordado.

Se fizer as contas os 7,5% repõe exactamente o valor para os Açores, que não seria necessário se não tivesse havido uma ruptura do acordo da concertação social pelo Governo. É tão simples como isto.

Portanto, registo as vossas preocupações, porque se trata de um problema profundamente grave e de inteira justiça.

O PCP e certamente as açorinas e os açorianos gostariam que Vs. Exas. fossem além das meras preocupações e tivessem coragem para aprovar esta iniciativa do PCP que visa não só repor justiça salarial, mas visa também colaborar com a situação de dificuldade que o sector empresarial tem na Região.

Reafirmo aqui de novo o seguinte, aliás penso que foi esta semana que o afirmei aqui: não houve nenhuma situação de programas de apoio às empresas na Região que o PCP não tivesse dado o seu acordo, criticando, dizendo que era insuficiente, que era parcelar, mas deu sempre o seu acordo.

Isto sem esforço, porque não estamos amarrados a nenhum dogma ideológico, aquilo que era exigível a Vs. Exas. é que saíssem da vossa trincheira e dos vossos dogmas ideológicos, tivessem a coragem de não se ficar apenas pelas preocupações e que tomassem e tivessem a tal ousadia que os Deputados desta

câmara tiveram em 1999, quando introduziram não só este, mas um pacote de medidas de apoio às empresas e de justiça salarial, no sentido de minimizar os efeitos dos custos do viver insular e arquipelágico.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Artur Lima.

(\*) **Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O assunto é naturalmente sério e preocupa naturalmente todos nós que aqui estamos, todos lá fora e a sociedade de uma maneira geral preocupa-se com isto.

Agora também temos que ser absolutamente, e esta abertura é do CDS e minha, realistas e frontais.

Devo lamentar, pese embora se tenha posto aqui muita solenidade, muito paninho quente nesta intervenção do Sr. Deputado Aníbal Pires, não podemos nunca esquecer a demagogia ortodoxa do PCP, aqui presente nesta Proposta. Vem apresentá-la na pior altura possível, quando se sabe que é impossível, quer às empresas, quer à Região, comportar um aumento de despesa deste calibre e desta dimensão.

Portanto, é preciso sublinhar que sobre a “capa” da preocupação está forrado de demagogia. Isso tem que ser dito aqui. Não devemos ter nenhum problema em afirmar isto. É sobre a “capa” da preocupação que vem forradinha de demagogia, o que é, aliás, apanágio do PCP em geral e em particular do Sr. Deputado Aníbal Pires nesta casa.

O que é exigível, para usar um termo do Sr. Deputado, de todos nós é a responsabilidade, é a responsabilidade para estarmos à altura de responder aos problemas e aos desafios que se colocam quer à Região, quer ao país.

É preciso ter em conta que é um dado, toda a gente sabe, todas as estatísticas dizem, quer nacionais, quer regionais, quer europeias, quer até mundiais, que o desemprego vai aumentar em 2012. Isto é um dado adquirido, mas preocupante é que o desemprego na RAA cresceu 31,8%. Isto é preocupante.

Se tivermos em atenção sectores estruturantes para os Açores, como são por exemplo o turismo onde também houve alguma quebra, é preciso ter muito cuidado quando se vem com propostas destas, porque não é fácil ter duas coisas ao mesmo tempo.

Portanto, o Sr. Deputado vai explicar como é que concilia este aumento da retribuição com manter o emprego.

Sr. Deputados, sejamos absolutamente francos e sinceros com as pessoas. É preferível ter um emprego, mesmo ganhando o ordenado mínimo actual, do que não ter emprego de todo.

O que está em causa agora, Sr. Deputado, já não é o aumento do salário mínimo, o que está em causa agora é ter emprego, é conseguir um emprego, é não perder o emprego. Isso é o que está em causa e isso é que nós devemos defender e devemos defender isso para que também os governos, numa altura de crise, tenham meios para acudir aos desempregados e tenham meios para acudir às famílias que passam necessidades.

Hoje em dia passa mais necessidade quem não tem emprego e é a isto que nós devemos ser sensíveis. É a isto que o PCP parece não ser sensível, ao vir com uma medida, nesta altura, numa crise que está aqui, açoriana, portuguesa, europeia e mundial.

Portanto, muito cuidado e, sim, Sr. Deputado, numa coisa estamos de acordo, é preciso haver responsabilidade e essa responsabilidade tem que ser de nós todos, a começar pelos deputados, pelo Governo, pelas empresas e por toda a gente, porque o que o senhor vai conseguir é levar o tecido empresarial açoriano frágil a despedir pessoas, a aumentar o desemprego e a mandar pessoas para ficarem sem uma oportunidade de sustentar a sua família, pese embora fazendo muitos sacrifícios com o ordenado mínimo regional.

É muito difícil uma família sobreviver com esse ordenado. Muito difícil! Agora o que não podemos é mandá-los para o desemprego.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra a Sra. Deputada Zuraida Soares.

(\*) **Deputada Zuraida Soares (BE):** Obrigada, Sr. Presidente.

Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O voto do BE vai ser evidentemente favorável relativamente à proposta do Grupo Parlamentar do PCP.

Gostaríamos de explicar porquê.

Na realidade o BE não considera que alguém que se confronta com a obrigação de sobreviver com o ordenado mínimo regional se confronte com uma questão conjuntural. Não, não, Sras. e Srs. Deputado. Não é conjuntural, porque já há três anos, há quatro e à cinco, viver e sobreviver com o ordenado mínimo nacional ou regional, era um milagre.

Portanto, isto não é uma situação conjuntural, é uma situação estrutural que se chama salário baixíssimo.

Depois, dizer que nós não aceitamos o discurso de: “concordamos com os argumentos! Preocupamo-nos com a situação! Achamos que na realidade o salário mínimo nacional e regional é baixo!”

Depois a conclusão qual é? “Desculpem lá!”

Pedir desculpa. Onde é que nós já ouvimos isto? “Desculpem lá, mas tudo tem que ficar como está.”

Não. Se nós concordamos com os argumentos e se aceitamos que há uma situação desumana, então nós temos que fazer alguma coisa e tomar alguma medida e não é contra as empresas, Sras. e Srs. Deputados, é exactamente o contrário. É a favor da sustentabilidade e da existência das empresas e é preciso dizer isto olhos nos olhos, aos açorianos e açorianas, ...

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** E aos empresários!

**A Oradora:** ... por uma razão muito simples, é que bolsos vazios não compram e se os bolsos vazios não compram, as empresas não vendem e se as empresas não vendem, as empresas não podem manter postos de trabalho.

Aquele raciocínio já feito nesta câmara por alguns Srs. Deputados é um raciocínio, mas não é inevitável, porque há outra forma de ver o mesmo problema e é aquilo que o BE diz desde sempre, há alternativas a esta situação e

a alternativa não é dizer: os trabalhadores têm que continuar a ganhar a mesma miséria, senão as empresas vão à falência.

Não! Não! As empresas vão à falência porque os trabalhadores não têm dinheiro para comprar coisa nenhuma.

Então vamos lá ver o que é que na realidade nos deve preocupar para a sobrevivência das empresas. Não é uns míseros salários, não é o mísero salário mínimo regional. É a factura energética! Ninguém se preocupou, pelo contrário aí vem o aumento de impostos. É a factura financeira das empresas. Ninguém se preocupa. Aí vem o aumento e pior do que isso não há dinheiro para ninguém, porque a banca não empresta.

É o aumento dos transportes. Ninguém se preocupa com isso.

O que é que os partidos, quer o Governo da República, quer o Governo Regional se preocupam?

Com os míseros salários dos nossos trabalhadores. Aumentar 12 euros ao salário mínimo regional poria em causa o nosso tecido empresarial.

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Quanto é que custa?

**A Oradora:** Sras. e Srs. Deputados, não fazer alguma coisa vai pôr em causa a economia desta Região, porque as pessoas vão se ver confrontadas com a situação de quererem comprar e não terem dinheiro no bolso e aí os nossos empresários não vão conseguir sobreviver.

Portanto há outra maneira de ver o problema, há outra maneira de se fazer o raciocínio. Não é inevitável esta situação de miséria e de penalização, seja no continente, seja agora aqui por via da recusa desta proposta do PCP, que nós estamos a levar aos nossos trabalhadores.

Esta é a política do Governo da República. Recuso-me a aceitar que seja a política do Governo Regional do PS.

Finalmente dizer que as preocupações aqui demonstradas, num discurso comiserativo, penalizador, o tal discurso do “peço desculpa, eu vou fazer-lhes tudo o que há de pior! Vou fazer-lhes as maiores malfeitorias! Mas desculpem lá, não queria, sou obrigado!”



Não somos nada obrigados! Podemos fazer doutra maneira! Só não o faremos na República, não o estamos a fazer e só não o faremos nesta Região por falta de coragem, por falta de vontade política.

Então há que assumir isto nesta casa, e fora dela.

Muito obrigada.

**Deputado Mário Moniz (BE):** Muito bem!

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Estêvão.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Devo dizer que decidir sobre uma questão deste âmbito, sabendo as dificuldades por que estão a passar as pessoas, no meu caso pessoal, foi uma decisão difícil.

Difícil, mas eu tento que as minhas decisões, as decisões do partido, sejam decisões responsáveis e ponderadas.

Evidentemente não temos responsabilidades no Governo da República, não temos responsabilidades no Governo Regional e mesmo nas melhores perspectivas, na perspectiva mais optimista penso que tão depressa não teremos responsabilidade de governar, quer na Região, que na República.

Portanto a nossa decisão não é uma decisão que esteja condicionada pelos padrões, que esteja condicionada pelo facto de daqui a uns meses, ou daqui a um ano, estarmos a fazer uma coisa diferente do que aquilo que estamos agora a fazer, estarmos no poder em vez de estarmos na oposição. A minha posição sobre esta matéria tem a ver com aquilo que eu acho mais útil para os trabalhadores, com aquilo que eu acho mais útil para o interesse da Região.

O que eu considero que é mais útil neste momento é criar condições para que não aumente o desemprego ou pelo menos que não se tomem decisões políticas que fomentem exactamente o crescimento do desemprego.

A medida é bem intencionada e eu não acuso ninguém de ter sido demagógico pelo facto de a defender.

Considero é que neste sentido a cura que é proposta só vai agravar a doença.

Diz-me o Sr. Deputado do PCP: se aumentarmos o salário mínimo, isso vai fazer com que aumente o consumo e aumentando o consumo as empresas vendem mais, portanto isto é uma forma de aumentar as margens de lucro da empresa, reactivar o tecido empresarial, reactivar o tecido económico. É este o pensamento que foi transmitido pelo Sr. Deputado do PCP.

Aumentando neste momento o salário mínimo, o senhor vai ter dois males: não consegue evidentemente a partir destas percentagens aumentar significativamente o consumo e, portanto ter um efeito muito benéfico na economia regional (não consegue, não tem isso) e o que vai ter, pelo contrário, é o aumento das dificuldades das empresas.

Neste sentido faz com que as empresas tenham maiores dificuldades económicas, não só não mantenham a mão-de-obra que neste momento têm nas empresas, como também muito provavelmente com esta medida, o efeito económico que o Sr. Deputado iria conseguir, é aumentar o desemprego. Aumentar ainda mais as dificuldades das famílias e aumentar ainda mais as dificuldades das empresas.

Portanto, penso que esta medida seria contraproducente nestes dois âmbitos: na área das empresas e na área dos rendimentos das famílias.

Nesse sentido, porque acho que é isto que vai acontecer, não posso acompanhar e votar esta sua iniciativa.

Era fácil aqui cavalgar o populismo e aparecer nas páginas dos jornais e da televisão a dizer que eu sim, proponho que se aumente os salários. Isso para mim era tremendamente fácil. Não tenho responsabilidades de Governo, nem na República, nem aqui.

Poderia fazê-lo, mas de acordo com a consciência e a responsabilidade que coloco sempre nas minhas decisões, não o posso fazer e porque considero que não cumpre o objectivo a que se destina, e porque considero que no quadro económico recessivo que nos encontramos, com tantas empresas a fecharem diariamente as portas, com empresas confrontadas com essas dificuldades financeiras tremendas, eu estaria a prestar um mau serviço à população.

Estou aqui a votar conscientemente cada diploma, votando muitas vezes diplomas dos meus adversários políticos que há 3 anos têm uma estratégia: chumbar tudo o que são propostas do PPM, mas mesmo hoje já votei duas propostas do PS, porque achei que eram válidas.

Portanto para a decisão em cada diploma, não olho para a origem da proposta. Vejo, leio e decido de acordo com os interesses das populações, daquela que é a análise que eu faço em relação aos interesses das populações e ao efeito económico, ao efeito social que essas medidas podem vir a ter.

Nesse sentido a minha votação, em consciência, e a decisão que tomei, é a de não acompanhar V. Ex<sup>a</sup>., com muito pesar.

Gostava imenso de votar a favor mas não o posso fazer porque isso seria na minha perspectiva um acto de irresponsabilidade e o PPM em cada decisão que toma aqui é a favor da democracia, a favor das populações e sempre, sempre com responsabilidade.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Aníbal Pires. Tem dois minutos e meio.

(\*) **Deputado Anibal Pires (PCP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Relativamente à tentativa de provocação do Deputado Artur Lima, logo no início da sua intervenção, (aliás ele não está), eu não lhe iria, de qualquer forma, responder. Quem lhe dará essa resposta é certamente as açorianas e os açorianos em 2012 e portanto abstenho-me de o fazer.

**Deputado Luís Silveira (CDS/PP):** Isso é que é importante!

**O Orador:** De qualquer forma, no tempo que me resta, gostaria ainda de trazer à discussão o seguinte.

Na última década, penso que nesta questão todos estamos de acordo, são os números que o dizem, houve de facto um crescimento, produziu-se mais riqueza na Região.

Essa repartição da riqueza não foi feita de uma forma equitativa.

A parte que foi para o capital foi muito maior do que a parte que foi para o trabalho.

Portanto, isto também deve ser atendido. As empresas estão em dificuldade, eu compreendo, mas a verdade é esta: aqui, durante uma década, houve aumento da riqueza, houve aumento da produtividade e sempre, sempre, sempre, com penalização para quem trabalha.

Relativamente à questão dos apoios sociais.

Eles são importantes, são fundamentais, mas também não nos podemos esquecer duma coisa. Esses apoios sociais constituem despesa pública, porque se a Região e o país têm de complementar os salários com o Rendimento Social de Inserção, isso constitui despesa pública, e mais, isso é como uma espécie de complemento salarial que tem efeito no trabalhador, mas sobretudo beneficia a empresa.

Portanto, isto é o Estado e a Região a complementarem rendimento que devia ser assegurado pelo rendimento do seu próprio trabalho, sem nenhuma necessidade de haver um complemento social.

Sr. Deputado, isso é mais um apoio para a empresa.

Aliás, num tempo em que se fala tanto de finanças públicas e de redução da despesa, gostaria de saber quanto é que custará às finanças públicas o famoso plano de emergência social que o Governo da República, através do seu Ministro da Solidariedade, implementará, e qual o contributo que isso tem para a resolução do problema das finanças públicas?

Sr. Presidente para terminar...

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Já devia ter terminado há muito tempo!

**O Orador:** ... esta câmara hoje ao não aprovar esta proposta do PCP, está não só a abdicar duma prerrogativa autonómica, como a não atender às necessidades das açorianas e dos açorianos.

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados vamos votar na generalidade este Projecto de Decreto Legislativo Regional.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam favor de se manter como se encontram.

As Sras. e os Srs. Deputados que discordam façam favor de se sentar.

O Sr. Deputado que se abstém faça favor de se sentar.

**Secretário:** O Projecto apresentado foi rejeitado com 28 votos contra do PS, 17 votos contra do PSD, 4 votos contra do CDS/PP, 2 votos a favor do BE, 1 voto a favor do PCP e 1 abstenção do PPM.

**Presidente:** Vamos passar ao ponto seguinte da nossa ordem e trabalhos:

**Pedido de urgência e dispensa de exame em Comissão sobre o Projecto de Resolução n.º 57/2011 – “Afirmar as quotas leiteiras no contexto PAC pós 2013”**, apresentado pelo Grupo Parlamentar do PSD.

Para explicar a urgência dou a palavra ao Sr. Deputado António Ventura.

(\*) **Deputado António Ventura (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Este é obviamente um tema conhecido de todos e é bastante pertinente.

Os objectivos da iniciativa são simples e claros e em todo este sentido a urgência justifica-se também pela necessidade rápida de actuação a favor dos objectivos desse projecto de iniciativa.

**Presidente:** Creio não haver mais intervenções. Assim sendo, vamos votar.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como se encontram.

**Secretário:** O pedido de urgência apresentado foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Assim sendo, entramos na substância.

Dou a palavra ao Sr. Deputado António Ventura para apresentar o Projecto de Resolução.

**Deputado António Ventura (PSD):** Exmo. Sr. Presidente da Assembleia, Exmos. Sras. Deputadas e Srs. Deputados, Exmos. Sra. e Srs. Membros do Governo:

A Agricultura é, e cada vez mais, uma actividade horizontal a toda a sociedade, pois encontra-se no centro dos grandes desafios que a humanidade enfrenta.

Uma actividade que estabelece compromissos para processos tão vitais como as mudanças climáticas, a soberania e a segurança alimentar, as novas energias, a preservação ambiental, o ordenamento do território, a saúde humana, entre outras e outras funcionalidades.

Nos Açores e atendendo às suas especificidades estes aspectos ganham uma substancial importância.

Todavia, é preciso não perder de vista a função produtiva da Agricultura, porque na Região é a sua base económica e o sustento do seu progresso, sobretudo, a produção de leite.

Desde o início do povoamento destas ilhas que a produção de leite assumiu um peso significativo na subsistência e no rendimento das populações, tendo sido o único produto pecuário que conseguiu atravessar os tempos e alcançou grandeza produtiva.

O peso deste bem alimentar nos Açores é de tal modo significativo que actualmente representa mais de 30% do total da produção nacional.

A fileira leiteira adquiriu uma situação de predomínio no seio da Agricultura regional, particularmente, quando se observa a falta de alternativas neste Arquipélago.

Acima de tudo, este é um produto que ultrapassa a dimensão económica representando um relevante factor social,...

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Isto é que é falar!

**O Orador:** ...onde se destaca a fixação de pessoas em Ilhas tendentes ao abandono humano, evidencia a matriz familiar da Agricultura, promove a criação de emprego e contribui para várias actividades de complemento de rendimento a muitas famílias.

Possui, assim, uma marcante dimensão multifuncional nos Açores, pelo que deve ser encarado como um “bem público”.

A sua multifuncionalidade é de tal ordem que uma crise no leite tem um “efeito dominó” em toda a Agricultura da Região e uma crise na Agricultura é uma crise na nossa economia.

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** É verdade, sim senhor!

**Deputado João Costa (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. Deputadas e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A produção de leite na União Europeia, obedece a uma disciplina produtiva regulada por um sistema de imposição suplementar.

O regime de quotas surge para aproximar a oferta da procura, evitando-se os grandes excedentes e eliminando os grandes encargos orçamentais da União em armazenagem, mas, principalmente, para estabilizar o rendimento dos produtores.

Neste sentido, esta autorização administrativa resulta numa vantagem para as Regiões desfavorecidas como a nossa, com permanentes condicionalismos geográficos, onde se inclui a distância, a pequena dimensão, a dispersão geográfica e a forte dependência de um pequeno grupo de produtos.

Acresce a estas desvantagens alguns ecocondicionalismos que interessa conservar e proteger como a diversidade genética e o meio natural.

A supressão das quotas leiteiras pós 2015, isto é, uma liberalização de forma “selvagem”, terá repercussões negativas sobre o rendimento dos Produtores de leite da Região, das Indústrias transformadores e, genericamente, sobre os Açores.

Os produtores são o elo mais fraco e, certamente, onde as implicações negativas farão mais danos.

As indústrias transformadoras têm vindo a efectuar robustos investimentos nas suas reestruturações e modernizações, algumas para além da actual capacidade de produção de leite dos seus universos de recolha e transformação.

Interessa, porém perceber, que apesar de todas as limitações que se indica ao regime de regulação da produção de leite, ainda não surgiu nenhum sistema alternativo com vantagens.

Nenhuma opção parece valorizar uma aproximação de “preço justo” capaz de cobrir os custos de produção e de remunerar de forma digna o difícil trabalho dos Agricultores.

**Deputado João Costa (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Aliás, as quotas já estiveram para terminar três vezes, representando uma velha ambição, sem sucesso, de alguns Estados Membros como a

Dinamarca ou a Holanda que no passado provocavam as chamadas “marés brancas”.

A favor destes Países está o facto de na última campanha 2010/2011, a produção global da União Europeia ser inferior em 6% à quota total, mas com a Dinamarca e os Países Baixos a ultrapassar a sua quota. Situação que cria um argumento de pressão para a abolição do sistema.

Mas também é verdade que a Europa ficou a saber dos efeitos nefastos da ausência de regulação aquando da crise dos alimentos o que provocou um recuo na vontade de liberalização dos mercados. Um erro quase fatal.

Nesta vontade de liberalização da União Europeia preocupamo-nos de sobremaneira, as negociações da Organização Mundial de Comércio onde esta actividade continua a ser a moeda de troca. É preciso uma liberalização comercial que seja equilibrada. Deve-se exigir aos parceiros comerciais externos os mesmos critérios produtivos que se exige cá dentro.

**Deputados Pedro Gomes e Duarte Freitas (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Uma reivindicação de ajustamento que tem de se manter acesa, muito acesa naquela que é a estratégia “Europa 2020”.

Compreenda-se, que o fim das quotas não é um problema só nosso. Cremos que o seu término implicará um afastamento dos objectivos de coesão a nível europeu. É o próprio modelo social que está em causa, pois é o leite e os lacticínios que mantêm humanamente ocupadas as zonas de montanha, as afastadas, as ultra-afastadas e as de interior. Se quisermos é um sinónimo de paz social.

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. Deputadas e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Surge, neste momento, a possibilidade contextual e institucional de afirmar esta pretensão para lá de 2015.

A Comissão Europeia apresentou publicamente as suas propostas de regulamento para a PAC depois de 2013 e onde mantém a decisão da supressão



do sistema de quotas leiteiras. O próximo passo cabe ao Parlamento Europeu, pronunciando-se sobre estas propostas.

**Deputado Cláudio Almeida (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Com Tratado de Lisboa o Parlamento Europeu passou a ter poderes de co-decisão com o Conselho em matéria de agricultura. E aqui reside o nosso trunfo.

Urge, deste modo, sensibilizar os decisores da República, do Parlamento Europeu e da Comunidade Europeia para a aceitação e a concretização de medidas que permitam criar competitividade e sustentabilidade à bovinicultura de leite neste Arquipélago. E isto só se consegue com algum proteccionismo, gestão e regulação.

**Deputado João Costa (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Este Parlamento, por iniciativa do PSD e com os contributos dos restantes Partidos Políticos, já deliberou na defesa da manutenção do sistema de quotas leiteiras na União Europeia...

**Secretário Regional da Agricultura e Florestas (Noé Rodrigues):** Santa paciência!

**Deputado Berto Messias (PS):** Grande lata!

**O Orador:** Não foi uma iniciativa nossa?

(Resolução n.º 3/2008/A).

Agora, é tempo de aproveitar uma “porta aberta” através do Parlamento Europeu. E nós não podemos perder nenhuma porta que se abra ou esteja semi-aberta. Seria uma irresponsabilidade.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Com esta iniciativa o PSD pretende que esta Assembleia, pelo diálogo, estabeleça a unidade possível à volta desta causa, nos vários níveis de decisão, que permita concretizar o objectivo da manutenção da regulação da produção de leite pós 2015 na União Europeia.

Surgem, para este diálogo, novos fundamentos que se aliam aos conhecidos.

Sr. Presidente da Assembleia, Sras. Deputadas e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A produção de leite é um assunto de superior interesse Regional e como tal exige o esforço, a disponibilidade e a concertação de todos.

Disse.

**Voices dos Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Estão abertas as inscrições, Sras. e Srs. Deputados.

Tem a palavra o Sr. Deputado Aníbal Pires.

(\*) **Deputado Aníbal Pires (PCP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Esta proposta que o PSD nos traz aqui é, na opinião da Representação Parlamentar do PCP, correcta e vai merecer o apoio da Representação Parlamentar do PCP.

No entanto, gostaria de referir aqui dois aspectos que considero importantes e, enfim, com alguma relevância.

Desde logo o exame de saúde da PAC, aprovado em 2008, que adoptou uma aterragem suave e que aumenta gradualmente as quotas até propor o seu fim em 2015.

Portanto, não se trata apenas aqui de defender as quotas como existem hoje, trata-se de exigir o seu ajustamento de forma a garantir os rendimentos dos produtores.

Uma outra questão que eu não posso deixar de referir, porque, enfim, à história feita, há posições feitas, estamos a caminhar neste sentido, é que quer o Partido Popular Europeu, quer o Partido Socialista Europeu sempre defenderam a orientação de liberalização dos mercados agrícolas.

Entretanto, está configurado num horizonte de 2015 um problema grave para o sector produtivo regional e que como sabemos é aquele, que quer se goste, quer não se goste, que dá saúde, que dá sustentabilidade à economia regional.

No entanto, ainda gostaria de acrescentar uma outra questão e que tem a ver com o seguinte. Também a nível nacional deveriam ser tomadas algumas

medidas no que diz respeito às grandes centrais de compra e de distribuição, porque como sabemos as centrais de compra e de distribuição têm uma importância fundamental na formação do preço.

Aliás, em Portugal são conhecidas algumas situações de chegada ao mercado de produtos, nomeadamente produtos lácteos, a preços baixos que até configuram situações de *dumping*, que beneficiam claramente os países do norte da Europa e que têm como objectivo (podem não ter esse objectivo) mas pôr em causa aquela que é uma das indústrias mais importantes do país, que é a indústria dos lacticínios.

É sempre bom recordar que Portugal é não só auto-suficiente na produção de leite e que do leite produzido em Portugal um terço é produzido na Região Autónoma dos Açores.

Portanto, a defesa intransigente deste sector é um imperativo da Região Autónoma dos Açores.

Tem o apoio da Representação Parlamentar do PCP.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**Presidente:** Sr. Secretário Regional da Agricultura e Florestas tem a palavra.

(\*) **Secretário Regional da Agricultura e Florestas** (*Noé Rodrigues*): Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Gostaria de aproveitar esta proposta do PSD para, de uma vez por todas, e mais uma vez afirmar e deixar perpetuado nos anais desta casa aquelas que têm sido sempre as preocupações do Governo Regional em matéria de quota leiteira.

Nós não vemos hoje uma janela de oportunidade para a defesa das quotas leiteiras. Nós temos, na defesa das quotas leiteiras, uma permanente bandeira da nossa actuação perante todas as pessoas e em qualquer circunstância na defesa do regime de quotas leiteiras.

**Deputado Aníbal Pires** (*PCP*): Não é verdade, Sr. Deputado, não é verdade!

**Deputado Berto Messias** (*PS*): Muito bem!

**O Orador:** É bom que se diga, que na Região (e desde que os governos do Partido Socialista assumiram responsabilidades) o sector leiteiro tem sido

central, tem sido uma das suas orientações estratégicas no sentido de lhe dirigir todo o investimento necessário.

Verifica-se no sector leiteiro uma grande modernização e uma grande reestruturação nas áreas produtivas.

Nós hoje temos mais leite com menos produtores; temos melhor dimensão crítica nas explorações de leite; temos mais capacidade competitiva; temos mais produtividade nas explorações leiteiras e isso deve-se não só ao investimento que o Governo tem feito dirigido à reestruturação, à actividade dos nossos produtores de leite, mas também ao muito investimento, ao muito conhecimento, ao muito saber que eles vêm apresentando nas suas actividades.

Também no sector da transformação, o sector do leite levou grandes investimentos, aproveitou grandes apostas do Governo e hoje temos, em praticamente todas as nossas ilhas, estruturas de transformação mais habilitadas a produzir com qualidade, que aproveitam melhor o leite de qualidade que é produzido e que apresentam nos mercados produtos de maior valor, de maior eficácia e de maior defesa dos interesses dos consumidores.

Gostaria, por isso, de dizer que este investimento que se fez, quer no sector produtivo, quer no sector da transformação leiteira, trouxe à Região aquilo que se pode dizer o desajustamento do regime de quotas, porque quando foi fixado há mais de 25 anos atrás ele era, desde logo, insuficiente para aquela produção que tínhamos na altura. Para além do mais não contava com as melhorias que se deveria fazer no sector, com a reestruturação que o sector deveria ter e desde muito cedo o regime de quotas (é bom dizê-lo também) representou um travão, representou uma limitação à capacidade produtiva regional do sector leiteiro.

É bom não esquecer que recentemente, em 2003, os produtores de leite foram penalizados com o pagamento de multas e nós bem sabemos quem é que na altura exigiu que esse pagamento fosse feito e também bem sabemos que tudo fizemos para que as multas fossem devolvidas aos nossos agricultores como foram em 2005.

Durante todos esses anos o regime de quotas que ajustou a capacidade produtiva da Europa àquelas que são as suas necessidades de consumo, esse

regime de quotas trouxe estabilidade, trouxe rendimento, trouxe previsibilidade aos produtores de leite por toda a Europa e também aqui nos Açores.

Temo-lo dito sempre, quer no programa do Governo que foi aprovado nesta casa, quer perante todas as instituições e entidades nacionais e comunitárias; temo-lo dito inclusive aos Comissários da Agricultura (a este que lá está agora e àquela que o antecedeu); temos dito aos serviços da comissão em todas as oportunidades; temos dito aos ministros da agricultura que têm passado no Governo da República, incluindo a actual Ministra da Agricultura, que é importante, que é desejável, que é necessário manter o regime de quotas, que é bom lutar pelo regime de quotas, que traz estabilidade, previsibilidade e segurança aos nossos agricultores, porque ele traz protecção às explorações e à dimensão crítica das nossas explorações.

Nós não andamos a reboque de ninguém nesta matéria. Não titubeamos relativamente a estes princípios e é bom que se diga que talvez a proposta que aqui vêm do PSD seja o retomar de uma luta que eles abandonaram ainda há pouco tempo.

*(Risos do Deputado António Ventura)*

Veja-se, por exemplo, as declarações da Sra. Eurodeputada, a 5 de Fevereiro de 2010, transcrita em todos os órgãos de comunicação social (TSF, RTP, no dia 5 de Fevereiro e também no Açoriano Oriental dia 6 de Fevereiro de 2010 – os Srs. Deputados podem ler à vontade) em que ela diz: “Tem sido lamentável continuarmos a laborar sempre na ideia do mito das quotas. Só temos uma alternativa que é preparar o futuro sem quotas.”

Esta é a política errática do PSD.

**Deputado João Costa (PSD):** Não é não!

**Deputado Cláudio Almeida (PSD):** A gente sabe o que é que o Ministro da Agricultura do Partido Socialista fez quando negociou as quotas!

**Deputado Berto Messias (PS):** Ah, não sabia!

**O Orador:** Um dia, um dos seus dirigentes defende que não deve haver quotas; noutro dia, vem um dos seus dirigentes defender que deve haver quotas e até nos lembrámos daquele dirigente do PSD que só queria quotas para os Açores e que não queria quotas para mais ninguém.

Isto é lastimável!

Portanto, o PSD parece que finalmente está vindo ao rego, está vindo àquilo que é correcto, que é a defesa insistente e persistente dos interesses dos nossos produtores de leite e persistente no nosso sector leiteiro da Região.

Gostaria também de dizer que aquela proposta que aprovámos por unanimidade nesta casa, que se não estou em erro é de Janeiro de 2008, teve de facto origem numa original proposta do PSD, que dizia, como todos os Srs. Deputados se lembrarão (aliás, até um dia o Sr. Deputado Artur Lima jocosamente brincou com a alegria que o PSD teve em ver essa proposta aprovada, porque ela não representava a proposta que ele tinha apresentado, mas aquela que nós queríamos que eles apresentassem)...

**Deputado António Ventura (PSD):** Mais uma vez trazemos a iniciativa e ela é vossa!

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Exactamente!

**O Orador:** ...que a Região devia continuar a manter, a lutar, a defender o regime de quotas de produção além de 2015.

**Presidente:** Srs. Deputados...

**O Orador:** Recordo que esta proposta, apesar de aprovada por unanimidade nesta casa, teve, em 2010, no dia 5 de Fevereiro, as declarações que acabei de referir da Sra. Eurodeputada Patrão Neves.

Esta proposta o que dizia é que na impossibilidade de se manter o regime de quotas para além de 2015, pelo qual nós devíamos lutar, em consequência do eventual desmantelamento fossem tidas em conta as desvantagens sócio-económicas e os condicionalismos perpétuos e específicos das regiões ultraperiféricas e elencava um conjunto de outros objectivos pelos quais devíamos lutar para reforçar e reestruturar o sector leiteiro na Região.

A propósito disso o que é bom dizer-se e o que é bom ficar aqui para memória futura é que dos objectivos aqui propostos, das questões aqui plasmadas nesta proposta e nesta resolução aprovada em 24 de Janeiro de 2008, constam já alcançadas a maioria dessas propostas.

**Deputado António Ventura (PSD):** Todas ou maioria?

**O Orador:** Reforçámos a quota distribuída aos produtores de leite da Região; aumentámos com isso o rendimento dos produtores de leite, porque o aumento da quota distribuída aos produtores ficou associado o prémio aos produtos lácteos;...

**Deputado António Ventura (PSD):** Prove isso!

**O Orador:** ... reforçámos só de uma vez em 23 milhões de litros, dos 38 milhões de litros que vieram para o país, os produtores regionais com o apoio do prémio aos produtos lácteos, como os senhores devem saber; afastámos a possibilidade dos pequenos produtores ou dos maiores produtores de ficarem sujeitos ao regime da modelação; conseguimos que viesse um pacote de 20 milhões de euros para especificamente promover, provocar uma reestruturação, uma mais profunda reestruturação do sector leiteiro que tem aliás sustentado muitos dos projectos de investimento que hoje entram para o efeito e em bom rigor nós temos conseguido alcançar aqueles que são os objectivos que foram aqui aprovados por unanimidade em Janeiro de 2008.

Vir agora como se fossem os únicos paladinos (que não foram!) da defesa do regime de quotas é de um mau gosto a toda a prova.

**Deputado António Ventura (PSD):** Mas quem é que diz isso? Ninguém está a dizer isso!

**O Orador:** Sempre defendemos o regime de quotas perante toda a gente e em todas as circunstâncias, nunca vacilámos nessa defesa, nunca prescindimos de defender este objectivo...

**Deputado António Ventura (PSD):** Mas quem é que está a dizer que o Governo prescindiu?

**O Orador:** ...e isso não pode ser património que agora o PSD vem reclamar para si, porque não o tem.

Obrigado, Sr. Presidente.

**Deputado Berto Messias (PS):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS)*

**Presidente:** Sr. Deputado Duarte Moreira tem a palavra.

**(\*) Deputado Duarte Moreira (PS):** Obrigado Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O Projecto de Resolução que o PSD hoje traz a esta casa, que recomenda que a Assembleia da Região Autónoma dos Açores reafirme a defesa do sistema de quotas leiteiras em vigor na União Europeia é o mesmo PSD que em 16 de Julho de 2010 não votou um projecto de resolução, nomeadamente a Resolução 15/2010, trazida a esta casa pelo Partido Socialista na sequência de um trabalho efectuado por todas as ilhas, que recomendava defender a existência de mecanismos e regulação de mercado, evitando a sua liberalização, mantendo o regime de quotas.

**Deputado António Ventura (PSD):** A cópia? Esqueci-me de falar desse!

**O Orador:** O PSD não tem sido coerente nesta matéria e aquilo que o senhor disse há bocado, que o PSD votava independentemente da origem das propostas, sem qualquer tipo de problema, fica provado, fica demonstrado que esta não é a realidade.

**Deputado João Costa (PSD):** O senhor leu o Projecto?

**Deputado António Ventura (PSD):** Isso está no Projecto!

**O Orador:** O PSD ao votar como votou há um ano traiu a confiança dos agricultores...

**Deputado António Ventura (PSD):** O senhor esteve aqui ou esteve fora?

*(Risos do Deputado António Ventura)*



**O Orador:** ...não deu força ao um projecto de resolução que foi votado por quase todos os Deputados nesta casa e estamos a falar no espaço, apenas e só, de um ano.

Vem agora o PSD falar de uma nova janela de oportunidade...

**Deputado José Rego (PS):** Um pacote!

**O Orador:** ...uma porta,...

**Deputado Mário Moniz (BE):** Uma frincha!

**O Orador:** ... que há um ano também existia, porque há um ano já sabíamos, já estava decidido desde o Tratado de Lisboa, que o Parlamento Europeu tem uma co-decisão de uma importância fundamental nas decisões tomadas pela União Europeia e isso na altura era tanto mais importante quanto estas questões da nova PAC que estavam em discussão pública. Era a altura certa de colocar e de reafirmar as quotas leiteiras como um imperativo para a Região e o PSD não fez isso.

Esta é a primeira ideia que fica clara nesta Assembleia, para quem nos esteja a ouvir em casa e para os nossos agricultores.

**Deputado António Ventura (PSD):** Que confusão vai nessa cabeça!

**O Orador:** A segunda ideia que quero aqui deixar é a coerência, a forma, a firmeza com que sempre o Partido Socialista, quer seja nesta bancada, quer seja através do Governo Regional, tem defendido o sistema de quotas, independentemente da origem das propostas e de todos os projectos de resolução que têm passado nesta casa desde 2006 e que têm sido votados favoravelmente pelo Partido Socialista e têm sido também defendidos pelo Governo Regional.

Esta coerência trespassa todo o Partido Socialista, desde esta bancada, o Governo Regional e quer também o seu Eurodeputado, Luís Paulo Alves, que viu muito recentemente aprovado no Parlamento Europeu a sua proposta de que esta questão das quotas leiteiras fosse reanalisada e revista antes de Março de 2015.

Portanto, vir agora o PSD apresentar uma proposta para que esta Assembleia reafirme a defesa do sistema de quotas leiteiras é fazer um zigzague político,...

**Deputado António Ventura (PSD):** E a seguir já me vão ouvir!

**O Orador:** ...é conforme os seus interesses partidários e não tem como objecto o interesse regional, o interesse dos agricultores. Porque sim, esta é uma matéria fundamental em que todos nós, dentro desta casa, devíamos e devemos desde o início dar as mãos e estar unidos com os nossos agricultores, porque de facto é fundamental para toda a agricultura.

Esta é a segunda ideia que quero deixar no início deste debate, Sr. Presidente. Depois voltarei e continuarei com outra exposição.

Obrigado.

**Vozes dos Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

**Deputado Berto Messias (PS):** O que interessa são os agricultores, não são esses *fait divers*!

**Deputado António Ventura (PSD):** *Fait divers*?

**Presidente:** Sr. Deputado Mário Moniz tem a palavra.

**Deputado Mário Moniz (BE):** Muito obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Sabemos que há uma enorme pressão de países...

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados...

**O Orador:** ... como a Dinamarca e a Holanda, entre outros, para que seja desmantelado o regime de quotas leiteiras.

No entanto, há quem compreenda e defenda que essa decisão não pode ser brusca e unilateral.

Perante este entendimento tem-se conseguido protelar essa decisão e esperamos que assim se mantenha para nosso bem.

Não queremos com isto dizer que nos deixemos embalar por esta bondade, entre aspas. É mais do que tempo para se preparar o futuro. Fica o alerta.

Mas isto não implica que se abandone a luta pela manutenção do regime actual até onde for possível, porque ele nos é benéfico e o mais justo para a nossa Região.

Nesse sentido, este Projecto de Resolução é oportuno e paternidades, ideologias e tricas partidárias não podem pôr em causa a nossa unidade em defesa dos Açores.

Já que não nos unimos pelo pão, lutemos em conjunto pelo leite.

Muito obrigado.

**Presidente:** Sr. Deputado Artur Lima tem a palavra.

(\*) **Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Sr. Secretário Regional:

Eu gostaria de lembrar aqui o seguinte. Em Junho de 2008, eu, nesta casa, num debate, onde participou aliás o Sr. Deputado António Ventura, desafiei todas as forças políticas, o Governo, as associações, os agricultores, os lavradores, a Universidade dos Açores, para que todos em conjunto nos uníssemos, fizéssemos um debate e tomássemos posição sobre o fim da quota leiteira em 2015.

**Deputado Francisco César (PS):** É verdade! Lembro-me!

**O Orador:** Ninguém quis!

Nem o PSD, nem o PS que na altura estavam aqui representados. Portanto, desafiei para encontrarmos caminhos alternativos à produção leiteira.

Ninguém quis!

Hoje vêm dizer que o PSD é o único partido que fala de agricultura biológica, premissa 2008. Hoje vem dizer que o PSD é o único partido que fala de agricultura biológica, dizia a sua líder um dia destes.

Vou lembrar aos senhores o seguinte: em Novembro de 2007, aqui nesta casa, Plano e Orçamento, eu perguntava ao Sr. Secretário (quando lhe ofereci o tal pacotinho de leite biológico) “quais as medidas que o Governo vai tomar para a diversificação agrícola, nomeadamente a agricultura biológica?”. Portanto, não é correcto dizer-se que o PSD é o único partido que fala de agricultura biológica. Já alguém tinha falado antes.

Perguntei ao Sr. Secretário que medidas ele ia tomar. O Sr. Secretário disse “o que estamos a fazer em cada ilha é sugerir e incentivar as organizações, nomeadamente industriais e produtores, etc. Aliás, o Faial é uma ilha onde já se realizaram vários trabalhos e reuniões para desenvolver o projecto, conjuntamente com a fábrica de lacticínios, associações”, etc., e por aí fora.

Até hoje, Sr. Secretário, nada disso foi concretizado.

Agora o que me espanta é vir o PSD com esta proposta. Primeiro, é uma proposta mimetista, é mimética, daquela que foi feita para a RTP para ir uma delegação a Lisboa (não sei fazer o quê, sinceramente, à Assembleia da República, não percebo!) e ao Parlamento Europeu.

Eu pergunto: não tem o PSD três deputados na Assembleia da República? Não tem o PSD uma deputada eleita aqui pelos Açores no Parlamento Europeu? Então, *quid juris?* Que medidas tomou?

Nada, rigorosamente nada.

E vem para aqui fazer política demagógica. Temos que ser absolutamente frontais e sinceros nesta questão. Política demagógica, além de despesista, neste momento, para esta casa e para os Açores.

Porque o PSD sabe, o Sr. Deputado Duarte Freitas sabe...

**Deputado José San-Bento (PS):** Todos nós sabemos!

**O Orador:** ...melhor do que eu que a quota acabava em 2015. O senhor sabe perfeitamente disso e o senhor sabe que nunca se preocupou, enquanto deputado no Parlamento Europeu, com o prolongamento da quota após 2015. O senhor sempre se preocupou com o fim da quota em 2015. Foi sempre isso que o senhor deu como adquirido. Deu como adquirido o fim da quota em 2015, nas suas intervenções no Parlamento Europeu.

O PSD sabe, o Sr. Deputado Duarte Freitas sabe, a Sra. Deputada Patrão Neves sabe, o PSD sabe, que em 2015 acaba a quota.

Foi resultado das suas intervenções no Parlamento Europeu em que o senhor se preocupou se a quota se estendia para além de 2015. O senhor sempre deu como certo que a quota acabava em 2015.

Se estou errado contradiga-me, Sr. Deputado.

Depois, a janela de oportunidade. Mas qual janela de oportunidade, hoje, quando sabemos que quota acaba em 2015? Foi respondido ao Deputado Nuno Melo que acabava a quota em 2015. Foi respondido à Deputada Patrão Neves que acabava a quota em 2015 e depois vem dizer-se que se quer uma janela de oportunidade!

Não há nenhuma janela de oportunidade agora. Não há uma porta, nem sequer um buraco de fechadura por onde nós nos possamos meter neste momento.

O nosso caminho é outro. É outro caminho e é esse caminho que aponta a União Europeia e já deu resposta, quer à Deputada Patrão Neves, quer ao Sr. Deputado Duarte Freitas que na altura dizia-lhe quais eram os caminhos.

Agora, o Sr. Deputado António Ventura diz que o problema não é só nosso.

**Deputado José San-Bento (PS):** Está esquecido!

**O Orador:** Sr. Deputado António Ventura, na reunião de Conselho de Ministros Europeu só um país e uma ministra votou a favor da manutenção da quota leiteira. Foi exactamente a ministra portuguesa, Assumpção Cristas. Mais ninguém no Conselho de Ministros votou a favor da manutenção da quota para além de 2015 e o senhor sabe isso tão bem como eu.

Portanto, não vale a pena vir aqui iludir os agricultores, iludir os açorianos que é possível mantê-la. Não é possível mantê-la!

Nós sempre defendemos a manutenção da quota. O CDS sempre foi coerente nessa matéria.

A ministra defendeu a manutenção da quota, mas sabemos quais são as decisões europeias e também sabemos (e isso é que é importante saber) que para se decidir em contrário, para se legislar nessa matéria, é preciso haver uma decisão unânime do Conselho de Ministros Europeu, Sr. Deputado e apenas uma ministra votou a favor.

Portanto, é impossível estender a quota para além de 2015.

O que é que nós temos de fazer? Pois também se diz o que é que nós temos de fazer, Sr. Deputado, e diz a Comissão Europeia: o caminho é outro, o caminho é actuar na cadeia de valor alimentar, é melhorar o funcionamento da cadeia

alimentar, desde o produtor até ao consumidor final, para avaliar e garantir maior rendimento ao produtor de leite.

Esse é que é o caminho.

Quem fazia política ilusória está em Paris fazendo filosofia.

Os senhores não podem vir para aqui iludir os açorianos, iludir os agricultores, dar-lhes falsas esperanças, porque os senhores sabem tão bem como eu, ou melhor do que eu, que isso neste momento não é possível na União Europeia.

O CDS é coerente e defende a manutenção da quota e os senhores sabem porque têm deputados lá, têm deputados na Assembleia da República.

Agora, também não percebo o que é que a Assembleia da República vai decidir sobre essa matéria.

O que é que se decide na Assembleia da República sobre quota leiteira? Nada!

No Parlamento Europeu os senhores têm lá uma deputada. Vamos lá tentar.

Posto isto, só posso dizer que esta proposta é uma mera ilusão. Não se pode iludir os agricultores. Não se pode iludir os produtores.

Numa altura destas temos, sobretudo, que ser realistas e dizer a verdade às pessoas.

Muito obrigado.

**Presidente:** Sr. Deputado Duarte Freitas, para uma interpelação, tem a palavra.

(\*) **Deputado Duarte Freitas (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Uma interpelação muito rápida para pedir à Mesa da Assembleia que faça entregar ao Sr. Deputado Artur Lima um livro meu,...

**Deputado Francisco César (PS):** Mas está assinado, ou não?

**O Orador:** ...onde das páginas 47 a 63 está tudo esclarecido sobre as minhas afirmações, sempre em defesa da continuidade do sistema de quotas leiteiras.

Está inclusivamente marcado com *post-its* para ser mais fácil ao Sr. Deputado Artur Lima.

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Isto agora é moda!

**Presidente:** Sim senhor.

Sr. Deputado Paulo Estêvão tem a palavra.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Sr. Secretário Regional:

O Partido Popular Monárquico considera que esta é uma matéria absolutamente vital para o futuro da agricultura açoriana.

É evidente que estamos aqui perante uma decisão tomada pela União Europeia e que é, como brilhantemente acabou de descrever o Sr. Deputado do CDS, Artur Lima, ...

**Deputado José San-Bento (PS):** O senhor olhe para ele. Por que é que está a olhar para a gente?

**O Orador:** ... neste momento, as condições políticas para inverter...

**Presidente:** Sr. Deputado Paulo Estêvão faça o favor de continuar.

**O Orador:** Srs. Deputados, eu também já estou cansado,...

**Deputado Berto Messias (PS):** Cansado? Aqui ninguém está cansado!

**O Orador:** ...por isso é que é importantíssimo que não exista aqui uma grande dispersão neste Plenário.

Vou ser breve. A questão que neste momento se coloca é de uma forma bastante simples. Portanto, a questão é esta: a União Europeia tomou uma decisão...

*(Apartes inaudíveis dos Deputados da bancada do PS)*

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados.

Sr. Deputado Paulo Estêvão faça o favor de continuar.

**O Orador:** Eu peço à primeira fila do Partido Socialista para me deixarem fazer a intervenção, se tal for possível.

**Deputado Berto Messias (PS):** Que conversa é essa?

**O Orador:** Estão a fazer intervenções constantes em cima da minha intervenção e não consigo obviamente continuar a explicar aquilo que estava a explicar.

**Presidente:** Sr. Deputado Paulo Estêvão faça o favor de continuar.

**Deputado Rogério Veiros (PS):** Os apartes são regimentais!

**O Orador:** Mas isto não são só apartes, isto já são intervenções sistemáticas que se colam às minhas.

Sr. Presidente, nestas condições não falo e interrompo o que estava a dizer.

**Presidente:** Muito bem, prescinda.

Vamos continuar. Sr. Deputado António Ventura tem a palavra.

(\*) **Deputado António Ventura (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Eu não baixo os braços nesta causa.

**Deputados Pedro Gomes e Cláudio Almeida (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Aliás, o regime de quotas já esteve para terminar 3 vezes, com os mesmos argumentos, com a mesma pressão e nunca terminou.

Nós agora temos a possibilidade do Parlamento Europeu ter o mesmo peso na decisão e isso significa influenciar o conteúdo das propostas para tornar a rever este assunto das quotas leiteiras.

Aliás, o PSD em 2006 propôs nesta Assembleia um projecto de resolução com vista a que este assunto das quotas leiteiras se prolongasse para lá de 2015 e este projecto de resolução resultou do aviso do Deputado Duarte Freitas, do Parlamento Europeu, quando na altura o ministro do PS o que dizia era que “não há problema nenhum, estamos a fazer tudo.” Aliás, como disse o Sr. Secretário, estamos a fazer tudo nesta matéria como sempre fizemos.

Portanto, para vos dizer que uma coisa é a nossa responsabilidade na defesa do sistema e ausentar este órgão, o primeiro órgão da autonomia, neste trabalho em prol dos Açores e por que a Assembleia não há-de estar envolvida? Porque há-de ser só o Governo?

Agora, a Deputada Patrão Neves responsabilmente o que disse (e tem que dizer, como nós vamos ter que dizer) é na defesa do sistema de quotas leiteiras, mas também preparar cenários para que o sistema acabe.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** O sistema acabou!

**O Orador:** Esta é que é a responsabilidade, como todos nós somos responsáveis.



Aliás, eu acho que é tempo de recordar, por exemplo, que o PSD apresentou nesta casa um Projecto de Resolução intitulado “Zonas rurais e agricultura pós 2013”, que indicava à Comissão de Economia um estudo deste Parlamento, que envolvesse as forças políticas na tentativa de encontrar (tentativa que não foi conseguida, foi chumbada pelo PS e aprovada por todos os partidos, excepto o PS) uma posição unânime, consensual indo também na defesa do sistema de quotas leiteiras.

Com muita ciúmeira o PS rejeitou e logo a seguir apresentou outro projecto com o mesmo teor.

**Deputado Duarte Moreira (PS):** Qual projecto? Não tem nada a ver.

**O Orador:** E esta, hem?

O projecto que o Sr. Duarte acabou de dizer.

**Deputado José Rego (PS):** Não tem nada a ver!

**O Orador:** Tem, sim senhor.

Os senhores rejeitaram...

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados.

Sr. Deputado António Ventura faça o favor de continuar.

**O Orador:** ...o nosso projecto e a seguir apresentaram um projecto de resolução (“A agricultura nos Açores e a nova PAC”).

Nós apresentámos o nosso projecto de resolução a 23 de Fevereiro de 2010. Os senhores apresentaram o vosso projecto de resolução a 14/7/2010.

**Deputado José Rego (PS):** Andamos no campo!

**Deputado Mark Marques (PSD):** A ver florzinhas!

**O Orador:** Não tem nada a ver.

Portanto, mais uma vez o PS foi a reboque, atrelado. Mas isso para nós é o menos. Para nós o que interessa é que de facto levámos a que o PS, como vimos no ponto anterior e mais uma vez aqui, tomasse a iniciativa. Nós não nos movemos por ciúmeira ou por discriminação política.

**Deputado José Rego (PS):** Eu não sei o que o senhor disse até agora! É só ciúme!

**Deputado José Lima (PS):** O senhor agora lembrou-me um padre!

**O Orador:** Agora Sr. Secretário, vamos por partes e perceber onde é que estava o Governo Regional em algumas circunstâncias e datas que vou relatar.

Onde é que estava o Secretário Regional da Agricultura ou o Governo Regional quando Portugal não definiu nas prioridades agrícolas para a estratégia 2007/2013 a produção de leite?

Onde é que estava o Governo Regional? Em silêncio.

**Deputado Luís Garcia (PSD):** Bela pergunta!

**Secretário Regional da Agricultura e Florestas (Noé Rodrigues):** Aqui na Região a trabalhar no sector leiteiro, Sr. Deputado.

**O Orador:** Posição que tem vindo a fragilizar o estado membro português perante a defesa deste objectivo.

**Deputado Cláudio Almeida (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Onde é que estava o Secretário Regional da Agricultura e o Governo Regional quando foi preciso que Portugal integrasse uma minoria de bloqueio com a França, a Alemanha, a Áustria e a Finlândia para impedir o aumento da quota leiteira que representava o desmantelamento do sistema? Os senhores estavam aqui em silêncio. Estavam aqui para não falar...

**Secretário Regional da Agricultura e Florestas (Noé Rodrigues):** Fixação sua!

Onde é que o senhor estava em 2003 quando decidiram acabar com as quotas?

**O Orador:** ...para não prejudicar o Governo da República, o Ministro Jaime Silva, intitulado o coveiro da agricultura.

**Deputado Rui Ramos (PSD):** Muito bem!

**Deputado Cláudio Almeida (PSD):** Primeiro os interesses da República.

**O Orador:** Onde é que estava o Secretário Regional da Agricultura e o Governo Regional quando o Ministro Jaime Silva, em resposta a um requerimento dos Deputados da República, afirmou que a solução para o fim do sistema de quotas leiteiras devia ser encontrado no actual programa POSEI, com os fundos actuais, ou seja, retirar do que temos, retirar dinheiro para o desmantelamento? Onde é que estavam os senhores?

**Deputado Cláudio Almeida (PSD):** Não estavam!

**O Orador:** Em silêncio! Caladinhos para não prejudicar o Governo da República!

Portanto, esta é que é a responsabilidade: silêncio! Assim é que se vê como é que os senhores conseguem defender uma posição. É desta maneira.

**Deputado Rui Ramos (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Os senhores estiveram em silêncio, calados e trocaram o interesse dos Açores por interesse partidário. Essa é que é a questão.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Sr. Deputado Artur Lima tem a palavra.

**(\*) Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Obviamente agradeço a oferta do Sr. Deputado Duarte Freitas, simpaticamente, mas o que conta Sr. Deputado são os Diários do Parlamento Europeu e foi desses que me socorri.

Vou-lhe ler só o que o senhor disse. Tenho pouco tempo e portanto não posso ler tudo, mas está aqui o Diário, a sua fotografia, Duarte Freitas, PPE-DE, portanto, o senhor. O senhor diz a páginas tantas o seguinte: “é pois decisivo que se perceba se o acordo é ou não cumprir e se eventuais mecanismos de agressividade são plantados antes ou depois de 2015.”

Depois diz assim: “ Fundamentalmente temos que saber, agora Sra. Comissária (e ela à frente dá-lhe a resposta) é se garante ou não a manutenção do sistema de quotas tal como está até 2015, para se ir esclarecendo nos mercados os produtores?”

É a pergunta que o senhor faz, “até 2015”. Ela responde-lhe – como o senhor bem sabe – que o fim é 31 de Março de 2015, porque, como o senhor se refere antes, estava preocupado com o sistema de *phasing out* dessa quota entre 2008/2015.

Portanto, o senhor sempre deu por adquirido (está aqui o relatório todo) que a quota acabava em 2015 e o senhor queria saber quais as medidas que se iam tomar para evitar esse impacto da quota a partir daí.

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** Já lhe explico. É muito fácil de explicar. O senhor não sabe o contexto.

**O Orador:** Portanto, é o que está aqui escrito. Não fui eu que inventei.

A mesma resposta é também dada à Deputada Maria do Céu Patrão Neves quando ela também fez uma pergunta e é absolutamente esclarecedora (aliás, desde 2003 que isto está esclarecido e depois no relatório que é feito em 2008 isto é absolutamente esclarecido), onde a Sra. Comissária e a Comissão diz que o “prolongamento temporário até 2015 foi decidido em 2003” e que portanto acabou a quota leiteira a partir de 2015.

Está tudo aqui, Sr. Deputado. Não inventei nada. Infelizmente não inventei nada.

Portanto, os senhores todos sabiam que a quota acabava em 2015. O senhor preocupou-se – e bem! – em ter caminhos alternativos ao fim da quota, porque sabe que não temos peso e quando o Sr. Deputado António Ventura diz que não me respondeu é um problema de todos.

Sr. Deputado, qual o Ministro da Agricultura dos outros países que votou a favor da quota para além de 2015? Quais deles é que votaram?

É preciso esclarecer bem as pessoas. Quais deles votaram e quais são os mecanismos?

O senhor sabe que só por uma decisão por unanimidade do Conselho de Ministros é que se pode depois obrigar a legislar sobre essa matéria e a Comissão não tem na sua proposta, como o senhor sabe, inscrita essa matéria da quota leiteira.

Nem sequer lá está, Sr. Deputado.

Sejamos realistas: não pode ser. O caminho é outro. O caminho é a associação agrícola, é a agricultura biológica (que nós já defendemos há anos), são outros caminhos que Portugal e os Açores têm de ir, Sr. Deputado.

É o caminho para depois melhorar o funcionamento da cadeia alimentar. É isto que propõe a Comissão. Não propõe o aumento de quota leiteira, não está lá. Não pode estar e o Conselho de Ministros decidiu em sentido contrário, Sr. Deputado, e foi recentemente.

Muito obrigado.

**Presidente:** Sr. Deputado Duarte Moreira tem a palavra.

(\*) **Deputado Duarte Moreira (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo...

**Presidente:** Sim, Sr. Deputado?

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Sr. Presidente, é para a Mesa entregar ao Sr. Deputado Duarte Freitas o documento do Parlamento Europeu.

**Presidente:** Assim que chegar à Mesa farei chegar ao Sr. Deputado Duarte Freitas.

Sr. Deputado Duarte Moreira faça o favor de continuar.

**O Orador:** Retomando a sequência daquilo que vinha a dizer há pouco é preciso referir a coerência com que o PS sempre lidou com esta matéria...

**Deputado Luís Garcia (PSD):** Coerência e silêncio!

**O Orador:** ...desde o início.

A coerência com que sempre lidou com esta matéria na defesa das quotas leiteiras.

**Deputado António Ventura (PSD):** No silêncio!

**Deputado João Costa (PSD):** Coerência na incoerência do partido.

**O Orador:** Essa coerência é evidente em tudo o que é documentação produzida e aprovada nesta casa; é demonstrada em tudo aquilo que são documentos, declarações, iniciativas do próprio Governo Regional e é coerente por termos votado sempre propostas de outros partidos, ao contrário daquilo que acontece com o PSD nesta matéria.

**Deputado João Costa (PSD):** Não estão metidos nas associações?

**O Orador:** Falei há pouco, mas devo referir e tenho aqui que a 23 de Junho foi aprovada em Sessão Plenária...

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados...

**O Orador:** ...no Parlamento Europeu a proposta que insiste na necessidade de avaliar a situação específica do sector do leite e dos produtos lácteos antes de Março de 2015, uma iniciativa de Luís Paulo Alves e Capoulas dos Santos.

**Deputado António Ventura (PSD):** Sempre foi assim!

**O Orador:** A 12 deste mês de Outubro o Comissário fez uma apresentação do pacote de propostas da reforma da PAC pós 2013 (que aliás passou ao lado completamente do sector do leite e do problema das quotas leiteiras) e sobre este assunto, numa altura em que o PSD diz que se abre uma nova janela em que temos de defender as quotas, que temos de ir para Bruxelas, diz a Sra. Deputada Maria do Céu Patrão Neves que “se não conseguimos, como eu penso que será muito pouco provável, uma abolição, suspensão do término das quotas leiteiras...” ou seja, por um lado querem negociar, querem insistir, querem fazer força para que as quotas continuem e, por outro lado, vem a Sra. Deputada dizer que será muito difícil ou praticamente impossível manter este regime.

É necessário que o PSD se entenda e que fale a uma só voz.

**Deputado António Ventura (PSD):** Eu já expliquei isso!

**O Orador:** Relativamente aos documentos emitidos também pelos departamentos do Governo Regional, permita-me Sr. Presidente que leia aqui algumas frases que vêm no relatório de execução do POSEI do ano de 2010. Entre outras coisas, diz num determinado ponto que “é objectivo proteger a produção leiteira regional através da manutenção do regime comunitário das quotas leiteiras após 2015 ou por mecanismos alternativos no caso deste regime desaparecer.”

Diz mais: “por parte do Governo Regional dos Açores mantem-se a defesa do regime de quotas leiteiras em toda a União Europeia e o aprofundamento das políticas, visando o reforço da competitividade e sustentabilidade da fileira do leite açoriano.”

Isto vem num relatório que é feito pelo IESE (o instituto que está a trabalhar e avaliar os programas comunitários para a Região) e é uma forma de demonstrar

toda a coerência, a luta com que temos estado na manutenção do regime de quotas leiteiras.

E não é só lutar pela manutenção do regime de quotas leiteiras; é importante manter também esta pressão para se conseguir intervir através do Parlamento Europeu, como disse anteriormente e também disse o Sr. Deputado António Ventura, tem uma co-responsabilização nas decisões que venham a ser tomadas nesta matéria.

Voltando aqui ao projecto de resolução do PSD, relativamente à alínea b) para se formar uma delegação da Assembleia Legislativa. É uma delegação que vai fazer o quê? Que vai fazer aonde?

Vamos reunir com a Sra. Ministra para dizer-lhe que vai defender as quotas leiteiras?

Vamos reunir com o Sr. Comissário...

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Já defendeu!

**O Orador:** Exactamente, já defendeu.

Vamos reunir com o Comissário que não fala das quotas leiteiras?

Vamos para o Parlamento Europeu, quando o Parlamento Europeu já aprovou uma resolução no sentido de manter as quotas leiteiras?

Fazia aqui um desafio ao PSD para retirar esta alínea b) do seu projecto de resolução.

Para já é só.

**Deputado António Ventura (PSD):** Qual é a alínea b)?

**Presidente:** Sr. Secretário Regional tem a palavra.

(\*) **Secretário Regional da Agricultura e Florestas (Noé Rodrigues):**

Obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Gostaria de aproveitar este momento, desde logo para dar uma resposta ao Sr. Deputado Artur Lima, que a propósito desta proposta do PSD referiu a agricultura biológica e recorde-me perfeitamente de ter sido por si interpelado para saber o que é que nós entendíamos fazer pela agricultura biológica.

Recordo-me das respostas que lhe dei e posso dizer-lhe que o trabalho, por exemplo, aqui no Faial tem sido desenvolvido com um parceiro nacional. Há já um memorando e um relatório apresentado que pugnou (aliás, isto também já foi público) não propriamente por transformar a ilha do Faial numa ilha de produção biológica, mas por se fazer diligências no sentido de valorizar os produtos através de outras opções.

Gostaria no entanto de voltar à questão, como é devido, da proposta apresentada e da defesa do sistema de quotas para dizer o seguinte. Nós temos, nessa matéria, sempre com coerência, defendido o regime de quotas. Fizemo-lo em todas as oportunidades, perante todas as entidades e desde que em 2008 foi aprovada por unanimidade, na Assembleia Legislativa Regional, a Resolução n.º 3/2008, com o contributo que nós dávamos para a política sustentável e competitiva da produção de leite nos Açores, tive a oportunidade de fazer o que estava ao meu alcance no sentido de alcançarmos os objectivos e as decisões aqui tomadas por unanimidade.

No que diz respeito à quota leiteira nós fizemos aquilo que, estando ao nosso alcance, já está a dar resultados na Região.

Dizia essa Resolução que “na impossibilidade de se manter o regime de quotas e em consequência do seu desmantelamento, se devia ter em conta as desvantagens sócio-económicas e os condicionalismos perpétuos e específicos das regiões ultra-periféricas como os Açores.”

Também devíamos tentar que “o aumento de quota que se anunciava que iria ocorrer antes do desmantelamento se discriminasse positivamente dos produtores da Região Autónoma dos Açores, permitindo reforçar a reestruturação em curso do sector na Região.” Está aqui escrito e o que podemos dizer é que desde essa altura até agora nós reforçámos muito a quota distribuidora dos nossos produtores. Fizemo-lo com a colaboração do governo central, do Ministro Jaime Silva, que dos 38 milhões de litros que foram neste âmbito atribuídos a Portugal, entregou aos Açores 23 milhões de litros.

Os senhores não podem negar isso. Isto é a verdade!



E entregou esses 23 milhões de litros acrescidos e com direito ao prémio dos produtos lácteos.

Veja se isso foi ou não foi atingido.

**Deputado António Ventura (PSD):** No continente está a baixar a produção! Foi um alívio! Estamos a comprar quota leiteira!

**O Orador:** Depois gostaria de vos dizer também que neste momento nós temos um sector leiteiro fortemente modernizado e com muita reestruturação feita e ainda em curso. Lembro que nós hoje temos muito menos, quase metade dos produtores de leite que tínhamos há 10 anos atrás, e temos mais do dobro do leite produzido.

Isso significa...

**Deputado António Ventura (PSD):** Significa o quê?

**O Orador:** ...não que os agricultores não saibam o que estão a fazer, porque eles sabem, porque eles investem, porque eles trabalham nas suas explorações, porque eles trabalham com o objectivo de ter uma vida digna e sabem, portanto, o que estão a fazer e isso representa uma grande reestruturação do sector, representa o aumento dos níveis de produtividade das explorações e aumenta os níveis de competitividade e sustentabilidade desse sector na nossa actividade económica e a riqueza para a Região.

Gostaria também de dizer que, convicto das dificuldades da manutenção do regime de quotas que desde 2003 foi decidido sem apelo e agrado, nós temos no entanto ajudado a construir um argumentário que leve àquilo que também é uma deliberação desta casa: é que na hipótese do desmantelamento do regime de quotas devíamos fazer tudo o que era possível para reclamar uma compensação para as regiões ultraperiféricas fortemente dependentes da fileira do leite como a nossa.

**Deputado António Ventura (PSD):** É evidente! Somos todos responsáveis!

**O Orador:** E nesse sentido o que nós temos dito é que as quotas tal e qual como foram constituídas, tal e qual como foram legalmente concebidas, representaram a possibilidade do agricultor ter um património na sua exploração (tanto assim foi que alugavam quota, compravam quota, arrendavam

quota), tornando de facto este direito de produção num verdadeiro activo patrimonial das suas explorações.

Esta leitura técnico-jurídica tem sido aliás despendida e tem sido oferecida como argumentário para se dizer que não vale a pena agora por mera deliberação política-administrativa da Comissão se desmantelar o regime de quotas, voltando ou fazendo zero de todo o esforço e de todo o investimento que os nossos agricultores fizeram, nomeadamente para a aquisição de quota.

Este argumentário, aliás, foi apresentado e discutido com a Sra. Ministra faz hoje um mês no Ministério da Agricultura.

O PSD pergunta onde é que andou o Governo, onde é que andei quando essas questões aconteceram.

**Deputado António Ventura (PSD):** Exactamente!

**O Orador:** Pois andamos aqui na Região a trabalhar...

**Deputado António Ventura (PSD):** Por que é que não usaram a vossa voz, a vossa força, o vosso partido?

**O Orador:** ...nessa reestruturação. Andamos aqui na Região a fazer do nosso sector leiteiro um sector mais forte e determinante. Andamos aqui na Região a fortalecer e a modernizar as explorações leiteiras. Andamos aqui na Região a investir tudo o que era possível investir para termos sustentabilidade, competitividade e futuro nesse sector.

**Deputado António Ventura (PSD):** Quem é que negocia? É o estado membro! Nem uma voz foi levantada!

**O Orador:** O que eu pergunto, Sr. Deputado, é por onde o senhor andava? Em 2003, quando foi decidido desmantelar o regime de quotas. Por onde é que o senhor andava? Por que é que não falou?

**Deputado António Ventura (PSD):** Ah, falei! Em 2003 falei, sim senhor!

**O Orador:** Por que é que não verberou? Por que é que não notou?

Abdicou da defesa dos Açores por interesses do seu partido.

Esta é que é a verdade, esta é a única verdade.

Obrigado.

(Aplausos dos Deputados da bancada do PS)

**Presidente:** Sr. Deputado Duarte Freitas tem a palavra.

(\*) **Deputado Duarte Freitas (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Eu penso que esta questão que vou abordar inicialmente não é a mais importante para o debate que estamos a fazer, é meramente uma questão lateral, só que será importante esclarecer. Por um lado, porque fiquei admirado, pensei que não houvesse um único açoriano, por muito mau que eu tivesse desempenhado o meu papel no Parlamento Europeu, não tivesse percebido que desde o início tive preocupação com as quotas leiteiras e defendi o sistema de quotas leiteiras.

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Até 2015!

**O Orador:** Mas, pronto.

Julguei que não haveria qualquer açoriano que não soubesse disto.

Mas percebo e compreendo, Sr. Deputado Artur Lima, a sua questão. Depois percebi qual é.

O senhor não sabe o contexto mas eu vou explicar-lhe muito rapidamente, não gastando demasiado tempo, como digo penso que não é das coisas que mais poderão interessar a esta situação, ou muito menos aos açorianos.

Mas a verdade, Sr. Deputado Artur Lima, é que em Oulu, na Finlândia, em Setembro de 2006, a Comissária Mariann Fischer Boel, pela primeira vez, colocou em causa a necessidade da continuação do sistema de quotas leiteiras. Logo a seguir, insisti perante o meu grupo político, o PPE, do qual também o CDS/PP faz parte, e foi criada uma oportunidade para no Parlamento Europeu se discutir extraordinariamente essa questão e se confrontar a Sra. Comissária sobre essa questão com o apoio naturalmente de todos os partidos do PPE, também do PSD, naturalmente, e do PP. Fui encarregado pelo PPE-DE para liderar esse debate e a questão que eu coloco é esta, Sr. Deputado. Na altura aquilo que estava em cima da mesa era iniciar-se o *phasing out*, como acabou infelizmente por se iniciar a 1 de Abril de 2008.

Iniciando-se o *phasing out* antes de 2015 era o término das quotas leiteiras em 2015 e a questão que se colocava nessa altura, e por isso foi colocada dessa maneira, é se ela iria iniciar ou não o *phasing out* antes de 2015 e se isso seria o início do desmantelamento das quotas leiteiras.

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Claro!

**O Orador:** Portanto, o Sr. Deputado Artur Lima naturalmente não tem obrigação de saber o contexto, ...

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Sei perfeitamente. O senhor está a confirmar isso!

**O Orador:** ...mas naturalmente explico e percebo, compreendo perfeitamente o erro que provocou na sua análise.

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Não é isso!

**O Orador:** Em relação ao conteúdo do que estamos aqui a debater, eu gostava de lembrar ao Sr. Deputado Artur Lima, mas também a todos, e vou ler uma resposta da Sra. Ministra Assumpção Cristas, datada do dia 10 de Outubro de 2011, que diz assim, passo a citar: “A posição do Governo [da República, portanto, da Sra. Ministra Assumpção Cristas] face ao fim das quotas leiteiras calendarizado para 2015 é clara [dois pontos]: questionar a sua inevitabilidade por considerar que a manutenção do actual regime da produção é o melhor instrumento para regular o mercado neste sector e o que melhor atende os interesses de Portugal [entre parêntesis] (continente e regiões autónomas).

Portanto, parece que há da parte do Governo da República – e muito bem e parece-me que o senhor concordará! – uma nova postura, porque de facto o Ministro Jaime Silva, além de ter sido um desastre para a agricultura portuguesa e talvez o pior ministro (não é da democracia) da história da República Portuguesa sempre com o silêncio cúmplice do PS e do Governo Regional dos Açores,...

**Deputado Berto Messias (PS):** E o Dr. Sevinate Pinto?

**O Orador:** ...este seu ministro não considerou de facto a agricultura, o sector leiteiro como um eixo prioritário da agricultura em Portugal.

**Secretário Regional da Agricultura e Florestas (Noé Rodrigues):** Não tem nada a ver!

**O Orador:** Inicialmente, quando se colocou a questão do perigo do fim das quotas leiteiras ele disse que não, que era perigoso, não era tempo de estar a preocupar com a OCN dos vinhos.

**Secretário Regional da Agricultura e Florestas (Noé Rodrigues):** Não tem nada a ver com as quotas!

**O Orador:** Depois, quando chegou de facto o momento de entrarmos em *phasing out* já que tudo tinha andado demasiado depressa, teve uma outra oportunidade quando se deliberou a tal questão de começar no dia 1 de Abril de 2008 o início do *phasing out*.

E a verdade é que numa reunião, numa segunda-feira, em Bruxelas, o Sr. Ministro da Agricultura português, na altura Jaime Silva, recusou-se a integrar uma minoria de bloqueio que estava preparada para bloquear o início do desmantelamento do sistema de quotas leiteiras. Quando na sexta-feira antes, quando chegou a Bruxelas, tinha chegado com todas as indicações técnicas do seu ministério que devia juntar-se àquela minoria de bloqueio e deviam travar o início do desmantelamento do sistema de quotas leiteiras.

O que se passou naquele fim-de-semana, não sei. O Sr. Ministro Jaime Silva com muitos conhecimentos na Comissão Europeia poderá ter sido influenciado pelos seus conhecimentos, que dentro da Comissão Europeia havia muita gente a querer, de facto, desmantelar o sistema de quotas leiteiras.

Neste momento, felizmente, - e é preciso reconhecer a verdade – já com o Ministro António Serrano que começou esta nova postura do Governo português, está a tentar-se fazer o possível para ainda travar o desmantelamento do sistema de quotas leiteiras.

É verdade que é um processo que já ganhou algum ritmo, já tem algum avanço, mas é verdade também que com o poder e com a decisão do Parlamento Europeu resta-nos aqui um último travão possível. Acho, de facto, pela experiência que tenho e por aquilo que sabemos disto, que é importante ter o Governo da República a dizer isto que a Ministra Assumpção Cristas disse, é

importante o anterior ministro ter começado já neste trajecto para tentar recuperar aquilo que o Ministro Jaime Silva fez ao longo dos anos em relação ao sistema de quotas.

Agora temos a última oportunidade no Parlamento Europeu. É bom lembrar que o relator deste documento chama-se Capoulas Santos, deputado socialista português...

**Deputado Berto Messias (PS):** Precisamente!

**O Orador:** ...que é coordenador do PSN, Comissão de Agricultura, e vai ser o relator de um destes documentos e aquele onde nós podemos intervir, razão pela qual temos aqui, todos nós, uma responsabilidade muito grande (tendo, ainda por cima, um português como relator e sendo coordenador do segundo maior grupo político), temos aqui a última das últimas esperanças.

Não vamos aproveitar isto?

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Não há esperanças!

**O Orador:** O futuro não nos perdoará se nós não aproveitarmos isto.

Digo mais, Srs. Deputados, isto não invalida outra coisa. Aconteça o que acontecer com o sistema de quotas leiteiras, para o qual temos de continuar a lutar para que não seja desmantelado, porque se isso acontecer temos de ter capital de queixa para tentar conseguir contrapartidas no *day after*, mas independentemente deste processo há uma coisa que é decisiva e que já há muitos anos se vem a alertar: com ou sem quotas leiteiras a fileira de produção de lacticínios dos Açores tem de ser reestruturada. Temos de produzir com mais-valias. Temos de produzir produtos de valor acrescentado.

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Isso é outra conversa!

**O Orador:** Temos, de facto, que diversificar ou (estando a palavra gasta) apostar nas produções agrícolas de proximidade.

Isso é tudo verdade. Penso que podemos todos concordar nisto, mas estas duas coisas têm que ser feitas em simultâneo, aconteça o que acontecer...

**Secretário Regional da Agricultura e Florestas (Noé Rodrigues):** Os senhores deixaram isso bonito!

**O Orador:** ...às quotas leiteiras e temos de lutar até ao último dia, até ao último fôlego, nem que seja para recuperar o capital de queixa, mas independentemente disso é fundamental que nós reestruuremos a fileira do leite nos Açores...

**Secretário Regional da Agricultura e Florestas (Noé Rodrigues):** Deixaram isso bonito!

**O Orador:** ...e que cada vez menos se produza produtos indiferenciados, cada vez mais se produza produtos de maior valor acrescentado para bem dos nossos agricultores, para poderem competir melhor e para poderem ter uma remuneração melhor daquilo que é o seu trabalho.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Sr. Deputado Paulo Estêvão tem a palavra.

**(\*) Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A posição do Partido Popular Monárquico sobre esta matéria é de que ela é de facto fundamental para a agricultura açoriana. A manutenção do regime de quotas leiteiras é fundamental.

Dizem-me que as circunstâncias de negociação são tremendamente difíceis, dizem-me que é muito difícil inverter esta decisão política tomada no âmbito da União Europeia.

**Secretário Regional da Agricultura e Florestas (Noé Rodrigues):** Em 2003!

**O Orador:** Apesar destas circunstâncias tão difíceis a minha perspectiva perante os assuntos políticos e na vida é sempre lutar até ao último fôlego. Portanto, nesse sentido considero que o Parlamento dos Açores deve aprovar este Projecto de Resolução, deve utilizar este instrumento de negociação, este instrumento de tentativa de sensibilizar os órgãos da União Europeia, os órgãos políticos nacionais para continuar a lutar numa luta que é muito difícil, mas que acho que a devemos travar até às últimas circunstâncias.

Portanto, a minha perspectiva sobre esta matéria é esta.

Isto não invalida que dentro da economia regional se continue, com certeza, a criar alternativas, se continuem a prosseguir políticas tendentes a diversificar o sector e tendentes a não ficarmos tão dependentes das decisões que a União Europeia tomou já sobre este assunto.

Considero que o facto de o Parlamento dos Açores decidir manter a luta nesta matéria pela preservação das quotas não invalida que ao mesmo tempo a Região se esteja a precaver, que a Região esteja a desenvolver estratégias da diversificação agrícola.

As duas coisas não são incompatíveis. Podemos fazer as duas coisas, mas eu não ficaria de bem com a minha consciência, mesmo sabendo que o quadro é muito difícil, que não se fizesse esse último esforço. Mas que se diga aos agricultores dos Açores, que se lhes dê um quadro real, um quadro realista, que se lhes diga que estamos a fazer este esforço, mas que temos consciência das enormes dificuldades que vamos enfrentar e que a jornada possivelmente não será positiva, mas considero que o nosso espírito, a nossa missão é combater pelos interesses regionais até às últimas circunstâncias.

Portanto, nesse sentido a posição do PPM é de aprovar este Projecto de Resolução e em tudo aquilo que depender do PPM, da nossa força, da nossa influência, da nossa predisposição, tudo faremos para conjuntamente com os outros agentes políticos dar o nosso melhor na defesa do interesse regional, na defesa do interesse das populações.

**Deputado Pedro Gomes (PSD):** Muito bem!

**Presidente:** Sr. Deputado António Ventura tem a palavra.

(\*) **Deputado António Ventura (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Há aqui uma diferença entre nós e o PS: é que o PS já desistiu, nós ainda não desistimos desta batalha.

**Secretário Regional da Agricultura e Florestas (Noé Rodrigues):** O senhor em 2013 nem estará aqui!



**O Orador:** Esta é a grande diferença. O PS não quer envolver o primeiro órgão da autonomia, esta Assembleia, naquela que é uma oportunidade. Por mínima que seja há que envolver, não basta só por escrito. É preciso obviamente persistir no diálogo.

Recordo, Sr. Secretário, que o Ministro Sevinate Pinto, em 2003, foi o único Ministro da Agricultura que votou contra a reforma da PAC até agora por não contemplar os Açores.

**Deputado Berto Messias (PS):** Quem é que era Ministro da Agricultura em 2003?

**O Orador:** Contrariamente a Gomes da Silva, Ministro de Guterres, que enviou uma proposta para Bruxelas para trocar a produção de leite por direito de vacas aleitantes. Vendeu os Açores! Vendeu a principal produção dos Açores! Era isto que o ministro de Guterres, Gomes da Silva queria: vender a principal produção dos Açores.

Nós não podemos esquecer isso, nem vamos esquecer isso.

Sevinate Pinto votou contra a reforma da PAC.

**Secretário Regional da Agricultura e Florestas (Noé Rodrigues):** Até integrou um bloqueio!

**O Orador:** E mais! A nível regional o senhor vai-me dizer se essas medidas anunciadas pelo senhor, pelo Governo Regional, estão ou não implementadas?

O senhor conhece o impacto da abolição do sistema de quotas leiteiras nos Açores?

**Secretário Regional da Agricultura e Florestas (Noé Rodrigues):** Até temos o estudo!

**O Orador:** Estudo? Nós pedimos o estudo e não foi respondido. Nós pedimos o estudo em requerimento e os senhores não entregaram o estudo.

**Deputado João Costa (PSD):** Veja aí na gaveta!

**Secretário Regional da Agricultura e Florestas (Noé Rodrigues):** Venha cá ver!

**O Orador:** A certificação de leite está feita? Aprovada nesta casa em 2006. Está feita?

Não está feita.

**Secretário Regional da Agricultura e Florestas** (*Noé Rodrigues*): Privado!

**O Orador:** O Centro de Leite e Lacticínios anunciado pelo Presidente do Governo Regional, era então Secretário o actual Secretário da Economia, Vasco Cordeiro. Existe o Centro de Leite e Lacticínios?

Não existe. Uma medida estruturante apresentada com grande pompa e circunstância, Congresso de Agricultura em 2004, Secretário Regional da Agricultura, Vasco Cordeiro.

Não está feito.

A comissão técnica para indexar o preço do leite dos Açores ao continente existe?

Não existe.

**Secretário Regional da Agricultura e Florestas** (*Noé Rodrigues*): Está quase!

No vosso tempo o preço de leite era visto de binóculo!

**O Orador:** Está quase!

A famosa vulgarização prometida há 8 anos existe?

Não existe.

Os seguros agrícolas nesta área prometidos por Vs. Exas. existem?

Não existem.

Sr. Secretário, num assunto tão importante, de propostas...

**Presidente:** Terminou o tempo do PSD. Agradecia que terminasse.

**Secretário Regional da Agricultura e Florestas** (*Noé Rodrigues*): O senhor inventou!

**O Orador:** ...da PAC, como seja este, porque é que o Governo Regional já não seguiu o exemplo da República?

Na República, a Ministra da Agricultura tomou uma posição oficial depois de ter reunido com as associações; aqui, o Governo Regional ainda não reuniu o Conselho Regional da Agricultura, nem tomou nenhuma posição.

**Secretário Regional da Agricultura e Florestas** (*Noé Rodrigues*): Já não pode inventar mais!

**O Orador:** Parece que tudo está bem nas propostas de regulamento apresentadas.

O senhor está a esquecer-se de fazer uma coisa: de governar! Está a esquecer-se de governar! Essa é que é a questão.

E mais uma vez fica a nu a sua fragilidade relativamente à forma de governar e à forma de fazer política.

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**Deputado Ricardo Cabral (PS):** Pergunte aos açorianos!

**Secretário Regional da Agricultura e Florestas (Noé Rodrigues):** Antes a minha fragilidade do que as suas ideias.

**Presidente:** Vou dar a palavra ao Sr. Deputado Artur Lima. Recordo-lhe que o CDS/PP tem um minuto e meio.

**(\*) Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Vou ser célere Sr. Presidente e vou aproveitar da melhor maneira o minuto e meio.

Percebo o incómodo do Sr. Deputado Duarte Freitas, mas vou ler-lhe uma coisa que dá credibilidade à política e nós, agentes políticos, devemos dar credibilidade à política para que as pessoas que estão lá e que votam em nós acreditem que estamos a tratá-los como seres inteligentes que são.

Vou ler-lhe a resposta à sua questão em 2006 da Comissária Mariann Boel. Ela diz-lhe o seguinte: “É do interesse de todos conseguir uma aterragem suave [prevista neste relatório que o senhor bem conhece, está aqui, o senhor bem conhece este relatório, que é exactamente a análise económica do fim da quota leiteira. Está aqui produzido, aprovado, não se altera.] o que recomenda este relatório, de forma a evitar perturbações no sector. Quando me desloco pelos estados membros e falo com os agricultores eles pedem-me previsibilidade. Temos a obrigação de tornar bem clara ao sector agrícola se o sistema de quotas

vai continuar ou não e não deixar isso para a última da hora, a 1 de Janeiro de 2015.”

Isto é que é seriedade política.

“Precisamos de conferir essa possibilidade e neste cenário deveriam talvez ser introduzidas medidas, durante o período de transição, de modo a tornar o sistema de quotas de leite muito mais flexível do que hoje em dia.”

E depois, Sr. Deputado, em 2008 o senhor, numa questão de um relatório, do Comissário Engel (julgo que é assim que se lê), diz: “Abstive-me na votação para expressar a minha discordância com aquilo que é, na prática, o início do desmantelamento do sistema de quotas.” Ou seja, até 2015 o senhor já sabia que o prazo findo das quotas era 2015.

**Presidente:** Agradecia que terminasse, Sr. Deputado.

**Secretário Regional da Agricultura e Florestas (Noé Rodrigues):** E absteve-se!

**Deputado Pedro Gomes (PSD):** E a posição da Sra. Ministra da Agricultura?

**O Orador:** Sr. Presidente, se me permite, só um minuto.

A Sra. Ministra da Agricultura teve a posição realista, séria, objectiva, coerente que o CDS sempre teve nesta matéria: manter o sistema de quota leiteira. Sempre o dissemos, sempre lutámos por isso.

**Deputado Luís Garcia (PSD):** É esse o nosso objectivo!

**O Orador:** A Sra. Ministra foi ao Conselho de Ministros Europeu (o senhor sabe quando é que se realizou: bem recentemente. O senhor sabe.) e defendeu a manutenção da quota leiteira.

A pergunta que já fiz repetidamente: quantos mais ministros defenderam a manutenção da quota leiteira na União Europeia, Srs. Deputados? Digam a verdade às pessoas.

Quantos mais ministros dos outros países defenderam a manutenção da quota leiteira na Europa? Ela defendeu sozinha, estoicamente. Isso é verdade! Estoicamente! E o senhor sabe, Sr. Deputado Duarte Freitas, não lhe vou ensinar nada, nem quero sequer prolongar isto, que para obrigar a Comissão a ir

noutro sentido era preciso uma decisão unânime do Conselho de Ministros Europeu, Sr. Deputado.

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** Ou então o Parlamento Europeu é obrigado a tomar uma posição.

**O Orador:** Vamos dizer a verdade às pessoas.

Portanto, se todos votaram contra, excepto a ministra portuguesa, *quid juris*, Sr. Deputado!

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** Clarificou tudo.

Se o Sr. Capoulas Santos colocar isso no relatório, está tudo resolvido, através da sua decisão!

**Presidente:** Vamos continuar.

Sr. Deputado Duarte Moreira tem a palavra.

(\*) **Deputado Duarte Moreira (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O Partido Socialista reafirma a defesa intransigente da agricultura dos Açores.

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados...

**O Orador:** Reafirma a defesa da manutenção do sistema de quotas leiteiras para além de 2015.

**Deputado Cláudio Almeida (PSD):** O que é que fizeram para isso?

**O Orador:** Reafirma que estará sempre ao lado dos agricultores no apoio ao sector dos lacticínios e ao seu rendimento...

**Deputado António Ventura (PSD):** E o que é que fizeram?

**O Orador:** ...ao contrário daquilo que o PSD fez ainda há um ano atrás ao não votar favoravelmente um projecto de resolução que ia nesse mesmo sentido.

**Deputado António Ventura (PSD):** E votou contra!

**O Orador:** E ao desafio lançado ainda há pouco por mim à bancada do PSD para alterar a sua alínea b) e logicamente a c), ao não obtermos resposta, porque queríamos aprovar a alínea a), e contrapartida do PSD...

**Deputado António Ventura (PSD):** O Projecto mantém-se tal e qual! Não se altera nada.

**O Orador:** ...informamos que votaremos contra o Projecto de Resolução.

Obrigado.

**Presidente:** Sr. Deputado Aníbal Pires tem a palavra.

(\*) **Deputado Aníbal Pires (PCP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Assisti a este debate com muito interesse.

Já anunciei o meu sentido de voto, a importância que tem o Projecto de Resolução, mas não posso deixar de registar aqui o seguinte: Vs. Exas. – Partido Socialista, PSD e o CDS/PP – não têm então grande protagonismo na defesa do sector leiteiro e das quotas. Não têm!

Lá porque agora a Ministra Assumpção Cristas...

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Grande Ministra! Grande mulher!

**O Orador:** ...veio tomar a posição que tomou, isso não desculpa Vs. Exas.

O Partido Socialista Europeu, o Partido Popular Europeu, do qual Vs. Exas. fazem parte, são favoráveis à liberalização do mercado, são favoráveis ao fim das quotas.

Vs. Exas. na República e na Região não lutaram convenientemente para evitar esta situação.

Lembro-me até, ainda antes de 2008, de uma situação em que, enquanto líder do PCP/Açores, fiz algumas declarações em defesa das quotas e sua Exa. o Secretário Regional da Agricultura e Florestas veio a público aconselhar que o líder do PCP não se pronunciasse sobre o assunto, porque ao fazê-lo estava...

**Secretário Regional da Agricultura e Florestas (Noé Rodrigues):** Falar mal do sector não!

**O Orador:** Exactamente, Sr. Secretário!

...a prejudicar o sector, porque o caminho não era esse.

É uma questão de ir ver ao GaCS, Sr. Secretário Regional da Agricultura. Vá ver ao GaCS.

Quando eu fiz declarações a propósito do sector e na defesa intransigente da manutenção do regime de quotas, V. Exa. veio dizer, para a opinião pública regional, que eu estava a prejudicar o sector.

Sr. Secretário, pelo amor de Deus! Vamos lá ser rigorosos. Vs. Exas. têm a responsabilidade, porque não trilharam o percurso que deveriam ter trilhado, nem aqui, nem na República.

O PCP/Açores folga muito que Vs. Exas. hoje, nesta câmara, tenham demonstrado que, finalmente, estão unidos na defesa do regime de quotas e na defesa do sector, que é o mais importante sector económico da Região Autónoma dos Açores.

Não podia deixar de vir ao debate para dizer que o vosso passado não é esse. O vosso passado é de descuido, é de inércia, e de alinhamento com o liberalismo do mercado.

**Vozes dos Deputados da bancada do PS:** Não é verdade!

**O Orador:** Aliás, não é de estranhar.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados, vamos passar à votação deste Projecto de Resolução.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como se encontram.

As Sras. e os Srs. Deputados que discordam façam o favor de se sentar.

**Secretário:** O Projecto de Resolução apresentado foi rejeitado com 28 votos contra do PS, 4 votos contra do CDS/PP, 15 votos a favor do PSD, 1 voto a favor do BE, 1 voto a favor do PCP e 1 voto a favor do PPM.

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** Pobre da Assumpção Cristas!

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Não diga isso nem a brincar!

**Presidente:** Para uma declaração de voto tem a palavra o Sr. Deputado António Ventura.

(\*) **Deputado António Ventura (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O PS demitiu-se de defender o sistema de quotas leiteiras por não querer envolver esta Assembleia numa nova oportunidade institucional.

Esta é uma irresponsabilidade que nos será cara e atirada a esta Assembleia por não fazer tudo o que nos era possível fazer.

O PSD não desiste, não baixa os braços. Continuará esta luta.

**Deputado Cláudio Almeida (PSD):** Muito bem!

**Presidente:** Sr. Deputado Artur Lima tem a palavra.

(\*) **Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Falo no sentido da verdade, do rigor e da transparência que temos de ter para com os eleitores, para com aqueles que nos elegeram e sobretudo, neste caso, para com os nossos lavradores e agricultores que precisam de um caminho de esperança, de alternativa à quota leiteira.

Devo aqui, em primeiro lugar, elogiar o papel extraordinário da Ministra Assumpção Cristas, do CDS, que defendeu estoicamente, sozinha, no Conselho de Ministros Europeu, esta semana, a manutenção da quota.

A União Europeia não quer quota, não quer a manutenção da quota depois de 2015.

Nós temos de dizer a verdade aos agricultores para eles tomarem as medidas necessárias, para adaptarem as suas explorações a outras produções.

Temos de ser absolutamente sinceros.

Isto começou em 2003. O Sr. Deputado Duarte Freitas sabia, em 2006 perguntou, foi esclarecido. Em 2008 aceita. Estava preocupado e sabia que o fim das quotas era em 2015.

Aliás, o relatório prevê exactamente isso e a saída para o fim das quotas era, o que eles chamaram, um “*soft landing*”, uma saída suave do fim do regime de quota leiteira e foi isso que aconteceu.

Portanto, é adquirido, está decidido. Nós não podemos ir contra. Este projecto do Partido Social Democrata serve para enganar os agricultores dos Açores...

**Deputado José San-Bento (PS):** Muito bem!

**O Orador:** ...é um embuste nesse sentido, que nós não aceitamos.

**Vozes dos Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

**O Orador:** E mais! Irresponsabilidade é vir nesta altura dar falsas esperanças a uma classe que já está diminuída nos seus rendimentos e que precisa de novas



esperanças e não de falácias que não têm futuro, que não é possível aprovar e não vale a pena vir aqui dizer: “Nós queremos, nós queremos!”.

Que consciência é esta de virem dizer que querem, querem quando sabem que não pode ser!

Isso é que é uma irresponsabilidade absoluta e apenas com o fim de propaganda e de campanha eleitoral e isto é que é faltar à verdade aos eleitores. Isto não constitui alternativa, nem sequer de fazer política de oposição, quanto mais política de poder.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**Presidente:** Sr. Deputado Duarte Moreira para uma declaração de voto.

(\*) **Deputado Duarte Moreira (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O PSD ao trazer aqui hoje este Projecto de Resolução e através de um pedido de urgência não quis harmonizar connosco uma solução unânime. Ao não fazê-lo, não deixou outra margem ao Partido Socialista senão votar contra este Projecto de Resolução.

**Deputado João Costa (PSD):** Então apresentem a vossa!

**O Orador:** No entanto, reafirmámos aqui hoje, perante esta Assembleia, perante os agricultores e perante os açorianos que desde sempre defendemos a agricultura, os agricultores e a produção de leite dos Açores; que iremos continuar a fazê-lo nas diferentes áreas de responsabilidade onde o Partido Socialista está presente, desde logo, esta Assembleia, ao nível do Parlamento Europeu, ao nível do Governo Regional; que continuaremos a lutar, como já disse, nestas diferentes frentes pela manutenção do regime de quotas; continuaremos a lutar pela defesa dos agricultores dos Açores, pelos seus rendimentos e pelo futuro da agricultura nos Açores.

**Deputado António Ventura (PSD):** Por que é que esta Assembleia não luta?

**O Orador:** É por esse facto que também deixamos aqui uma palavra. Reconhecemos o momento e as dificuldades deste momento...

**Deputado António Ventura (PSD):** Não, para vocês está tudo bem!

**O Orador:** ...mas deixamos também uma palavra de esperança a todos os açorianos e a todos os agricultores, num futuro com dignidade, com um sector que está modernizado, que continuará a ser modernizado, no sentido de ser cada vez mais rentável, mais eficiente, mais eficaz e dessa forma deixamos, como já referi, esta palavra a todos os agricultores que lá em casa nos estejam a ouvir.

Podem contar com o Partido Socialista. Continuamos a lutar por todos os Açores, por todos os sectores e pela produção de leite em específico.

Obrigado.

**Deputado Berto Messias (PS):** Muito bem!

**Presidente:** Sr. Deputado Aníbal Pires para uma declaração de voto.

**(\*) Deputado Aníbal Pires (PCP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O PCP apoiou esta iniciativa que o PSD nos trouxe aqui, mantendo aquela que tem sido sempre a sua posição de defesa intransigente do regime de quotas e da salvaguarda deste importante sector da economia regional.

Mas entretanto, gostaria de acrescentar aqui o seguinte, até porque não percebi muito bem (porque reconhecendo e foi aqui afirmado e enfatizado que a Ministra Assumpção Cristas foi, no Conselho de Ministros, defender a manutenção do regime de quotas) a contradição do líder do CDS/PP, quando diz que não concorda com o regime de quotas. Mas esse é um problema interno do CDS, que o CDS há-de resolver. É efectivamente um problema que tem de resolver.

Agora há aqui uma outra questão que tem a ver com a declaração de voto que foi feita aqui pelo CDS/PP e que é a seguinte: não há inevitabilidades. A questão é esta: quem luta pode sempre ganhar; quem não luta já perdeu.

Portanto, independentemente dos perigos que existem e do que está previsto neste momento para o sector leiteiro na União Europeia, a verdade é esta: se nós não concordamos com o regime de quotas então temos de continuar a lutar para que as quotas não acabem e que o mercado não seja liberalizado.

Isso então é assim: quem luta pode sempre ganhar; quem não luta já perdeu.

Infelizmente há nesta sala quem assuma, à partida, a posição de derrotado, como é o caso do CDS/PP...

Vou ficar por aqui, porque o Deputado Artur Lima não está aqui...

**Deputado Luís Silveira (CDS/PP):** Pode continuar!

**O Orador:** Não, não!

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**Presidente:** Vamos continuar, Sras. e Srs. Deputados.

Vamos passar para o ponto seguinte da nossa ordem de trabalhos: **Pedido de urgência e dispensa de exame em comissão sobre o Projecto de Resolução n.º 58/2011 - “Recomenda ao Governo da República o não encerramento do Serviço de Finanças do Corvo”**, apresentado pela Representação Parlamentar do PPM.

Para explicar a urgência tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Estêvão.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O assunto que aqui vamos discutir (neste momento estamos a discutir a urgência) tem a ver com o facto de estarmos a poucos meses de ser executada uma medida que deixará a ilha do Corvo sem o Serviço de Finanças.

Quando aqui se debate a autonomia, quando aqui defendemos aquela que é a identidade e especificidade dos Açores e os nossos problemas concretos, não podemos (e o que eu venho aqui pedir a esta Câmara é que) deixar que a ilha, que é mais frágil, a mais pequena das ilhas irmãs dos Açores, seja a primeira a sofrer com a política de agressão do centralismo; que seja a primeira ilha a sofrer, as primeiras populações a serem abandonadas pelo poder centralista, porque o país tem problemas económicos, mas o que é essencial é que ninguém seja deixado para trás e seria por parte deste Parlamento uma enorme falta de solidariedade, uma enorme falta de convicção na coesão regional, uma enorme falta de coragem deixarmos que aquele que é o desmantelamento dos serviços do Estado, dos serviços essenciais do Estado na Região, se execute na ilha do Corvo.

Por isso, venho aqui pedir a este Parlamento a solidariedade de todas as forças políticas nesta luta de defesa da dignidade daquela população da ilha do Corvo e que mesmo sendo a ilha mais pequena merece, por isso mesmo, a solidariedade de todos os outros açorianos.

**Presidente:** Creio não haver mais intervenções.

Vamos votar o pedido de urgência.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como se encontram.

**Secretário:** O pedido de urgência foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Então agora entramos na substância.

Para apresentar o diploma tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Estêvão.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O anunciado fim do Serviço de Finanças da ilha do Corvo constituirá uma enorme injustiça.

Este processo começará a decorrer a partir do momento em que for aprovada no dia 26 de Outubro, no Conselho de Ministros, a Lei Orgânica do Ministério das Finanças.

A partir do momento de aprovação da Lei Orgânica do Ministério das Finanças começam a ser aplicadas as medidas que estão previstas também no Memorando da Troika.

O Memorando da Troika o que diz em relação a este assunto é que é necessário reduzir as posições directivas e as unidades administrativas em, pelo menos, 15% na administração central.

Como sabem o Partido Popular Monárquico não está, não assinou, não rectificou, não reconhece o Memorando de Entendimento e o conjunto de medidas que o mesmo contém e...

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** Não é um partido troikista!

**O Orador:** ...considero que as outras forças políticas que aqui estão presentes neste Plenário também não estão veiculadas à aplicação concreta deste Memorando de Entendimento no território dos Açores.

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** Estão, estão!

**O Orador:** Como os senhores compreenderão neste momento o Serviço de Finanças da ilha do Corvo não é o problema nacional fundamental.

O Serviço de Finanças da ilha do Corvo funcionava com um funcionário que se deslocava 10 dias por mês à ilha e que aí executava serviços que são fundamentais.

É evidente que me podem falar que alguns desses serviços já podem ser feitos, realizados através da internet. É verdade! Mas existem obstáculos.

Primeiro, tem a ver com o facto de aquela região do país ser a região mais desfavorecida em termos deste tipo de tecnologias, porque, como sabem, o sistema de cabos de fibra óptica, ainda não chegou ao Grupo Ocidental.

Portanto, naquele território, de forma específica, temos enormes dificuldades de ter acesso a estas tecnologias com uma eficácia suficiente.

Depois, estamos a falar também de uma ilha que é constituída, na maior parte, por idosos, uma ilha com uma população envelhecida em que nem todos têm acesso e nem todos sabem utilizar os diversos mecanismos que a administração já criou para aceder a este género de serviços.

Depois é necessário dizer que há outros serviços que têm de ser presenciais. Vou dar apenas alguns exemplos. Por exemplo, uma participação de óbito. É algo que tem de ser feito de forma presencial.

Depois, uma questão fundamental, por exemplo, num serviço de finanças, para a vida económica da ilha, que já tem tantas desvantagens devido à acessibilidade. Estou a falar do início da alteração ao encerramento de uma actividade económica, que tem de ser feito, realizada de uma forma presencial; a avaliação dos prédios em que tem de ser entregue também a documentação de uma forma presencial.

Enfim, podia aqui continuar a dar-vos muitos exemplos de um serviço que continua a ter uma série de mecanismos que exigem às populações, ao utente, que se desloque de uma forma presencial e que seja devidamente auxiliado pela administração.

Nesse sentido, é importante que fique aqui esclarecido que se alguém pensou em anular os direitos desta população aos serviços da administração das finanças, ninguém se lembrou de os isentar seja do que for.

A ilha do Corvo, a população do Corvo não está isenta de nada, continua a ter os mesmos deveres, mas não terá (se vier a ser implementada esta medida no Corvo) os mesmos direitos.

Portanto, do ponto de vista prático é esta a questão.

Pode-se falar da proximidade de outras ilhas e com a deslocação dos funcionários da ilha das Flores ao Corvo, ou do Faial, ou de uma deslocação periódica.

Em Lisboa não conhecem aquilo que se passa nos Açores, quanto mais no Grupo Ocidental, de forma específica, desconhecem e também não querem saber.

A questão fundamental é a seguinte: durante uma parte significativa do ano as ligações entre as Flores e o Corvo não são de molde a que se possa encontrar aqui uma forma de funcionamento sazonal. Não é possível, porque as condições do estado do mar não o permitem.

Há 2 anos coloquei, solicitei ao Governo Regional uma informação sobre as ligações marítimas de Novembro a Janeiro, entre as duas ilhas. Quantas viagens se tinham realizado, há 2 anos, entre Novembro e Janeiro. Vou dizer-vos: nenhuma.

O estado do mar, as condições, não permitiu que se realizasse uma única ligação entre as Flores e o Corvo.

Portanto, estamos aqui a falar de uma situação muito objectiva, de uma situação em que a população ficará muitíssimo prejudicada e se a ilha do Corvo cair meus senhores – e vou terminar esta primeira intervenção – este argumentário que nós utilizamos todos para a Lei das Finanças Regionais, para as grandes questões de maior relevância, o argumentário da insularidade, da nossa situação específica do ponto de vista geográfico, das nossas ligações, todo o argumentário da autonomia...

**Deputado Francisco César (PS):** Não olhe para aqui, Sr. Deputado, olhe para ali!

**O Orador:** ...se cair, no caso específico, a ilha do Corvo que é o caso mais grave de insularidade, que é o caso mais grave de ultraperiferia, vamos perder muito do argumentário que podemos utilizar para o futuro da defesa da autonomia dos Açores,...

**Deputado Francisco César (PS):** Olhe para ali!

**O Orador:** ...para a defesa da especificidade dos Açores.

É isto que está em causa, meus senhores.

Eu peço a solidariedade a todos os grupos políticos que eu sei que são autonomistas, eu sei que são justos, no sentido de defender os interesses desta ilha e que não deixem cair a ilha do Corvo, não deixem que aquela população passe a ser uma população com menos direitos que os outros, passe a ser uma população mal servida, uma população que continua com os mesmos deveres no âmbito das finanças e que não terá os mesmos direitos que a restante população açoriana.

Muito obrigado.

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados estão abertas as inscrições.

Já tenho algumas.

Sr. Deputado Mário Moniz tem a palavra.

**Deputado Mário Moniz (BE):** Muito obrigado, Sr. Presidente. Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Esta é uma iniciativa oportuna.

Trata-se de um projecto que visa obviar uma injustiça, injustiça essa resultante dos cortes cegos que nos querem impor nos mais variados sectores, sem olhar a meios para atingir fins que em nada beneficiam as pessoas e, neste caso particular, as corvinas e os corvinos.

É esta forma cega e desumana de fazer política que nos querem impor. É contra esta forma terrorista de governar que temos que dizer não.

Ordenar o encerramento do Serviço de Finanças do Corvo é não ter a mínima noção do que é viver naquela ilha e ter que cumprir as suas obrigações fiscais. É

fazer política à base duma grelha de verdadeiro/falso. É não perceber nada do que é um arquipélago ou então não querer perceber.

Sobretudo é uma falta de respeito para com aquela população.

O Bloco de Esquerda dá o seu apoio a este Projecto de Resolução.

Muito obrigado.

**Presidente:** Sr. Deputado Aníbal Pires tem a palavra.

(\*) **Deputado Aníbal Pires (PCP):** Muito obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Secretário Regional do Ambiente e do Mar:

O PCP vai dar o apoio a este Projecto de Resolução apresentado pelo PPM...

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Muito bem, Sr. Deputado!

**O Orador:** ...porque consideramos que (até por uma questão de princípio) qualquer encerramento de serviços públicos, seja no Corvo, seja numa freguesia, em qualquer uma das nossas ilhas ou em qualquer outro lugar do nosso país é sempre um prejuízo para as populações, é sempre um contributo para a desertificação. Factores que todos nós temos conhecimento e que depois lamentamos no futuro.

No entanto, Sr. Deputado, queria-lhe dizer o seguinte. Julgo que, e segundo os seus considerandos, estão previstos o encerramento, com o Corvo, de 9 outros serviços de finanças na Região Autónoma dos Açores. Não considero nem mais, nem menos importante o Corvo relativamente a outros concelhos e a outras ilhas.

Penso que o Sr. Deputado (e já disse que aprovo e até porque somos Deputados da Região) poderia ter olhado para a Região e a Proposta de Resolução que nos trouxe aqui, a recomendação que quer fazer ao Governo da República, ser mais abrangente e não se limitar apenas ao Corvo, exactamente na perspectiva de valorização da ilha do Corvo, colocando-a no mesmo plano de qualquer outra unidade territorial da Região Autónoma dos Açores.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**Presidente:** Sr. Deputado Artur Lima tem a palavra.

(\*) **Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Obrigado, Sr. Presidente.



Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Secretário Regional, que estoicamente resiste aqui connosco:

O Partido Popular Monárquico, em particular, o Sr. Deputado Paulo Estêvão traz aqui este Projecto de Resolução e fez muito bem em trazê-lo cá.

Somos efectivamente deputados regionais, somos sim senhor, mas devemos ter um especial carinho pela nossa terra. Ninguém nos leva a mal por isso, por termos um carinho especial pela nossa terra, de que estamos mais próximos e com maior proximidade dos eleitores.

Portanto, o seu Projecto de Resolução traz aqui uma preocupação que a nível do país e que até a nível europeu deve ser enfatizada: a questão da ultraperiferia extrema, Sr. Deputado.

O Corvo, como o CDS tem dito, e as Flores são a ultraperiferia extrema: é a ultraperiferia dentro da ultraperiferia.

**Deputado José San-Bento (PS):** Chamamos a isso a ultraperificidade!

**O Orador:** Por isso, sem abusos, também merece alguma diferenciação positiva dos governos, quer do Governo Regional, quer do Governo da República, quer da União Europeia.

Nesse sentido, parece-me que o seu Projecto de Resolução é com certeza necessário e útil para a defesa daquela pobre e pequena comunidade.

Agora, Sr. Deputado, também lhe quero dizer uma coisa: não se arrogue nem queira com isso (e sabe que o respeito e o considero muito) ser o único defensor e o defensor oficial do Corvo aqui.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Não!

**O Orador:** Todos nós defendemos o Corvo. Já há muito tempo que todos os partidos (ou quase todos) com assento parlamentar defendem o Corvo, têm carinho pelo Corvo e têm defendido o Corvo.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** É verdade!

**O Orador:** Nesse sentido, Sr. Deputado, é que não precisava dramatizar e quase chorar para que nós aprovássemos o seu Projecto de Resolução.

*(Risos do Deputado Paulo Estêvão)*

Não era necessário a dramatização excessiva que V. Exa. aqui fez...

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Não foi! Foi do coração, da emoção!

**O Orador:** ...para aprovarmos o Projecto de Resolução, porque os corvinos não são coitadinhos. Eles são tão açorianos como nós e têm tantos direitos como nós e é nessa perspectiva que o CDS votará favoravelmente...

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Muito bem!

**O Orador:** ...o seu Projecto de Resolução, Sr. Deputado Paulo Estêvão.

Muito obrigado.

**Presidente:** Sr. Deputado Joe Rego tem a palavra.

(\*) **Deputado Joe Rego (PS):** Obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O Sr. Deputado levanta esta questão baseado em notícias. Percebemos a sua preocupação e como não poderia deixar de ser concordamos que a ilha do Corvo mantenha o seu Serviço de Finanças.

Veremos, porém, o que as próximas semanas reservam nesta matéria. Estará para breve a aprovação de uma nova Lei Orgânica do Ministério das Finanças onde deverá estar prevista, pela primeira vez, a autoridade tributária que entrará em vigor em Janeiro de 2012.

O que se pede aqui é que esta Assembleia se pronuncie com base em notícias e não sobre uma proposta concreta do Governo. Se isso é verdade não deixam de ser verdadeiras as preocupações que dão conta do encerramento de 70 serviços de finanças já em 2012 e outros tantos em 2013, em todo o país.

Se isso se concretizar não poderemos crer que o Governo da República deixe qualquer ilha sem o serviço de finanças, tendo em conta a dispersão geográfica do nosso arquipélago.

Nem mesmo a grande adesão dos cidadãos aos serviços electrónicos de finanças verificada nos últimos anos poderá justificar o encerramento das Finanças no Corvo.

Aliás, o raciocínio terá de ser exactamente o contrário: por ser um serviço único na ilha terá de permanecer ao dispor dos contribuintes.

A haver fecho dos serviços de finanças terá de ser sempre nas ilhas maiores, que tenham mais do que uma estrutura do género ao dispor dos contribuintes.

**Deputados José San-Bento e Benilde Oliveira (PS):** Muito bem! Muito bem!

**O Orador:** Para terminar, quero deixar em nome do Grupo Parlamentar do PS a garantia de que tudo faremos para manter este serviço em funcionamento, caso se confirme o seu encerramento.

**Deputado Ricardo Cabral (PS):** Muito bem!

**O Orador:** Não é um favor que o Governo da República fará aos corvinos, é a sua obrigação e com isso o PS/Açores não brinca.

Disse.

**Vozes dos Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS)*

**Presidente:** Sr. Deputado Paulo Estêvão tem a palavra.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Prescindo para já, Sr. Presidente.

**Presidente:** Sr. Deputado Pedro Gomes tem a palavra.

**(\*) Deputado Pedro Gomes (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Em 2007, neste Parlamento, quando votámos por unanimidade o nosso Estatuto Político-Administrativo que veio a transformar-se em lei, a Lei n.º 2/2009, de 12 de Janeiro, fizemos inscrever um princípio fundamental na nossa lei principal. Fizemos inscrever um princípio relativo à administração do Estado na Região Autónoma dos Açores e desta norma fundamental quanto à organização dos serviços do Estado na Região Autónoma dos Açores resultam dois princípios que hoje trago aqui, a este debate, porque eles são importantes para a matéria que estamos aqui a discutir.

Em primeiro lugar, um princípio segundo o qual a administração do Estado tem que ser organizada de forma a combater as consequências negativas da insularidade e da ultraperiferia do arquipélago tendo em conta as especificidades regionais.

Em segundo lugar, e o segundo princípio, é um princípio de distribuição equilibrada dos serviços do Estado entre as diversas ilhas.

Estes dois princípios que constam do artigo n.º 132.º do nosso Estatuto são fundamentais para a apreciação desta iniciativa, mas mais do que isto e antes disto são princípios que vinculam o Estado, porque se trata de uma lei estatutária, de uma lei com valor reforçado, de uma lei com natureza paramétrica, às decisões em matéria de organização dos serviços do Estado na Região Autónoma dos Açores.

Convoco estes princípios aqui hoje para dizer que a concretização de uma medida desta natureza que vem identificada na comunicação social e que a iniciativa do PPM aqui traz é uma medida que, a concretizar-se, põe em causa estes princípios que resultam do nosso Estatuto. É uma medida que constitui uma injusta discriminação da prestação dos serviços do Estado na Região Autónoma dos Açores. É uma medida que não assegura a distribuição equilibrada dos serviços do Estado, neste caso os serviços de finanças, na Região Autónoma dos Açores. É uma medida que prejudica o acesso dos cidadãos a um serviço fundamental do Estado porque também é bom lembrar aqui que os cidadãos açorianos e portugueses do Corvo pagam também impostos e mantêm uma relação tributária com o Estado Português.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Muito bem, Sr. Deputado!

**O Orador:** Esta medida ignora a especificidade própria não apenas da mais pequena ilha dos Açores, mas do mais pequeno concelho dos Açores, onde as pessoas também (volto a dizer) pagam impostos; o mais pequeno concelho do país em que os cidadãos querem ser cidadãos que têm uma relação olhos nos olhos com a administração fiscal.

**Deputado Cláudio Almeida (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Nessa medida, Sras. e Srs. Deputados, este Projecto de Resolução que o PPM aqui nos traz é um Projecto de Resolução que merece o nosso completo apoio e o nosso voto favorável, porque nesta matéria, como noutras, o Grupo Parlamentar do Partido Social Democrata é absolutamente coerente.

**Deputados Paulo Estêvão (PPM) e Cláudio Almeida (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Não posso deixar neste momento – e assim vou terminar esta intervenção – de endereçar uma saudação especial ao Sr. Deputado Joe Rego, que usou da palavra há pouco, porque esta é a sua primeira intervenção neste Parlamento, assumiu funções neste período legislativo e quero dirigir-lhe uma saudação particular. Dizer-lhe que gostei de o ouvir nesta primeira intervenção que fez no Plenário e espero que tenha sucesso na função de representante do povo Açores.

**Vozes dos Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** Sr. Deputado Paulo Estêvão tem a palavra.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Secretário Regional:

Quero dirigir, em primeiro lugar, as primeiras palavras ao Sr. Deputado Joe Rego que nesta intervenção se colocou ao lado da defesa dos interesses do Corvo.

Considero que esta posição é importantíssima. Influenciou o seu Grupo Parlamentar numa tomada de posição positiva.

Acho que é uma entrada, Sr. Deputado, com o pé direito, com toda a força política e considero que todos nós, todos os Deputados aqui nesta casa, estamos a prestar um bom serviço à autonomia, estamos a prestar um bom serviço à ilha do Corvo.

Nós os dois fomos eleitos pela ilha do Corvo. Evidentemente defendemos os interesses da Região e dentro dos interesses da Região estão especificamente também os interesses da ilha do Corvo, como seremos solidários com os restantes Deputados desta casa quando estiver em causa o interesse regional ou o interesse de qualquer outra ilha.

Portanto, aqui somos todos deputados regionais, todos têm uma enorme legitimidade e um enorme poder de defender os interesses da Região e de todas as ilhas que a compõem.

Nesse sentido, considero que a posição que aqui foi anunciada por unanimidade é muito importante e é bom ver que é um bom precedente para a defesa do interesse da autonomia contra tentações centralistas, porque nós demonstramos,

enviamos uma mensagem para Lisboa: que não deixamos cair ninguém, não deixamos ninguém para trás, mesmo que seja a ilha mais pequena, mesmo que seja a ilha mais desfavorecida dos Açores.

Muito obrigado.

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados, creio que podemos votar este Projecto de Resolução da Representação Parlamentar do PPM.

Assim vamos fazer.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como se encontram.

**Secretário:** O Projecto de Resolução apresentado foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** É bonito!

*(Aplausos da Câmara)*

Passamos para o ponto seguinte da nossa ordem de trabalhos: **Pedido de autorização para prestação de depoimento, na qualidade de testemunha, do Deputado Artur Manuel Leal Lima, no âmbito da acção de Processo Comum n.º 421/10.OTBVPV, que corre termos na Secção Única do Tribunal Judicial de Praia da Vitória.**

É para o Sr. Deputado ser ouvido como testemunha.

O Sr. Deputado afirmou na Comissão que nada tem a ver com o exercício das suas funções de deputado. Concorda em ser ouvido. O relatório é nesse sentido.

Vamos votar o relatório.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam com o relatório façam o favor de se manter como se encontram.

**Secretário:** O relatório apresentado foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Proposta de deliberação: **A Mesa da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores propõe que a Assembleia declare findo o período legislativo de Outubro.**

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como se encontram.

**Secretário:** A proposta de deliberação apresentada foi aprovada por unanimidade.

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados, terminámos os nossos trabalhos.

Muito boa tarde. Bom regresso a vossas casas e até sempre.

*(Eram 19 horas e 08 minutos)*

(\* ) Texto não revisto pelo Orador.

*Deputados que entraram durante a sessão:*

***Partido Social Democrata (PSD)***

**Rui Manuel Maciel Costa de Oliveira Ramos**

***Partido Popular (CDS/PP)***

**Artur Manuel Leal de Lima**

## **CORRESPONDÊNCIA**

**Relatórios e Pareceres:**

**Assunto:** [Proposta de Lei nº 25/XII – “Estabelece um regime de renovação extraordinária dos contratos de trabalho a termo certo, bem como o regime e o modo de cálculo da compensação aplicável aos contratos objecto dessa renovação”](#)

**Data de entrada:** 2011 – OUTUBRO – 20

**Comissão:** Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho;

**Assunto:** Projecto de Decreto-Lei n.º 94/2011 – Procede à alteração do regime jurídico do Comércio Europeu de Licenças de Emissão (CELE), aprovado pelo Decreto-Lei n.º 233/2004, de 14 de Dezembro, transpondo parcialmente a Directiva n.º 2009/29/CE, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 23 de Abril, designada por «nova directiva CELE»

**Data de entrada:** 2011 – OUTUBRO – 20

**Comissão:** Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho;

**Assunto:** Pedido de autorização para o Deputado Artur Lima prestar depoimento, na qualidade de testemunha, no âmbito da Acção de Processo Comum n.º 421/10.0TBVPV, que corre termos na Secção Única do Tribunal Judicial de Praia da Vitória.

**Data de entrada:** 2011 – OUTUBRO – 20

**Comissão:** Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho.

*Pela Redatora, Ana Sofia Pereira da Silva Machado*